

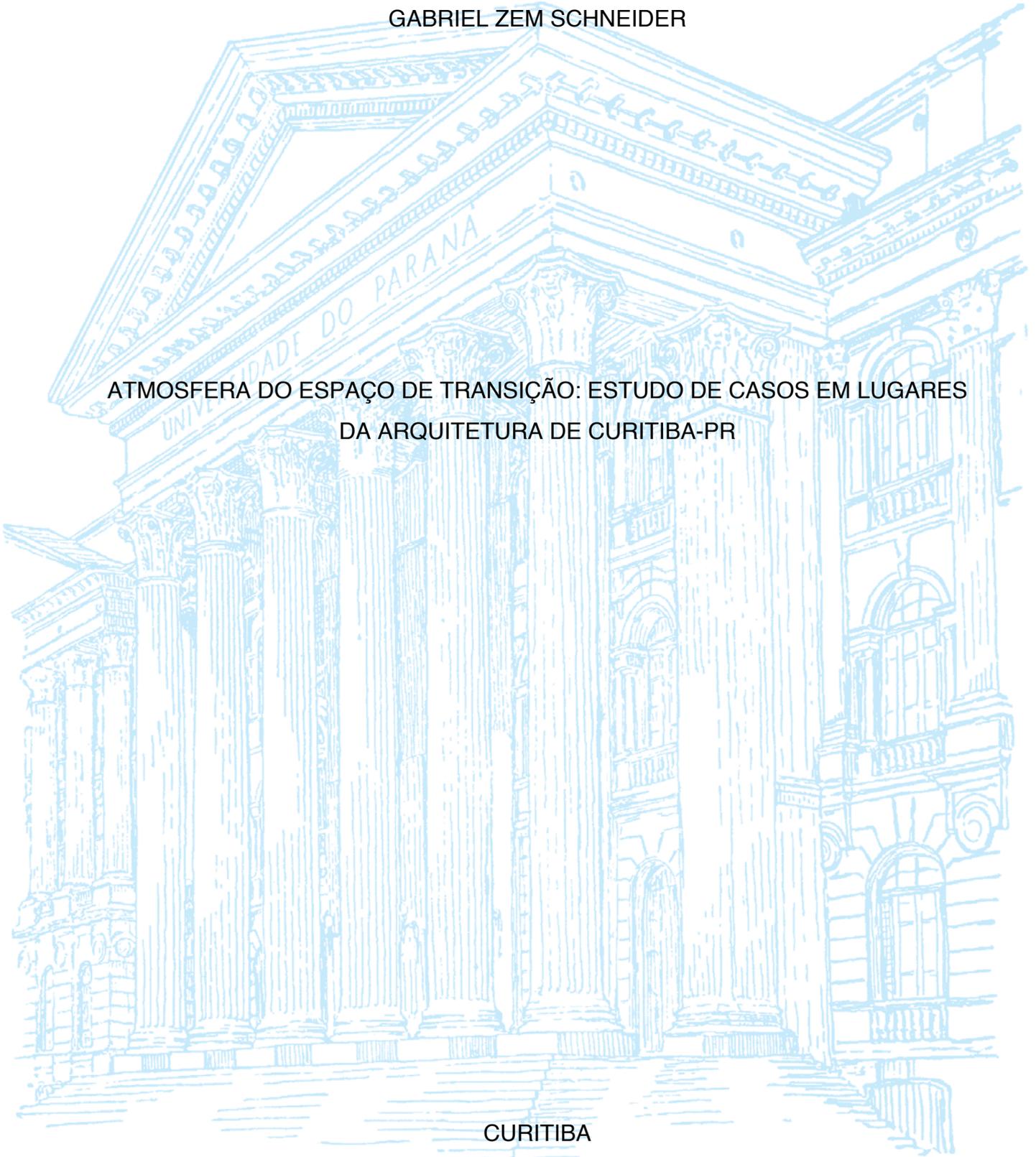
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIEL ZEM SCHNEIDER

ATMOSFERA DO ESPAÇO DE TRANSIÇÃO: ESTUDO DE CASOS EM LUGARES
DA ARQUITETURA DE CURITIBA-PR

CURITIBA

2020



GABRIEL ZEM SCHNEIDER

ATMOSFERA DO ESPAÇO DE TRANSIÇÃO: ESTUDO DE CASOS EM LUGARES
DA ARQUITETURA DE CURITIBA-PR

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Design ao Programa de Pós-Graduação em Design, Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

Linha de Pesquisa: Design de Sistemas de Produção e Utilização

Orientador: Prof. Dr. Aloísio Leoni Schmid

CURITIBA

2020

Catálogo na publicação
Sistema de Bibliotecas UFPR
Biblioteca de Artes, Comunicação e Design/Cabral
(Elaborado por: Sheila Barreto (CRB 9-1242))

Schneider, Gabriel Zem.

Atmosfera do espaço de transição: estudo de casos em lugares da arquitetura de Curitiba-PR./ Gabriel Zem Schneider. – Curitiba, 2020.
175 f: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Aloísio Leoni Schmid.

Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-Graduação em Design, 2020.

1. Design. 2. Ambiente construído. 3. Espaços de transição. 4. Arquitetura. I. Título.

CDD 745.2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em DESIGN da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **GABRIEL ZEM SCHNEIDER** intitulada: **ATMOSFERA DO ESPAÇO DE TRANSIÇÃO: ESTUDO DE CASOS EM LUGARES DA ARQUITETURA DE CURITIBA-PR**, sob orientação do Prof. Dr. ALOÍSIO LEONI SCHMID, que após terem conhecido a unidade e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo Colegiado, ao atendimento de todas as condições e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Junho de 2020.

Assinatura Eletrônica

27/06/2020 10:41:50.0

ALOÍSIO LEONI SCHMID

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

26/06/2020 19:26:32.0

STEPHANIA PADOVANI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

01/10/2020 17:02:59.0

CLEUSA DE CASTRO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - DEP. ARQUITETURA E URBANISMO)

Dedico à Curitiba imaginada e à Curitiba construída.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Paraná por novamente me acolher como no período de minha graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Ao programa de Pós-Graduação em Design por me aceitar como um de seus mestrandos e demais pesquisadores.

Ao professor Aloísio Schmid pelo seu apoio, dedicação, orientação, paciência e por ter aceitado o desafio de me guiar na elaboração do trabalho.

Aos colegas de docência e Faculdade Tecnológica de Curitiba por proporcionar minha primeira experiência com o ensino de arquitetos e urbanistas.

Aos amigos e familiares pelas conversas e entusiasmo com o tema de pesquisa.

Aos amigos e sócios, Franco Faust, Lucas Aguilera e Thiago Augustus pelo seu apoio dentro e fora do Solo Arquitetos.

Aos meus pais, Ivonete e Roderley Schneider, pelo carinho e segurança sempre.

À minha esposa, Giovana Tsukamoto Schneider, pelo suporte inestimável.

A forma importa. Não tanto a forma das coisas, mas a forma entre coisas.

(ALLEN, S., 1999, apud. SYKES, 2013)

RESUMO

A temática do ambiente construído em arquitetura e urbanismo normalmente denota uma abordagem orientada pelos aspectos físicos do conforto ambiental, o que de certa forma reduz a noção de experiência em arquitetura à maneira como os usuários reagem à estas condições físicas do ambiente. Porém, através de uma noção mais ampla do que se entende por experiência, é oportuno abordar como as atmosferas e o caráter conformam a qualidade de experiência do usuário em arquitetura. Paralelamente, no contexto da cidade, confrontamo-nos com a distância da arquitetura para sua dimensão coletiva: o edifício é muitas vezes concebido como objeto isolado estabelecendo divisas no espaço entre as atmosferas pública e privada. O que colabora na construção de um espaço repleto de divisas, ambientes vazios, inseguros e sem atrativos para usuários e habitantes. Dessa forma, pergunta-se: como é possível então propor espaços que dialoguem com o coletivo e ao mesmo tempo permitam conformar a experiência positiva das atmosferas, considerando esta realidade? A partir desta inquietação, o trabalho de pesquisa pretende criar um enfoque na produção e uso dos espaços de transição do ambiente construído dos edifícios centrais em Curitiba, considerando o caso no espaço entre as atmosferas coletivas e individuais dos objetos arquitetônicos e da cidade. Portanto, entendendo o espaço de transição como um dispositivo qualificador da experiência do espaço público e do objeto arquitetônico, desenvolveu-se neste estudo um panorama do ambiente construído nos espaços de transição em edifícios centrais da cidade e buscou-se interpretar como estas transições permitem estabelecer maneiras de pensar seu design para um possível melhoramento deste espaço, baseando-se no desenvolvimento de uma revisão bibliográfica, no estudo de múltiplos casos de edifícios existentes e posterior geração de possibilidades para apoiar a concepção e construção de um espaço ambivalente, atuando em ambas atmosferas pública e privada como modo de atuar na qualidade das atmosferas da cidade.

Palavras-chave: Espaços de Transição, Ambiente Construído, Experiência do Usuário, Arquitetura.

ABSTRACT

The subject of built environments in architecture and urban planning is usually inclined to the discussion of physical aspects of environmental comfort, which, in a certain way, diminishes the awareness of an experience of architecture, in matter of how users react to this environment conditions. However, through a wider notion of what experience means, it is appropriate to attend how atmospheres and character take place at the quality of the user experience in architecture. At the same time, in the context of the city, we face up the distance of architecture and its collective dimension: the building is often conceived as an isolated object, establishing limits in the space between public and private atmospheres. Which helps to construct a space full of barriers, empty, insecure spaces with no appeal to the users and inhabitants. Thus, the question is: how is it possible then to offer spaces that dialogue with the collective and at the same time allow to conform a positive experience of atmospheres, regarding this reality? From that question, the research aims to focus on the production and uses of the transitional spaces of built environments of Curitiba's downtown buildings, considering the space between collective and individual atmospheres from the city's architectural objects. Therefore, from understanding transitional space as a qualifying device of public space and architectural objects' experience, it was developed in this study an overview of built environment on transition spaces of downtown area buildings. The research pursued to translate how these transitions allow to set up new ways of thinking its design to improve the referred space, based on the development of a bibliography review, studying multiple cases of existing buildings and a posterior generation of possibilities to support the conception and construction of an ambivalent space, operating on both public and private atmospheres, as a way to deal with the quality of city's atmospheres.

Keywords: Transition spaces, Transitional spaces, In-between spaces, Built Environment, User Experience, Architecture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadrantes das atmosferas. Fonte: Schmid, 2018.	22
Figura 2 - Visão Geral do método	28
Figura 3 - Um padrão de espaço de transição (padrão 112). ALEXANDER et al. (1977, p. 552).....	39
Figura 4 - Representação dos edifícios de "Nós". Fonte: Eda Akaltun, disponível em: < http://www.edosatwork.com/We >	46
Figura 5 - Evolução da grafia de "B"(5), desde sua origem semita (1;2). Fonte: Enciclopédia Britânica, 2020, disponível em: < https://www.britannica.com/topic/B-letter >.....	47
Figura 6 - A planta da casa butantã de Paulo Mendes da Rocha e João de Gennaro. Fonte: Archdaily, 2014. Disponível em < https://www.archdaily.com.br/br/01-181073/classicos-da-arquitetura-casa-no-butanta-slash-paulo-mendes-da-rocha-e-joao-de-gennaro >	48
Figura 7 - Padrões de bordas ativas. Fonte: ALEXANDER et al., 1977, p. 754.	54
Figura 8 - Padrão de bordas inertes. Fonte: ALEXANDER et al. 1977, p. 753.....	54
Figura 9 - As quatro operações para sustentar o exercício de projeto no centro de São Paulo. Fonte: O autor, adaptado de BUCCI, 2010.	58
Figura 10 - Antes e depois dos <i>Playgrounds</i> de Van Eyck. Fonte: Children of Technology, 2020, Disponível em: < https://childrenoftechnology.wordpress.com/2012/10/04/aldo-van-eyck-the-playgrounds-and-the-city/ >	66
Figura 11 - Trecho do mapa de Nolli para Roma. Em branco os espaços vazios e em preto as massas construídas inacessíveis ao público. Certos momentos, a região branca se aproveita das aberturas da massa sólida para se integrar ao espaço público. Fonte: Research Gate, 2020, disponível em < https://www.researchgate.net/figure/Giovanni-Battista-Nolli-b-1701-Italy-Pianta-Grande-di-Roma-1748-fig9-235982982 >	69
Figura 12 - Princípios da habitação Incremental. Fonte: Elemental, 2020, disponível em < http://www.elementalchile.cl/en/ >	74

Figura 13 - Habitação Incremental recém entregue em Quinta Monroy, Chile. Fonte: Archdaily, 2020, disponível em < https://www.archdaily.com.br/br/01-28605/quinta-monroy-elemental >	75
Figura 14 - Habitação Incremental após incrementos dos moradores. Fonte: Archdaily, 2020, disponível em < https://www.archdaily.com.br/br/01-28605/quinta-monroy-elemental >	76
Figura 15 - Procedimento de condução do estudo de caso. Fonte: Adaptado de SANTOS, 2018, p. 96.	85
Figura 16 - Visão geral do método. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	86
Figura 17 - Fase 1 da pesquisa. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	87
Figura 18 - Fase 2 de pesquisa - Estudo de múltiplos casos. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	88
Figura 19 - Fase 3 de pesquisa - Relatório visual do espaço de transição em Curitiba. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	89
Figura 20 - Edifícios selecionados no estudo piloto. Fonte: Elaborado pelo Autor (2018).....	90
Figura 21 - Resultados do questionário. Fonte: Elaborado pelo Autor (2018).....	91
Figura 22 - Percurso entre os casos selecionados. Fonte: Google Earth com anotações do Autor, 2020.	95
Figura 23 - Shopping Crystal - Tipologia de produção de galeria desnivelada. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	100
Figura 24 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Shopping Crystal. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	100
Figura 25 - Diagrama axonométrico - Shopping Crystal. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	101
Figura 27 - Desempenhos da transição - Shopping Crystal. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	102
Figura 28 - Recursos de transposição de nível. Fonte: do Autor (2020).....	102
Figura 29 - Acesso ao Shopping Crystal pela R. Comendador Araújo. Fonte: do Autor (2020).	103
Figura 30 - Hotel Pestana - Tipologia de produção em Torre recuada e praça em nível. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	105
Figura 31 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Hotel Pestana. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	105

Figura 32 - Diagrama axonométrico - Hotel Pestana. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	106
Figura 33 - Desempenho da transição - Hotel Pestana. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	107
Figura 34 - Acesso à praça do complexo do Hotel Pestana. Fonte: do Autor (2020).	107
Figura 35 - Shopping Omar - Tipologia de produção em galeria desnivelada. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	108
Figura 36 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Shopping Omar. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	109
Figura 37 - Diagrama axonométrico - Shopping Omar. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	110
Figura 38 - Desempenho da Transição - Shopping Omar. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	111
Figura 39 - - Acesso pela R. Comendador Araújo ao Shopping Omar. Fonte: do Autor (2020).	111
Figura 40 - <i>Universe Life Square</i> - Tipologia de produção em torres recuadas e praças em pódios elevados. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)....	113
Figura 41 - Sobreposição de atmosferas e recursos - <i>Universe Life Square</i> . Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	113
Figura 42 - Diagrama axonométrico - <i>Universe Life Square</i> . Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	114
Figura 43 - Desempenho da transição - <i>Universe life square</i> . Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	115
Figura 44 - Praças em pódio do edifício <i>Universe Life Square</i> . Fonte: do Autor (2020).	115
Figura 45 - Ed. Everest e R. 24h - Tipologia de produção em embasamento comercial, galeria nivelada e integração entre lotes separados. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	117
Figura 46 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Ed. Everest e R. 24h. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	117
Figura 47 - Diagrama Axonométrico - Ed. Everest e Rua 24 h. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	118

Figura 48 - Desempenho da transição - Ed. Everest e Rua 24h. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	119
Figura 49 - Acessos à Rua 24h. Fonte: do Autor (2020).	119
Figura 50 - Interface entre rua 24h e Ed. Everest. Fonte: do Autor (2020).	120
Figura 51 - Praça Rui Barbosa - Tipologias de produção em infraestruturas espalhadas e cobertura conciliadora. . Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	121
Figura 52 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Praça Rui Barbosa. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	122
Figura 53 - Diagrama axonométrico - Praça Rui Barbosa. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	123
Figura 54 - Desempenho da transição - Praça Rui Barbosa. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	124
Figura 55 - Praça Rui Barbosa. Fonte: do Autor (2020).	124
Figura 56 - Praça Rui Barbosa. Fonte: do Autor (2020).	125
Figura 57 - Rua da Cidadania Matriz. Fonte: do Autor (2020).	125
Figura 58 - <i>Central Park Gallery</i> - Tipologia de produção em torre sobreposta e galeria nivelada. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	127
Figura 59 - Sobreposição de atmosferas e recursos - <i>Central Park Gallery</i> . Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	127
Figura 60 - Diagrama axonométrico - <i>Central Park Gallery</i> . Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	128
Figura 61 - Desempenho da Transição - <i>Central Park Gallery</i> . Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	129
Figura 62 - <i>Central Park Gallery</i> . Fonte: do Autor (2020).	129
Figura 63 - Galeria Tijuca - Tipologia de produção em torre extrudada e galeria nivelada aglutinadora de fluxos. . Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	130
Figura 64 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Galeria Tijuca. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	131
Figura 65 - Diagrama axonométrico - Galeria Tijuca. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	131
Figura 66 - Desempenho da Transição - Galeria Tijuca. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	132

Figura 67 - Galeria Tijucas. Fonte: do Autor (2020).....	133
Figura 68 - Teatro universitário de Curitiba - Tipologia de produção passarela subterrânea híbrida. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	134
Figura 69 - Sobreposição de atmosferas e recursos - T.U.C. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	134
Figura 70 - Diagrama axonométrico - T.U.C. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)..	135
Figura 71 - Desempenho da transição - T.U.C. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	136
Figura 72 - Chegada ao T.U.C. Fonte: do Autor (2020).....	136
Figura 73 - Shopping Itália - Tipologia de produção de embasamento em pódios sobrepostos. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	137
Figura 74 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Shopping Itália. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	138
Figura 75 - Diagrama axonométrico - Shopping Itália. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	139
Figura 76 - Galeria interna do Shopping Itália. Fonte: do Autor (2020).	139
Figura 77 - Desempenho da transição - Shopping Itália. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	140
Figura 78 - Shopping Itália. Fonte: do Autor (2020).	140
Figura 79 - Terminal metropolitano Guadalupe - Tipologia de produção de infraestruturas concentradas e cobertura conciliadora. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	141
Figura 80 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Terminal metropolitano Guadalupe. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	142
Figura 81 - Diagrama axonométrico - Terminal metropolitano Guadalupe. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	143
Figura 82 - Desempenho da transição - Terminal metropolitano Guadalupe. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	144
Figura 83 - Terminal Metropolitano Guadalupe. Fonte: do Autor (2020).	144
Figura 84 - Terminal Metropolitano Guadalupe. Fonte: do Autor (2020).	145
Figura 85 - Capital Shopping Centro - Tipologia de produção de embasamento comercial nivelado com estaqueamento de níveis. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	146
Figura 86 - Capital Shopping Centro. Fonte: do Autor (2020).....	146

Figura 87 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Capital Shopping Centro. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	147
Figura 88 - Diagrama axonométrico - Capital Shopping Centro. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	148
Figura 89 - Desempenho da Transição. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	149
Figura 90 - Capital Shopping Centro - Recursos de circulação. Fonte: do Autor (2020).....	149
Figura 91 - Mercado Municipal de Curitiba - Tipologia de produção de edifício quadra incrementado com cobertura conciliadora e múltiplos acessos. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	151
Figura 92 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Mercado Municipal de Curitiba. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	151
Figura 93 - Diagrama axonométrico - Mercado Municipal. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	152
Figura 94 - Desempenho da transição - Mercado municipal. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	153
Figura 95 - Mercado Municipal - Vistas internas. Fonte: do Autor (2020).....	153
Figura 96 - Recursos de conexões de níveis no Mercado Municipal. Fonte: do Autor (2020).....	154
Figura 97 - Mercado Municipal - Relações entre interno e externo. Fonte: do Autor (2020).....	154
Figura 98 - Reitoria UFPR - Tipologia de produção em arranjo de edifícios soltos com térreo livre. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	155
Figura 99 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Reitoria UFPR. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	156
Figura 100 - Diagrama axonométrico - Reitoria UFPR. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	157
Figura 101 - Desempenho da transição - Reitoria UFPR. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).....	157
Figura 102 - Reitoria da Universidade Federal do Paraná. Fonte: do Autor (2020).	158
Figura 103 - Pátio da Reitoria UFPR. Fonte: do Autor (2020).	158
Figura 104 - Gráficos de desempenho dos casos selecionados. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	161

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categorias dos espaços de transição – 1) Espaço externo; 2) Transição; 3) Espaço interno. Fonte: O Autor, adaptado de DJAMEL, 2006, apud. BALSINI, 2014.	57
Tabela 2 - Definições de solidez. Tradução livre. Fonte: Adaptado a partir de MASS et al., 2018, p. 17-18.	68
Tabela 3 – Relações entre porosidade e qualidades ambientais. Tradução livre. Fonte: Adaptado a partir de MASS et al., 2018, p. 30-37, Ilustrações do Autor (2020).	71
Tabela 4 -Resumo dos padrões de utilização e suas nuances. Fonte: O autor.	80
Tabela 5 - Critérios de desempenho das qualidades de utilização dos espaços de transição. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	97
Tabela 6 - Critérios de desempenho da porosidade. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	98
Tabela 7 - Qualidades da transição e notas para cada caso selecionado. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	159
Tabela 8 - Qualidades e notas de Porosidade. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	160
Tabela 9 - Possibilidades de atuação dos espaços selecionados. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).	165

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
1.1	PROBLEMATIZAÇÃO	19
1.1.1	Atmosfera: a dimensão negligenciada do Ambiente Construído	19
1.1.2	Ambiente construído enquanto dispositivo urbano	22
1.1.3	Problema.....	24
1.2	OBJETIVO	24
1.3	JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA.....	24
1.4	UNIDADE DE ANÁLISE.....	26
1.5	VISÃO GERAL DO MÉTODO	27
1.6	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	28
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	30
2.1	LIMITES.....	30
2.2	A TRANSIÇÃO.....	33
2.3	TRANSIÇÃO E CIDADE	42
2.4	O ESPAÇO AMBIVALENTE	51
2.4.1	Padrões de produção: A transição construída.....	52
2.4.2	Padrões de utilização: A transição vivida.....	58
2.5	SÍNTESE ENTRE TRANSIÇÃO E ATMOSFERA	80
3	MÉTODO	82
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	82
3.2	ESTUDO DE CASO	82
3.2.1	Procedimentos do Estudo de Caso.....	84
3.3	DETALHAMENTO DAS FASES DE PESQUISA	87
3.3.1	Fase 1	87
3.3.2	Fase 2	87
3.3.3	Fase 3	88
4	DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO	90
4.1	TESTE PILOTO DE PESQUISA	90

4.2	PERCURSO DE COLETA DE DADOS	92
4.2.2	Shopping Crystal – Galeria desnivelada.....	98
4.2.3	Hotel Pestana – Torre recuada e praça em nível.	103
4.2.4	Shopping Omar – Galeria desnivelada	107
4.2.5	<i>Universe Life Square</i> – Torre recuada e praças recuadas em pódios isolados	111
4.2.6	Edifício Everest e Rua 24 Horas – Embasamento comercial, Galeria nivelada e integração entre lotes separados	115
4.2.7	Praça Rui Barbosa – Infraestruturas espalhadas e cobertura conciliadora	120
4.2.8	<i>Central Park Gallery</i> – Torre sobreposta e Galeria nivelada	126
4.2.9	Galeria Tijucas – Torre extrudada e galeria nivelada aglutinadora de fluxos	130
4.2.10	Teatro Universitário de Curitiba – Passarela subterrânea híbrida ..	133
4.2.11	Shopping Itália – Embasamento comercial em pódios sobrepostos	136
4.2.12	Terminal Metropolitano Guadalupe – Infraestrutura concentrada e cobertura conciliadora.....	141
4.2.13	Capital Shopping Centro – Embasamento comercial nivelado com estaqueamento de níveis	145
4.2.14	Mercado Municipal de Curitiba – Edifício quadra incrementado com cobertura conciliadora e múltiplos acessos.....	150
4.2.15	Reitoria da Universidade Federal do Paraná – Arranjo de edifícios soltos com térreo livre.	155
4.3	ORGANIZAÇÃO PRELIMINAR	159
4.4	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	162
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	167
5.1	REFLEXÕES SOBRE O PROBLEMA DE PESQUISA	167
5.2	REFLEXÕES ACERCA DO OBJETIVO DE PESQUISA.....	168
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	170

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

O problema do presente trabalho de pesquisa se vale de duas concepções básicas de entendimento:

1.1.1 Atmosfera: a dimensão negligenciada do Ambiente Construído

É comum abordar as qualidades do espaço construído em escolas de arquitetura e urbanismo com um apanhado de leituras de aspectos físicos inerentes à tecnologia das edificações. O chamado desempenho das edificações, que, através de métricas de análise de som, calor e luz, permite orientar as estratégias projetuais para se atingir determinada faixa de desempenho ótimo para cada ambiente. Estes critérios, atrelados à dimensão humana de utilização compõe o estudo do conforto ambiental, ou apenas conforto.

A ideia de conforto como modo de aproximar a dimensão humana do processo de projeto se assemelha ao que é comum no meio do Design Gráfico ou de Produto como Design Centrado no Usuário (D.C.U.). Ainda que para Kistmann (2014), a atividade fim do Design seja o projeto (assim como à Arquitetura e Engenharias), a abordagem do D.C.U. enfatiza a elaboração de projetos com o usuário em foco. Em ambos, o processo de projeto busca a solução para um problema derivado da necessidade de uma terceira parte (usuário) e a interação resultante entre esta e o produto é o que se define como experiência.

Por experiência, entende-se, de maneira ampla, a prática ou experimentação de determinado fenômeno. No Design, classifica-se experiência como o fenômeno resultante da interação do usuário com o produto. Embora o termo “experiência do usuário” se refere comumente ao desígnio específico de interações da interface humano-eletrônico, pode-se entender por “UX” a relação resultante da interação entre usuário e qualquer objeto de design.

Segundo Forlizzi e Battarbee (2004), modelos e teorias de experiência podem ser encontrados em Design, Filosofia, Antropologia, Ciências Sociais e Cognitivas, Administração e Arquitetura. Estes modelos e teorias de experiência podem ser

agrupados em três categorias: centrados no produto, centrados no usuário e centrados na interação.

Os modelos centrados no produto auxiliam no design de produtos voltados à qualidade de experiência do usuário. Para Alben (1994), há oito critérios necessários para mensurar a qualidade dessa experiência: entendimento dos usuários, mutabilidade, necessidade/desejo, facilidade de aprendizagem e usabilidade, processo de design efetivo, apropriabilidade, experiência estética e administrabilidade. Esta aproximação aos modelos centrados no produto normalmente se baseia em “*checklists*” de experiências e problemas encontrados pelos usuários para contribuir no desenvolvimento do processo de design. Já as teorias e modos centrados na interação se concentram no papel do produto que preenche o vazio entre o projetista e usuário final. Dewey (1934) define os aspectos qualitativos de experiência com o objeto: “experiência é o engajamento pessoal em relacionamento com o objeto em uma situação”. Os modelos e teorias de experiência centrados no usuário se baseiam no entendimento das ações e os aspectos relevantes para a experiência da pessoa, cujos aspectos são gerados na interação do usuário com o produto.

Para Wright et al. (2004) experiências podem ser divididas em quatro tópicos ou níveis que contribuem em ações que criam significado: composicional, sensorial, emocional e espaço-temporal, paralelamente, Margolin (1997) disserta sobre quatro dimensões nas quais as pessoas interagem com produtos: operacional, inventiva, estética e social. Novamente em Forlizzi et al. (2007), a interação entre usuário e produto pode ser fluente (hábitos diários, tarefas simples), cognitiva (envolvem mauseio, resultam em conhecimento ou confusão) ou expressiva (ajudam no relacionamento e apego ao produto). Estas interações geram três tipos de experiência:

“Experiência”: um fluxo constante de “conversa consigo mesmo” (self-talk) que acontece quando interagimos com um produto;

“Uma Experiência” ou “A Experiência”: pode ser articulada ou nomeada e possui um início e fim. Esta pode influenciar o comportamento e mudança emocional;

“Co-Experiência” ou “Experiência coletiva”: criação de significado e emoções em conjunto de vários usuários com um produto.

Com essa noção, é possível afirmar que a emoção é o cerne de toda experiência humana. Ela preenche a lacuna entre usuário e produto e afeta até mesmo como se planeja interagir com um produto de design, é a expressão do *continuum* do plano mental e físico.

Ainda, Forlizzi et al. (2004) definem que o infinito conjunto de pequenas interações e respostas emocionais constrói uma experiência mais forte através do tempo e essa “escalabilidade” demonstra como a experiência de um usuário muda através do tempo na relação com o produto. Portanto, para definir a qualidade de uma experiência, é necessário mapear outras pequenas experiências para entender melhor o relacionamento do usuário com determinado produto.

Paralelamente, em Arquitetura, a noção de experiência é substituída pela relação resultante do uso de um espaço para a função para que este fora pensado ou não. Sua diferenciação em relação à experiência do design é puramente a condição de imersão completa do usuário no espaço projetado, inclusive em condições subjetivas, comumente passando pelos conceitos de “habitar” ou “atmosfera”.

Pretendo também estreitar as relações do tema na Arquitetura sob a ótica do design da experiência do usuário (*User experience – UX*), visando construir uma argumentação que possa dar respaldo a uma delimitação de Arquitetura centrada na experiência do usuário. Com essa noção delimitada, aproxima-se o debate arquitetônico das ideias e métodos do design centrado no usuário.

Essa reflexão sobre experiência aos olhos do Design se faz pertinente num contexto onde a interação entre usuário – ambiente construído é reduzida a critérios de desempenho físico no conforto ambiental ou ainda quando se confunde ainda com a noção geral de “bem-estar”. Dessa forma, se faz necessária uma revisão ou nova abordagem no campo de estudo. Schmid (2018) sugere, dentro deste panorama, a tratativa do conforto como a ideia de “Atmosfera”, termo oriundo da fenomenologia, que se demonstra mais preciso para ser utilizado na arquitetura. Conceito este que abriga a predisposição emocional pelo contínuo concomitante de fatos (internos e

externos) e arranjos ambientais e sujeito, ainda que de maneira indefinida, como se tratasse de um meio entre sujeito e objeto.

Atmosferas para Zumthor (2009, p. 11-13) se comunicam com nossa percepção emocional, uma compreensão imediata que se relaciona com nosso instinto de sobrevivência: perceber uma atmosfera se dá num instante com a ligação emocional e reação imediatas. Assim como a experiência em design, as atmosferas na arquitetura se ligam à relação entre usuário e objeto.

Ainda em Schmid (2018), o conforto é uma das atmosferas de um quadrante que envolve também atmosferas de aventura, perigo e tédio, através dos eixos de estimulante-desestimulante e positivo-negativo (Figura 1).

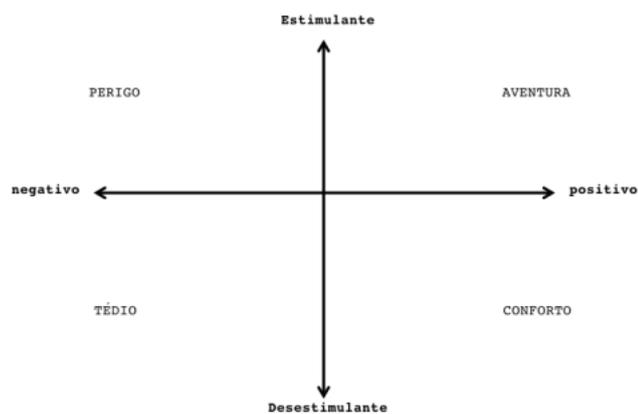


Figura 1 - Quadrantes das atmosferas Fonte: Schmid 2018

As mudanças destes quadrantes se relacionam também com alterações no tempo (dia e noite) e noções ambientais (dentro e fora). Essa ideia embasa o estudo dos espaços de transição, lidando com as atmosferas públicas e privadas na cidade e as respectivas maneiras de atuar entre estas para propor projetos para a cidade.

1.1.2 Ambiente construído enquanto dispositivo urbano

Ao enxergar arquitetura como dispositivo, pressupõe-se uma quantidade de métodos, procedimentos, tipologias, modos de interpretar e tratar um determinado problema. Nesse sentido, de qual forma a arquitetura produzida na cidade de Curitiba busca responder ao contexto urbano e ser um dispositivo para a vitalidade do espaço?

Para Stan Allen (1999, apud SYKES, 2013), as condições do campo (“qualquer matriz formal ou espacial capaz de unificar diversos elementos” ou, segundo Sykes, 2013, p 91: “tecnologias digitais, redes e sistemas de comunicação e informação, comportamento do usuário”) são capazes de gerar projeto que atendem a vida cotidiana, considerando a arquitetura como fundo e não figura, a forma importa, mas não tanto a forma em si, mas a forma entre as coisas.

Dessa forma encaixa-se o entendimento da arquitetura como um dispositivo de se considerar as condições de campo¹ na prática de projeto. Aproxima-se do entendimento de qual forma a produção do espaço das grandes cidades lida com a tensão dialética entre duas dimensões de existência ou programáticas: público e privado, horizontalidade e verticalidade, externo e interno, dentro e fora, dissolução e alienação, etc. (ALLEN, 1999 apud. SYKES, 2013; BUCCI, 2010; SANTOS, 2006). Ao focar as relações entre edifício e urbanidade, cria-se uma outra dimensão de espaço: o espaço entre limites ou simplesmente transição.

A transição na arquitetura atua como elemento mediador entre duas atmosferas: o lugar de dentro e o lugar de fora. Portanto para entender a transição, é necessário evocar o conceito de lugar que, para Norberg-Schulz, é uma

(...) totalidade constituída de coisas concretas que possuem substância material, forma, textura e cor. Juntas estas coisas determinam uma ‘qualidade ambiental’ que é a essência do lugar. Em geral, um lugar é dado como esse caráter peculiar ou ‘atmosfera’. Portanto, um lugar é um fenômeno qualitativo ‘total’, que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista sua natureza concreta.” (NORBERG-SCHULZ apud NESBITT, 2008, p.444-445).

Um lugar é irredutível, é a totalidade da experiência da arquitetura (cujo objetivo, ainda em Norberg-Schulz, é sempre tornar-se lugar), logo, presume-se que

¹ Para Allen, condições de campo são quaisquer matrizes ou arranjos espaciais capazes de unificar elementos isolados, respeitando sua identidade. Estas condições delimitam e lidam com as relações entre as partes, daí a expressão “a forma importa, não tanto a forma das coisas, mas sim a forma entre as coisas”.

não pode ser dividida ou reduzida. Nesse sentido a transição também pode ser encarada como parte irredutível da experiência ou do fenômeno do lugar.

Sabendo-se que a transição é um elemento mediador entre edifício e sua urbanidade, pode esta ser entendida como um lugar por si só? Ao passo que se conecta com dois lugares, sua definição parece perder significado: Se ao adentrar a um lugar, a experiência é irredutível, como se classifica o espaço-entre lugares? Um Não-lugar?

Nesta noção a pesquisa tenta compreender como este lugar/não lugar influi na compreensão e construção da atmosfera dos espaços, bem como desconsidera a arquitetura como um objeto fechado e com fim em si mesmo, mas como parte de um conjunto, temática constante nos projetos contemporâneos de arquitetura.

1.1.3 Problema

Sendo assim, chega-se à seguinte questão: o espaço de transição, limítrofe entre cidade e edifício pode, de alguma forma gerar novas dinâmicas urbanas e vitalidade nas cidades? Ainda, levando-se em conta estas concepções levantadas anteriormente, problematiza-se: **quais possibilidades o espaço de transição oferece como maneira de operar em arquitetura na cidade de Curitiba?**

1.2 OBJETIVO

O trabalho reside na realidade construída através do estudo de casos concretos visando identificar alternativas e modos de atuação que o objeto arquitetônico pode assumir para qualificar o espaço urbano através dos espaços de transição.

Portanto, como objetivo geral da pesquisa, pretende-se **identificar estratégias de projeto que dialogam e conformam atmosferas públicas e privadas através do ambiente construído do espaço de transição.**

1.3 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

O espaço de transição existe numa dimensão ambígua entre o espaço da cidade e o ambiente construído. Dessa forma, constitui-se numa peça chave para potencializar a qualidade ambiental da dimensão pública da cidade e do espaço

privado, dimensão normalmente não alcançável para o planejamento urbano. Isso demonstra grande importância no contexto de crescimento e adensamento das cidades brasileiras. No prospecto da urbanização mundial, realizado pela Organização das nações unidas em 2018, prevê-se que dois terços da população mundial viverão em áreas urbanas até o ano de 2050 (ONU, 2018). Atualmente, essa porcentagem alcançou o emblemático número de 55,3% (ibid., 2018), mais da metade da população mundial já reside em áreas urbanas. No Brasil, em 1964, 50% da população brasileira já vivia em áreas urbanizadas e prevê-se que em 2050, 92,4% dos brasileiros sejam habitantes destas.

O adensamento da população urbana traz consigo desafios para o desenvolvimento de uma sociedade e ambiente construído sustentáveis ou desejáveis. O planejamento urbano, por conta deste adensamento, confronta diretamente a congestão, crime, doenças contagiosas e outros, que segundo Glaeser (2011) são problemas pouco abordados pelos gestores, que deveriam garantir na cidade um ambiente de prazer e produtividade com saneamento básico, trânsito fluido e vizinhanças seguras, ou, resumidamente, qualidade de vida urbana (NAHAS, 2015).

Destacam-se aqui as necessidades de segurança e necessidades sociais, realizando-se um paralelo à dimensão simbólica de dois ambientes: a casa e a rua. A casa, como elemento primordial íntimo de segurança, quando nos retiramos do convívio social e adentramos ao nosso universo pessoal de abrigo e afeto. A rua como símbolo de cidadania, convívio social, cultural e o próprio retrato da sociedade. Duas dimensões ambientais diferentes e ambíguas, representadas na pirâmide de Maslow como necessidades humanas. Speck (2018, p. 14) resgata essa importância:

“Na ausência de maior visão ou iniciativa, os engenheiros [de tráfego] (...) transformaram os centros de nossas cidades em lugares fáceis de chegar, mas aonde não vale a pena ir. Códigos de obras e zoneamentos desatualizados, geralmente importados dos chamados *suburbs*, ou bairros residenciais distantes, adequaram-se à – pouco atraente – paisagem das ruas com os edifícios particulares, igualmente antissociais, completando uma esfera pública insegura, desconfortável ou simplesmente tediosa. Na medida em que um número crescente de

americanos opta por estilos de vida mais urbanos, em geral, acabam se defrontando com centros que não os recebem bem.” (SPECK, J. 2018, p. 14).

A casa nunca será rua e a esta jamais atenderá ao isolamento e proteção que a outra pressupõe, mas as duas dimensões são interdependentes: Ruas mais seguras e atraentes são ruas com mais pessoas e atividades e esse tipo de ambiente público é fomentado justamente pelo *mix* de usos (SPECK, 2018, p. 103-105).

Pensar na atmosfera pública da rua é pensar no modo com que a esfera ambiental privada a conforma, logo não se pode separar a concepção de atmosfera pública excluída do particular: a percepção arquitetônica é um *continuum* de fenômenos entre mente e mundo físico (PALLASMAA, 2018, p.108). Portanto interessa aos objetivos do trabalho o espaço entre tais dimensões², a transição propriamente dita, abordando duplamente o espaço de todos, analogamente a rua, e o espaço individual, a casa ou espaço particular.

Essa abordagem do espaço de transição como tratamento e conformação dos espaços públicos e privados possibilita encarar a construção coletiva da cidade a partir da sua mínima parte, os edifícios, que podem se tornar condensadores da infraestrutura consolidada dos centros urbanos.

Bem como, considerar a transição como diretriz de projeto permite a criação de novos espaços públicos e um possível desenvolvimento da densidade da experiência do espaço coletivo, através de recuos que favorecem o encontro, fachadas e vitrines que se comunicam e utilizam a transição como recurso, travessias facilitadas e, a longo prazo, a produção de melhorias efetivas no ambiente construído em áreas públicas por meio da vitalidade do espaço público gerada por estes edifícios mais bem conectados às condições do campo.

1.4 UNIDADE DE ANÁLISE

O objeto de pesquisa é o espaço de transição entre o espaço público e o espaço privado, que pode ser entendido como os recursos que um edifício apresenta

² Essa discussão é especialmente interessante nos espaços centrais justamente pela confusão e congestão dos limites entre estas esferas de vida: o centro consolidado parece fundir as atmosferas públicas e privadas, sem muros e recuos frontais obrigatórios.

para conectar ambos. De modo a definir um recorte geográfico da pesquisa, propõe-se sua delimitação no centro da cidade de Curitiba, justamente pela vivência pessoal na cidade e pela percepção contrastante nos usos dos espaços transitórios dos edifícios centrais que possuem estratégias de transição similares.

Sendo assim o recorte específico de pesquisa se concentrará em estudos de múltiplos casos de edifícios construídos que, de certa maneira, tentaram promover abordagens singulares de espaços de transição acarretando diferentes atmosferas para o espaço público e privado.

1.5 VISÃO GERAL DO MÉTODO

O método proposto buscou organizar o aparato de pesquisa em cinco Fases, sendo cada uma delas referente à progressão do método principal escolhido: Estudos de múltiplos casos. As fases são as seguintes:

- a) Fase 1 – Compreensão do problema – Revisão bibliográfica assistemática / Narrativa;
- b) Fase 2 – Estudo de Múltiplos Casos – Mapeamento, seleção e coleta de dados;
- c) Fase 3 – Conclusão do Estudo de caso – Resultados e discussão da análise de dados coletados;



Figura 2 - V são Gera do método

1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

O documento foi pensado dividido em cinco principais setores textuais - Introdução, Fundamentação teórica, Descrição do método, Discussão dos resultados e Considerações finais.

Além do capítulo atual, introdutório ao restante do trabalho, onde se apresenta uma visão geral da pesquisa e como esta foi inicialmente planejada e justificada, a fundamentação teórica destina-se a explorar conceitos e definições acerca do tema. O segundo capítulo está dividido em quatro seções:

- a) Limites
- b) A transição
- c) Transição e cidade
- d) O espaço ambivalente

O terceiro capítulo enfoca a descrição e detalhamento do método e do aparato de pesquisa que amparam este trabalho, visando redigir uma descrição de cada etapa e os resultados esperados.

O quarto capítulo organiza-se de maneira similar ao anterior, porém destina-se a explanar os resultados obtidos em cada etapa de pesquisa e dissertar acerca destes resultados, com o objetivo de gerar a reflexão acerca destes nos procedimentos de análise e catalogação dos estudos de casos de quatorze lugares selecionados com o auxílio da elaboração de diagramas arquitetônicos e representações gráficas de síntese. O quinto capítulo se concentrará em gerar orientações para os próximos trabalhos cujos temas possam utilizar este documento como referência de pesquisa ou para amparo à prática de arquitetura.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Início o capítulo com três questionamentos para amparar o desenvolvimento da fundamentação teórica, realizada a partir de uma revisão bibliográfica de referencial teórico.

- a) O que é o espaço de transição?
- b) Como a transição atua no ambiente construído e cidade?
- c) Quais padrões são possíveis no espaço de transição?

2.1 LIMITES

Para construir a noção sobre espaço de transição, é preciso primordialmente entender a definição de limites na arquitetura. Em seu significado mais aceito, limite denota “fronteira”, “divisa” ou “linha que, real ou imaginária, delimita e separa um território de outro” (DICIO, 2018). Mas será uma linha, de fato a representação ideal de um limite?

Por definição, os limites na cidade são criados para ordenamento da parcela de terra referente a cada porção privativa do território. Essa linha-limite é representada fisicamente ou de modo abstrato através de lotes, mapas cadastrais, cercas e muros, ruas, quadras, bairros, cidades, áreas rurais, unidades federativas, países, organizações internacionais de comércio, latitudes, longitudes e qualquer outra forma de separação na tentativa de localizar ou arranjar os espaços.

Para Milton Santos (1997) esse emaranhado de limites (segmentações contínuas, contíguas e descontínuas) que estão contidos no espaço possui exatamente dois recortes possíveis: horizontalidades e verticalidades (referindo-se à natureza socioeconômica do espaço). Em Santos (1997, p. 192),

“(...) os arranjos espaciais não se dão apenas através de figuras formadas de pontos contínuos e contíguos. Hoje, ao lado dessas manchas, ou por sobre essas manchas, há, também, constelações de pontos descontínuos, mas interligados, que definem um espaço de fluxos reguladores. As segmentações e partições presentes no espaço sugerem, pelo menos, que se admitam dois recortes. De um lado, há extensões formadas de pontos que se agregam sem

descontinuidade, como na definição tradicional de região. São as horizontalidades. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia. São as verticalidades. O espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente. (...)" (SANTOS, M. 1997, p. 192).

Mais além, afirma as cidades como o ponto de interseção das verticalidades e horizontalidades. Ângelo Bucci (2010) ilustra estes recortes ou segmentações da seguinte maneira: Imaginando uma teia ("Impalpável, descontínua e segmentada") que envolve o globo terrestre, produzindo uma sombra sobre o chão. Quando esta teia imaginária "escolhe" um ponto na terra, direciona um raio vertical que "carrega consigo vetores de uma racionalidade superior e do discurso pragmático dos setores hegemônicos", criando uma ordenação cotidiana "obediente e disciplinada", uma cidade. Este seria o recorte das verticalidades na produção do espaço, o ponto no chão é o lugar, que "na sua integração sem descontinuidade com outros pontos contínuos e contíguos do território estabelece outro tipo de integração" denominada horizontalidade (BUCCI, 2010).

De certa forma, Milton Santos ainda destaca uma tendência de uma união vertical dos lugares decorrente da globalização e também as classifica como vetores entrópicos, focados no seu próprio benefício:

"Créditos internacionais são postos à disposição dos países e das regiões mais pobres para permitir que as redes se estabeleçam ao serviço do grande capital" (SANTOS M. 1997 p. 194)

Porém os lugares "podem se refortalecer horizontalmente" a partir do que chama de "ações localmente constituídas" que visam o interesse coletivo e ampliem a "coesão da sociedade civil" (p. 194), nessa ordem se estabelece o trabalho de pesquisa.

No ambiente das horizontalidades, o plano contínuo e contíguo que contém a espessura do chão, especialmente densa no território urbano das cidades, os limites são sobrepostos e transpassados.

"Hoje, não podemos mais conceber a distinção entre um espaço interno e um espaço externo, entre um espaço

apenas meu e um espaço de todos, hoje, é componente do espaço urbanístico qualquer coisa que, na contínua mutação da realidade ambiental, retém por um instante nossa atenção, obriga-nos a reconhecer-nos ainda que para tomar consciência de nossa nulidade) em um objeto ou em algo que, não sendo objeto no sentido tradicional do termo, ainda é algo que não conhecemos e cuja chave, cujo código de interpretação devemos encontrar."ARGAN, Giulio Carlo. Capítulo "Urbanismo, espaço e ambiente". História da arte como história da cidade, p. 224.

Dentro desta noção, é possível entender duas diferenciações entre os limites e os vetores horizontais e verticais do espaço: a fronteira e a divisa. A fronteira permite a comunicação, trocas e experiências mútuas, enquanto a divisa deseja a ruptura das continuidades. Paralelamente a Santos, Richard Sennett (2018) descreve o conceito de cidade aberta. Em suma, a cidade aberta é um espaço que trabalha e aceita a diversidade e suas próprias ambiguidades, possibilita as trocas, aceita e permite o desenvolvimento da cidade através do tempo, enquanto a cidade fechada prefere soluções simples e diretas e não lida bem com as incertezas da sociedade, “numa cidade fechada, a divisa prevalece; uma cidade aberta contém mais fronteiras” (SENNETT, 2018, p. 257).

A noção de Sennett a despeito da cidade contemporânea vai de encontro ao que defende o movimento “Novo Urbanismo” – *New Urbanism* – em sua “Carta para um novo urbanismo” de 1996. Para Sykes (2013, p. 52), este movimento surge como um manifesto em defesa de “projetos urbanos caracterizados pela criação de bairros com uso misto do solo, níveis de renda variados, diversidade social, alta densidade e respeito pelo pedestre, com projetos sustentáveis e específicos”. Uma cidade repleta de fronteiras.

Os vetores do espaço de Milton Santos permitem entender as maneiras como as cidades lidam com os arranjos espaciais urbanos, já Stan Allen (apud. SYKES, 2013) define a ideia de “campo” como o território de atuação destas tensões do espaço, que dialoga e contém os limites. Não só território de ações das verticalidades e horizontalidades, mas também **condicionante** das maneiras como estas atuam na cidade. Allen descreve que as condições de campo como “fenômenos de baixo para

cima, definidas não por esquemas geométricos gerais, e sim por conexões locais intrincadas. (apud. SYKES, p. 93). As horizontalidades afetam e condicionam as verticalidades.

As condições de campo são formas de operar originados do contato constante com a realidade. Dentro dessa condição, as formas de se operar no campo importam mais do que a própria forma do objeto. Nesse sentido, Bucci (2010) descreve quatro operações possíveis para se operar em São Paulo (transportar, infiltrar, invadir e mirar) e até mesmo Sennett (2018) descreve éticas para a construção mental e física da cidade aberta (formas sincrônicas, interrompidas, porosas, incompletas e múltiplas). Estas maneiras de atuar definem o que Michael Speacks conceitua como “Inteligência de Projeto” (*Design Intelligence*), o paradigma para a prática arquitetônica do séc. XXI.

Nesse panorama, limites podem ser encarados como condições de campo decorrentes das forças que definem os arranjos espaciais. Independente dos aspectos qualitativos (fronteira ou divisa), atuar em arquitetura na cidade enquanto campo também é considerar as maneiras como os edifícios se dissolvem no espaço urbano e lidam com a inteligência de projeto para dialogar com os limites, construídos ou imaginados.

Dessa maneira, a experiência dentro dos edifícios e da própria cidade é estabelecida também pela forma como lidamos com os limites ou, como Bucci aborda, como “atravessamos paredes”. É possível reconhecer que há também que se considerar a maneira com a qual se projetam os espaços transitórios, que buscam justamente modos de se lidar com as tensões dualísticas (público e privado, externo e interno, aberto e fechado, vertical e horizontal) nos edifícios e na cidade.

2.2 A TRANSIÇÃO

A palavra “limite” carrega o significado de separação tanto no tempo quanto no espaço: Uma linha que separa duas porções ou extensões, ou um momento que determina a duração de um período. Dessa forma, também se encara aqui o limite como “transição”, buscando ampliar a condição de não-lugar desse espaço para um entendimento diferente e cabível de projeção, cujo design pode ser desenhado e analisado.

Transição carrega em seu significado a noção de fenômeno, de passagem, de um estado a outro (ou condição). Quando se pensa em espaços de transição, à escala do edifício e projetos de arquitetura, podemos imaginar, em um primeiro momento, a passagem entre sagrado-profano em edificações sacras como recurso para construir o caráter e a atmosfera destas edificações.

Tomando como recurso de visualização, selecionamos a catedral nacional em Brasília, de Oscar Niemeyer, cuja transição contribui para elucidar a noção de espaço transitório e como o arquiteto tratou o diálogo estabelecido pelos limites.

No plano de acesso, o volume da cobertura de vitrais da catedral emerge, branco e imponente, do piso de concreto, cinza e democrático (no sentido de permitir a livre circulação), mas para entrar no edifício precisa-se **descer** a rampa de acesso. Destaca-se a ação de descida. O recurso da rampa em declive parece surgir como antagonico às subidas de escadarias das igrejas tradicionais.

A escadaria da igreja tradicional é justamente um espaço de transição que pode ser entendido como recurso de projeto ao conferir o caráter da busca pela elevação espiritual através desta analogia direta ou o que permite o diálogo entre os limites do plano sagrado e profano.

No caso de Niemeyer, a rampa de descida inverte o efeito das igrejas tradicionais. Ironicamente, todas suas construções do plano original dispostas no eixo monumental de Brasília possuem transições em elevação ou diretamente no nível do chão. Tal decisão não se faz arbitrariamente, de fato estas obras “demonstram o quanto Niemeyer entendia a finalidade da arquitetura como expressão artística formal capaz de representar de maneira fiel a dimensão simbólica da vida em sociedade” (LAUANDE, 2013).

Após a rampa, revestida com placas de borracha preta, chega-se numa espécie de caverna, também preta, de onde se observa a luz das claraboias de vitrais da catedral, neste espaço, percebe-se como a transição entre o profano do piso cinza de concreto e movimento da vida urbana se conformava ao chegar na nave da igreja, ladeada com placas de mármore branco num perfeito círculo em planta, sem nenhuma quina ou junção.

Para Barnabé (2007),

“O adentrar por uma passagem sombria, antes de se introduzir sob a coroa de concreto e vidro, é um artifício que reforça, por contraste, a intensidade luminosa e o dinamismo em ascensão do espaço interno.

A sombra sobre a rampa, quase escuridão em certas horas do dia, acentua-se pelos revestimentos escuros e pelas dimensões reduzidas do túnel de acesso. “

Dessa maneira o espaço de transição condiciona toda experiência sensorial em uma obra extremamente carregada de significados e artifícios simbólicos. Barnabé (ibid.) ainda disserta na relação que a presença da luz natural deste espaço de transição estabelece entre o espaço sagrado e profano. Niemeyer criou o artifício para privar a luz natural do céu de Brasília e ao mesmo tempo evidenciá-lo ao chegar na nave da Catedral.

Este é um exemplo sobre a relação que o espaço de transição estabelece no ambiente construído para a conformação do completo fenômeno arquitetônico: auxiliando a amplificar a noção de como o espaço e o usuário se comunicam num *continuum* (PALLASMAA, 2018). O encontro com o Sagrado – realizado pela transição – é o que se percebe ao adentrar a catedral nacional: a própria apoteose.

A transição nos espaços das construções é um tema também exposto por Alexander et al. (1977, p. 549), ao abordarem padrões “atemporais” de espaços de transição. Para estes,

“A **experiência** de entrar em uma edificação influencia na maneira de se sentir dentro da construção. Se a transição é muito abrupta não há sensação de chegada, e o ambiente interno falha em se tornar um santuário íntimo.” (ALEXANDER, C. et al., 1977, p.549) ³

³ Tradução livre: “The experience of entering a building influences the way you feel inside the building. If the transition is too abrupt there is no feeling of arrival, and the inside of the building fails to be an inner sanctum.” (ALEXANDER, C. et al., 1977, p.549)

Por experiência, entende-se, de maneira ampla, a prática ou experimentação de determinado fenômeno. No Design, classifica-se experiência como o fenômeno resultante da interação do usuário com o produto. Embora o termo “experiência do usuário” se refere comumente ao desígnio específico de interações da interface humano-eletrônico, pode-se entender por “UX” a relação resultante da interação entre usuário e qualquer objeto de design.

Paralelamente, em Arquitetura, pode-se entender por *experiência* a relação resultante do uso de um espaço para a função para que este fora pensado ou não. Sua diferenciação em relação à experiência do design é puramente a condição de imersão completa do usuário no espaço projetado, inclusive em condições subjetivas, comumente passando pelos conceitos de “habitar” ou “atmosfera”.

Juhani Pallasmaa (2017) defende que a ideia de experiência em arquitetura se baseia no encontro ou interação da realidade arquitetônica (tempo e espaço) com a pessoa (mente e corpo). Dessa forma, o espaço construído intermedia o mundo externo e o universo interior do usuário, projetando quadros de percepção e entendimento como interação, logo, Pallasmaa oferece uma noção de experiência em arquitetura como um produto da percepção completa do usuário (com todos os sentidos, sejam eles físicos ou metafísicos) provocada ou guiada pela arquitetura. Arquitetura assume a postura de um verbo, ou seja, sua essência é um convite à ação, um guia, um coreógrafo dessa ação (“Construções estão mais próximas de confissões pessoais do que resoluções de problemas”).

A ideia de experiência em arquitetura presente no discurso de Pallasmaa se desenvolve a partir do estudo da fenomenologia da arquitetura, que para Nesbitt (1996) é um dos paradigmas teóricos definidos pelo pós-modernismo, que se aproximou da reflexão filosófica ao problematizar a interação do corpo humano com seu ambiente. Nesse contexto, encontram-se diversos autores-arquitetos, apoiados na produção filosófica de autores como Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty, Edmund Husserl, Gaston Bachelard, Otto Bollnow e outros, que desenvolveram uma base teórica para a fenomenologia da arquitetura e assim uma agenda para a construção da noção de experiência na arquitetura.

Inserido nesse cenário, Christian Norberg-Schulz (1983, apud NESBITT, 1996) coloca-se como crítico à arquitetura moderna embasado por textos de Martin Heidegger, principalmente em “Construir, Habitar, Pensar” de 1957, em que é possível extrair a ideia de experiência em arquitetura (enquanto produto da interação humana com o espaço) como o conceito do “Habitar”. Para Norberg-Schulz, a arquitetura moderna se distanciou do “habitar” em detrimento da função e do maquinismo diagramático do projeto de arquitetura. O propósito da arquitetura em Norberg-Schulz é a “produção de lugares”, tanto fisicamente como simbolicamente, o que compõe a qualidade da experiência do “lugar” ou “atmosferas” como conceitua Zumthor (2009).

Também Heidegger (1957) no emblemático “Construir, Habitar, Pensar” talvez tenha conceituado a noção mais aplicável de experiência do usuário na arquitetura, justamente por não escrever diretamente sobre arquitetura, mas sobre o “habitar”. Quando se fala em “habitar”, não se busca necessariamente a ideia de moradia, mas o modo que o homem é (no sentido ontológico) sobre a terra, ou, em uma noção mais ampla: como se interage com o espaço. Mais além em Pallasmaa, “habitar é, ao mesmo tempo, um evento e uma qualidade mental e experimental e um cenário funcional, material e técnico”. A experiência em arquitetura se molda de acordo com as emoções do usuário ao mesmo tempo em que ela própria atua como abrigo estas emoções, uma consequência da experiência, como cita Zumthor;

“Nós percebemos atmosferas através da nossa sensibilidade emocional – uma forma de percepção que funciona incrivelmente rápido e que evidentemente precisamos, enquanto humanos, para sobreviver.”⁴
(ZUMTHOR, P. apud PALLASMAA, 2014)

Voltando à catedral de Niemeyer, através da rampa em declive, dialogamos com estas noções de experiência através do uso da transição como principal recurso da inteligência de projeto ao se condicionar o que Alexander et al. afirmam quando

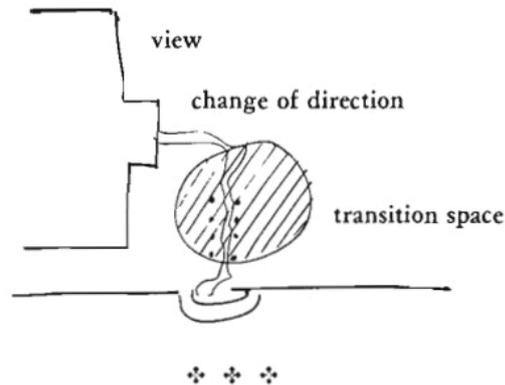
⁴ Tradução livre: “We perceive atmospheres through our emotional sensibility – a form of perception that works incredibly quickly, and which we humans evidently need to help us survive.”
(ZUMTHOR, P. apud PALLASMAA, 2014)

escrevem que a “experiência de entrar em um edifício influencia o modo como você se sente dentro”.

Ainda em “*A Pattern Language*” (ALEXANDER et al., 1977), os autores citam a transição como uma consequência da “entrada”, demarcada no limite das construções entre o espaço público, movimentado, diversificado e o espaço privado, intimista e seguro. Segundo estes, há uma espécie de “comportamento de rua” quando se está presente na rua, ou espaço público aberto.

Assim como no acesso à Catedral, a chegada em casa denota uma mudança no comportamento de rua, quando nos assentamos e relaxamos após nos livrarmos da tensão do movimento no espaço público, e tal experiência só é presenciada ou de fato acontece enquanto há uma transição, um espaço físico. Como um padrão de linguagem em projeto, os autores elaboram o seguinte diagrama:

Make a transition space between the street and the front door. Bring the path which connects street and entrance through this transition space, and mark it with a change of light, a change of sound, a change of direction, a change of surface, a change of level, perhaps by gateways which make a change of enclosure, and above all with a change of view.



Emphasize the momentary view which marks the transition by a glimpse of a distant place—ZEN VIEW (134); perhaps make a gateway or a simple garden gate to mark the entrance—GARDEN WALL (173); and emphasize the change of light—TAPESTRY OF LIGHT AND DARK (135), TRELLISED WALK (174). The transition runs right up to the front door, up to the ENTRANCE ROOM (130), and marks the beginning of the INTIMACY GRADIENT (127). . . .

Figura 3 - Um padrão de espaço de transição (padrão 112)⁵ ALEXANDER et al. (1977 p. 552)

A transição da catedral de Brasília atua, então, como a condicionante chave para dialogar com os limites, inclusive os comportamentais, ao se encarregar de deixar para fora o chamado “comportamento de rua” dos usuários.

Paralelamente à forma como Niemeyer cria tal importância ao espaço de transição aqui ilustrada com a Catedral de Brasília, a cultura japonesa possui uma

⁵ Tradução livre: “Faça um espaço de transição entre a rua e a porta de entrada. Traga o caminho que conecta a rua e entrada por estes espaços de transição, e marque-o com uma mudança de iluminação, acústica, direção, superfícies, níveis, talvez por portões que façam esta mudança de fechamento e, acima de tudo, com uma mudança de vista.

Evidencie a vista momentânea que marca a transição com um relance de um lugar distante – *vista zen* (134); ou então faça um portal ou um simples portão ajardinado para marcar a entrada – *Muro Jardim* (173); e evidencie a mudança de iluminação – *Texturas de luz sombra* (135), *passagens Trelaçadas* (174). A transição vai até a porta de entrada e até ao *Hall de Entrada* (130) e marca o começo do *Degrade Íntimo* (127).” ALEXANDER et al. (1977, p. 552).

maneira ímpar para definir as transições e sua importância para as qualidades da experiência no espaço construído.

Baseando-se nos estudos de Arata Isozaki (2011) sobre a natureza de uma filosofia da arquitetura japonesa, encontra-se o conceito da palavra “*Ma*” - 間 - traduzido como “interstício”, cujo ideograma reside tanto no conceito de espaço (空間 – *kukan*) quanto de tempo (時間 – *jikan*). O Ideograma “*Ma*” é utilizado como segundo caractere em ambos. Para Isozaki, *Ma* originalmente significa “o espaço entre as coisas que existem próximas uma à outra; então vem a significar um interstício entre coisas – uma ruptura; depois, uma sala como um espaço definido por colunas e / ou telas de *byōbu*; num contexto temporal, é o tempo de descanso ou pausa durante uma ocorrência de um fenômeno e outro”.

A ideia de *Ma*, mais do que uma pausa ou simplesmente a sua tradução literal como “vazio”, não pode ser encarada somente no universo tridimensional ou temporal, mas também nas redomas da subjetividade da experiência, artes ou sociedade e até mesmo da metafísica (NITSCHKE, G. 2018). 間が悪い (*ma ga warui*), por exemplo, significa “estou desconfortável, envergonhado”, seja a expressão utilizada para se referir ao humor de colocação desnecessária ou ao se denotar uma atmosfera ruim (ambiental ou social), segundo Nitschke (2018), uma correspondente contemporânea desta expressão seria “*The vibes are bad*” (“as vibrações estão ruins”). Assim, percebe-se a colocação de *Ma* também para se denotar a atmosfera do lugar e é atribuída até mesmo à noção de ser humano (人間 – *ningen* – Pessoa / Lugar).

Outra maneira de interpretar as transições aparece em Foucault. Em “Outros Espaços”, define as heterotopias, o “contraespaço”, um ambiente absolutamente diferente de uma utopia e também da própria realidade, um espaço rebelde que se conforma entre estas duas dimensões e se destina a “apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los” (FOULCAULT, M. 2013, p. 20).

Foucault utiliza diversas figuras de linguagem para exemplificar as heterotopias, o *outro lugar* como o autor classifica. Por exemplo a viagem de núpcias entendida sob a luz dos conceitos de heterotopia e heterocronia: ainda no século XIX a sexualidade e suas primeiras formas de aparição eram interessantes que

aparecessem em *outro lugar*, “era preciso que a defloração da jovem não ocorresse na mesma casa onde ela nascera, era preciso que esta defloração ocorresse, de certo modo, *em parte alguma*” (FOULCAULT, 2013, p. 22).

Cemitérios, Casas de repouso, clínicas psiquiátricas, prisões, o espelho, um navio, todos estes contraespaços seguem cinco princípios de uma ciência, chamada “Heterotopologia” (Adaptado de FOULCALT, M., 2013, p. 19-30):

- Não há, provavelmente uma sociedade que não constitua suas heterotopias;
- Através da história, toda sociedade pode fazer diluir e fazer desaparecer uma heterotopia ou organizar uma nova;
- A heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis;
- Heterotopias são frequentemente ligadas a recortes singulares do tempo;
- As heterotopias possuem sempre um sistema de abertura e de fechamento que as isola em relação ao espaço periférico.

A heterotopia liga-se ao “*ma*”, ao espaço de transição em “*A pattern Language*” ou no projeto de Niemeyer para a Catedral de Brasília, de forma que seus conceitos se inter-relacionam ao se referir ao espaço transitório como um articulador ou como objeto de estudo. Entender a transição como protagonista entre o espaço público e privado é entender arquitetura e cidade como um espaço ambivalente e não ambíguo, um resultado construído que mescla as tensões entre os agentes deste mesmo espaço.

Portanto pensar em qualidade do espaço público é pensar na qualidade do espaço de transição e em como este se relaciona e dialoga com o ambiente construído, capaz de promover (ou como classifica Foucault: Diluir e fazer desaparecer ou organizar uma nova) a ideia de *cidade*. O seguinte subcapítulo concentra-se em refletir sobre a relação entre cidade e espaços de transição.

2.3 TRANSIÇÃO E CIDADE

As transformações nas conformações de uma cidade contemporânea acompanham a condição socioeconômica que seus habitantes constroem através do tempo. Milton Santos deixa isso claro quando trata das verticalidades e horizontalidades, de maneira diferente do que se entende na própria geografia e outras disciplinas. Horizontalidades, forças locais, de resistência e de solidariedade historicamente produzidas (a moradia dos indivíduos comuns) que conformam os lugares, estabelecendo conexões regionais contínuas através da superfície planetária. Verticalidades, ações globais (normas, economia, fluxos de informação, chegar de helicóptero) de poder que desorganizam as horizontalidades e redefinem o lugar de forma contígua.

As horizontalidades podem ser imaginadas como uma rede invisível que percorre toda superfície terrestre de maneira contínua e conectada, e as verticalidades como um eixo perpendicular à superfície dessa rede que mira determinado ponto do espaço: a cidade.

Essa dicotomia se demonstra presente no cotidiano urbano de maneiras variadas, não somente no espectro da natureza do espaço, mas tanto na construção e essência de uma cidade. O parcelamento e exploração da terra assume tais polarizações, desenhadas fisicamente através do limiar: o limite é o principal agente das relações binárias no espaço da cidade: é um muro que separa o lote da calçada. É uma guia de concreto que segrega a calçada da via de trânsito, ao mesmo tempo em que uma quadra é o que separa cada uma destas vias de trânsito e assim a escalabilidade do limite continua: Quadras a vilas, vilas a bairros, bairros a regionais, regionais à cidade, cidade à região metropolitana, metrópole ao limite da unidade federativa, ao país, ao continente e às seguintes relações entre espaços.

Tais limitações, ou segregações, também são interpretáveis à luz da noção de *cit e* e *ville*, do franc es, cuja defini o envolve “cidade”. Sennett (2018), descreve a ideia de cidade, no início do cristianismo como “Cidade de Deus” e “Cidade do Homem”, cujo sentido dessa metáfora foi substituída pela ideia de que cidade significava um lugar físico, ambiente construído, delimitado, e uma mentalidade formada por “percep es, comportamento e crenças”. Desse entendimento surge, no

francês, a primeira maneira de esclarecer essas diferenças: *ville*, aproximando-se da noção do mundo construído, as relações entre espaços vazios e cheios na cidade, como as coisas de fato estão e são construídas. *Cité*, além do conceito de mentalidade de cidade, demasiadamente subjetivo, envolve uma consciência de lugar coletivo, algo próximo do conceito de “cidadania”.

A relação entre estas duas esferas de entendimento de cidade parece se complementar: a ideia de cidade e a cidade que se constrói, ou como Sennett afirma, “a maneira como se quer viver deveria ser expressa na maneira como as cidades são construídas” (uma relação similar ao que entendemos como “conceito e partido” em projeto, talvez). Porém, como compatibilizar estes ideais e mentalidades numa realidade em que, a poucos metros toma-se um café da tarde em uma varanda de uma região valorizada, vizinha a edifícios imponentes de “alto padrão”, enquanto na outra ponta desta corda, sujeitos invisíveis contorcem-se abaixo de uma marquise de um dos poucos destes edifícios que não os expulsaram. A cidade aglutina estas realidades: é diversa, desigual e complexa. Nesse sentido, Sennett se pergunta se a “*ville* física é capaz de reparar estas dificuldades”.

A resposta natural para tratar estes inconvenientes da cidade contemporânea é tão simplória quanto uma relação causa-consequência: Constroem-se limites, como exemplificados anteriormente, separamo-nos em comunidades isoladas e enclaves fortificados. Mas cabe aqui a pergunta central: Estes limites dicotômicos público/privado construídos da *ville* respondem de maneira correta à *cité* idealizada, justa e diversificada? Ou ainda: Na complexidade e ambiguidade das relações da cidade contemporânea, é possível imaginar um novo tipo de transição que reaja à noção de cidade contemporânea? A arquitetura (pensada, construída e privativa) pode resolver a cidade (caótica, complexa, imaginada e pública)?

Ao mesmo tempo que analisa a tensão entre a mentalidade e forma física da cidade, Richard Sennett trata da tensão entre mudança versus estabilidade na modernidade baseando-se no pensamento de Zygmunt Bauman sobre a “modernidade líquida”, onde as “rápidas mudanças da vida moderna com seu fluxo líquido e solvente de velhas formas econômicas, sociais ou religiosas” convive com

“objetos pesados” como as edificações, ainda que dotadas de certa efemeridade, estarão ali por muito tempo.

Limites podem ser entendidos aqui como uma das manifestações resultantes da tensão entre estas duas forças horizontais e verticais, podendo ser entendida como a tensão resultante entre o público e privado no ambiente da cidade. Busca-se um limite como um agente que não nega as tensões existentes, mas sim as considera como condicionantes de conformação do espaço público e uma possibilidade de geração de vantagens do espaço privado: A *ville* respondendo à noção da *cit *.

Na mesma linha de raciocínio, Bucci (2010) aborda a violência como uma força motriz que se materializa nos “artefatos que amparam a nossa existência cotidiana” (BUCCI, 2010, p. 19) – edifícios. Para o autor, “a violência atua como norma do ambiente urbano” (ibid., p. 17) e   responsável por se “cristalizar em coisas” e “transforma em paredes os nossos medos mais profundos” (ibid., p. 19).   possível traçar um paralelo com o que Sennett (2018) classifica como “medo dos outros”, essa   a norma da cidade fechada.

Ainda para Bucci, a crise decorrente da violência transformada em norma confronta-se com o próprio propósito da arquitetura. “Como propor projetos numa cidade que parece ter perdido o sentido?” (BUCCI, 2010, p. 20) - Essa indaga o   o problema de pesquisa de Bucci, uma inquieta o que, entendendo a cidade enquanto constru o coletiva (onde se pressupõe a existência de todas as atmosferas de vivência humana - intimidade e exposi o, casa e rua), demonstra a perda de sentido da cidade enquanto sistema fechado.

“Como elaborar o pensamento arquitetônico quando o abrigo fecundo das imagens poéticas, que amparam o próprio pensamento, parece já ter deixado de existir?” (ibid., p. 20-21) - A imagem poética da cidade, a título de exemplo dos grandes urbanistas que Sennett (2018) demonstra, se distancia da percep o da cidade construída e vivida - um dos equívocos, de se projetar a cidade de “cima para baixo” (desconectado da própria vivência).

Qual então   o sentido que se espera da cidade? O sentido de que a no o da cidadania e democracia são inseparáveis do espaço público. “  na degrada o do espaço público onde (...) se sente frustrar o sentido que se esperava encontrar na

cidade" (BUCCI, 2018 p. 22), à primeira vista. Depois, a "crise na formação do arquiteto", a violência ou medo dos outros, ao atuar como padrão no espaço urbano desmantela as duas dimensões da existência: convívio e intimidade, o espaço público, a rua e o espaço da casa. Para Bachelard (2000, apud. Bucci, 2010, p. 23), todo espaço habitado traz a essência da noção de casa, dessa forma, a norma da violência desabriga-nos de todos os espaços habitados, íntimos ou não.

Como recurso imagético do processo de materialização da cidade, recorremos ao romance de Yevgeny Zamiátin (2017), na distopia "Nós". No livro, o autor imagina uma realidade em que um estado autoritário chamado "Estado Único" controla todos os aspectos da vida de maneira coletiva: o indivíduo seria superado pelos interesses do todo, assim como a imaginação, direitos fundamentais e a livre expressão. Todos os abrigos íntimos de individualidade e privacidade se fazem desnecessários neste cenário. Tal condição demanda também a produção de uma arquitetura que responda à distopia: O protagonista, chamado D-503 (a extinção da individualidade também é uma extinção dos nomes, dessa forma todos os habitantes do estado único de "Nós" não possui um nome, mas sim um Código, de forma que até mesmo as pessoas são chamadas de números) possui a ocupação de engenheiro construtor da "INTEGRAL", espécie de estação espacial do "Estado Único", descreve sua cápsula, semelhante à todas as outras de todos os outros "números":

"Dentro de uma hora a querida O deveria chegar. Sentia-me agitado de maneira útil e agradável. Em casa, fui rapidamente ao departamento, entreguei à plantonista meu bilhete rosa e recebi a autorização que me dava direito a fechar as cortinas. Apenas temos este direito em dias sexuais. Assim, entre nossas paredes transparentes, como se fossem tecidas de ar brilhante, vivemos sempre em plena vista, eternamente banhados pela luz. Não temos nada a esconder uns dos outros. Além do mais, isso alivia a pesada e elevada tarefa dos Guardiões. De outro modo, quem sabe o que poderia acontecer? É possível que tenham sido exatamente as moradas estranhas e não transparentes dos antigos que engendraram essa sua lamentável psicologia celular: "Minha (sic!) casa é minha fortaleza". Era realmente necessário pensar melhor nisso!" (p. 38-39)



Figura 4 - Representação dos edifícios de "Nós" Fonte: Eda Akatun disponível em: < <http://www.edosatwork.com/We>>

A crítica de Zamiátin endereçava diretamente ao Kremlin dos anos 1920, mas ilustra a noção de uma “Dimensão de existência” humana (ou de inexistência, no caso de D-503) materializado na arquitetura: o espaço privativo, abrigo íntimo. Dimensão esta que para Bucci corresponde a um dos opostos que concentram o conjunto de todas as atividades humanas: alienação e dissolução / público e privado.

"O conjunto completo dessas atividades [humanas] é correntemente dividido em dois grandes grupos (...) como que correspondentes a dois conceitos opostos e complementares: público e privado; conceitos que por sua vez remetem, já sem muita precisão, aos espaços internos e externos. (...) há uma correspondência limitada, mas que merece destaque, entre esses dois grandes grupos programáticos e as estruturas arquitetônicas que se desenvolveram nos eixos horizontais (...) e nos eixos verticais. Há uma correspondência entre esses conceitos programáticos e duas dimensões da existência humana: o recolhimento e a sociabilização, ditas numa perspectiva

iluminista; ou alienação e dissolução, numa abordagem da cultura de massa". BUCCI, 2010, p. 51-52

Comumente conhecemos a dimensão público/privado estabelecendo relações entre ambientes internos e externos, tal relação, pode ser comprovada pela correspondência entre nossas culturas ancestrais, mais especificamente na linguística e na forma do fonema e letra "bê - b", cuja origem remonta da palavra semítica *Beth*, que se traduz como "casa", principalmente na forma primitiva como era representada, "através de uma contínua (...) como um trecho de uma espiral quadrada, um dentro e um fora: além disso mostra uma passagem estreita, contínua e gradual entre uma coisa e outra"(p. 53). Evidentemente os conceitos de público e privado não estavam embutidos no significado desta relação linguística e figurativa, porém, para Bucci, já se percebe as duas "dimensões de existência".

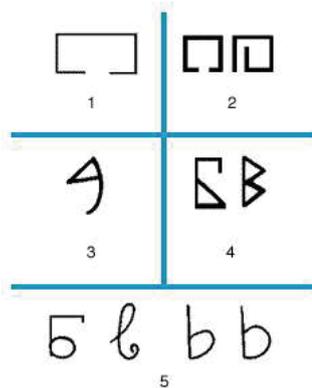


Figura 5 - Evolução da grafia de "B"(5) desde sua origem semita (1;2) Fonte: Enciclopédia Brasileira - 2020 disponível em: <<https://www.br.tannca.com/top/c/B-etter>>

Esta dualidade oposta das duas dimensões pode ser demonstrada através de rápida percepção da dualidade espacial nas plantas residenciais construídas atualmente, evidentemente com sua complexidade e compreensão clara de cada uma das funções do espaço para o presente (setores íntimos - composto majoritariamente pelos dormitórios - setores sociais - a sala, cozinha, demais compartimentos), aqui demonstrados através da obra do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, na casa de sua família no Butantã, São Paulo (Figura 6).

Uma casa que construída converteu-se a um manifesto particular sobre as relações das dimensões de existência aqui em reflexão. Contrariando qualquer uma das orientações possíveis a arquitetos e urbanistas em formação, Mendes da Rocha

se utiliza da disposição espacial dos dormitórios (abrigos íntimos) para articular as relações de programa do projeto da casa: os quartos, ao centro, sem janelas verticais, conjugados entre os meninos e separado para a menina e casal, se direcionam apenas para fora, para a varanda de acesso e a sala de socialização, onde as demais atividades da casa acontecem, elevadas do plano da garagem logo abaixo.

Comparando à noção simples e carregada de significado dos semitas, a casa no Butantã serve como comparativo prático da forma que se lida até hoje com a dualidade supracitada.

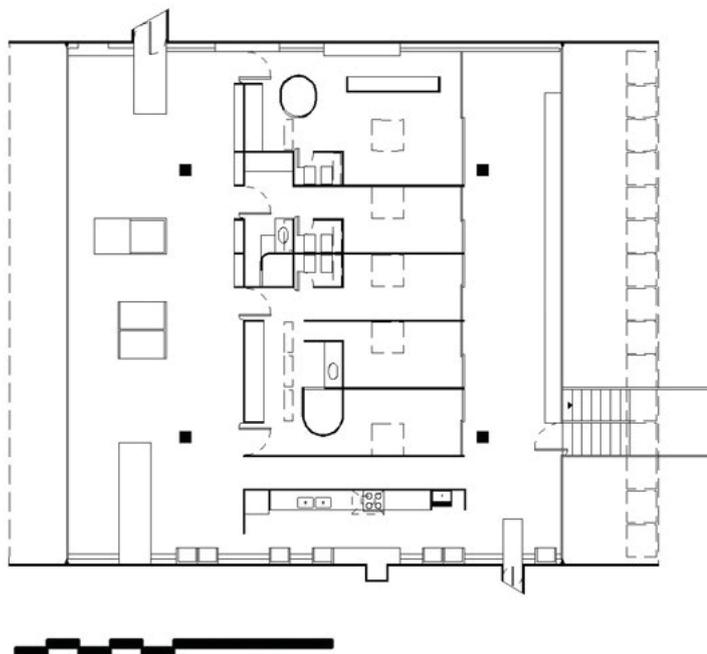


Figura 6 - A planta da casa butantã de Paulo Mendes da Rocha e João de Gennaro. Fonte: Archdaily, 2014. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/01-181073/casas-da-arquitetura-casa-no-butanta-s-paulo-mendes-da-rocha-e-joao-de-gennaro>>

A linha de raciocínio de Bucci evoca ainda duas principais referências para as duas dimensões de existência, a visão de Jürgen Habermas, ao citar Friedrich Schiller em “O discurso filosófico da modernidade” (HABERMAS, J. 2000) e Vincent Scully Jr. em “Arquitetura Moderna” (SCULLY JR, 2002).

Habermas (2000) destaca em Schiller a forma ideal da intersubjetividade em contraste com duas dimensões ou “deformações opostas da intersubjetividade”, massificação e isolamento (ibid. p. 70): O “troglodita” escondido em sua caverna se

privada vida coletiva, exterior a ele e em outra ponta, o nômade que vaga pela massa é privado da sua “possibilidade de encontrar-se a si mesmo” ou da sua “existência alienada” (ibid., p. 70), ambos possuem sua identidade ameaçada e apenas o equilíbrio seria a alternativa ideal, a meta a ser alcançada, ainda que impossível, pois, ainda em Bucci, “oculta romanticamente a tensão contida naquela linha de equilíbrio” (BUCCI, 2010, p. 54).

Para Vincent Scully, a tensão se equilibra entre “fragmentação e continuidade”, onde o autor descreve como todas as transformações na percepção da subjetividade do homem desde os períodos pré-modernos, cujo “modo de vida antigo, cristão, pré-industrial, pré-democrático, foi progressivamente se rompendo à sua volta” (SCULLY JR., 2002, p. 15). Scully interpreta a modernidade como resquício de uma pré-existência humanista de indivíduos dispersos em suas próprias solidões. Neste cenário a arquitetura moderna refletiu as tensões do *Zeitgeist* da época e o materializou. Scully “descreve como a arquitetura moderna foi se configurando pela técnica, no sentido de realizar uma continuidade violenta e de destacar a pequenez do indivíduo” (BUCCI, 2010, p. 54).

Retornando ao protagonista D-503 em *Zamiátin*, as tensões e linhas de equilíbrio entre massificação/isolamento de Schiller e Habermas ou à fragmentação/continuidade de Scully são abafadas pelo autoritarismo do estado único e materializada em arquitetura nas paredes de vidro que destroem a linha de separação em espiral quadrada da casa dos semitas, desenhada pela grafia da letra “Beth”. Os prédios de “Nós” pendem a tensão para o lado da dissolução total dos abrigos íntimos, de maneira que a própria identidade subjetiva se esvai e corrompe até mesmo a relação entre as dimensões: se tudo é público, o privado não faz sentido, da mesma forma que se tudo é interior, o exterior não possui expressão.

A ‘utopia negativa’ de “Nós” imagina o mundo sob um modelo de totalitarismo estatal que é contraposto por Richard Sennett ao abordar a maneira de se propor éticas para um urbanismo para uma cidade “aberta” ('Aberto' implica um sistema de adequação entre o estranho, o curioso, o possível). A matemática Melanie Mitchell definiu o sistema aberto como aquele em que 'amplas redes de componentes sem controle central e com regras simples de operação dão origem a um comportamento

coletivo complexo, ao processamento sofisticado de informações e à adaptação pelo aprendizado ou a evolução.” SENNETT (2018, p.16) aborda essa questão:

"(...) [Monopólios econômicos e estados totalitários] fazem a mesma promessa sedutora: a vida pode tornar-se mais simples, mais clara e mais fácil para o usuário, como diríamos hoje a respeito da tecnologia, por exemplo, se as pessoas se submeterem a um regime que se encarregue da organização. Você saberá o que esperar, pois as regras da sua experiência serão esquematizadas para você. Mas o que ganhar com clareza você perderá em liberdade. Sua experiência vai-se tornar clara e fechada. (...) Jacob Berckhardt distinguiu a mesma ameaça ao advertir que a vida moderna seria controlada por 'brutais fatores de simplificação', referindo-se com isto às simplicidades sedutoras do nacionalismo. (...) as palavras-chave da experiência aberta - 'complexo', 'ambíguo', 'incerto'- implicam resistência a um regime opressivo de poder." (SENNETT, 2018, p. 21-22)

Utilizar a personagem de D-503 é um recurso imagético de uma realidade impossível utilizada aqui como um dispositivo de reflexão. Mas de maneira mais tangível ao contexto onde a cidade contemporânea se desenvolveu, Bucci se vale do mesmos recursos ao compara o moleque de Victor Hugo com o *Flâneur* de Baudelaire, ao contrapor as dimensões de existência - Alienação e Dissolução - com o habitar na cidade: "Na multidão, o *Flâneur* se esconde, na multidão o moleque se encontra" (BUCCI, 2010, p.62), ambas dimensões estão presentes no morador da cidade, dessa forma e porque a cidade (humanos) está contida dentro dos edifícios, os mesmos se dissolvem para compor o ambiente da cidade (ibid., p. 62).

Nessa hipótese, Bucci argumenta que não há cessão ou substituições, cada dimensão se sobrepõe e coexiste: "Ambas estão sempre presentes nos espaços que antes eram identificados com cada uma delas: o interior e o exterior" (ibid. p. 62). Daí a imprecisão de definição entre interior e exterior e a classificação extremamente genérica entre público e privado como ideia de projeto se faz tão pouco assertiva na

cidade contemporânea, "é como se a ideia de limite entre fora e dentro (...) se tivesse tornado permeável".

A maneira como os edifícios sobrepõem em si próprios a noção de cidade é também presente em Sennett enquanto este entende que "a *ville* pode alterar a *cit *" (SENNETT, 2018, p. 35). Esta ideia também reside na concep o dos urbanistas contemporâneos, como na *Carta do novo urbanismo*: "Os projetos arquitetônicos individuais devem ficar inteiramente ligados a seu entorno. Essa questão transcende o estilo" (CONGRESSO PARA UM NOVO URBANISMO, 1996, APUD. SYKES, 2013, p. 56). A partir desta compreensão, o subcapítulo seguinte possui o objetivo de dimensionar formas possíveis de atua o no espaço de transi o na cidade e ambiente construído.

2.4 O ESPAÇO AMBIVALENTE

Até então, abordamos questões pertinentes ao espaço de transi o e constru o do espaço das cidades. Cabe, portanto, imaginar as aproxima es do espaço de transi o com o projeto de arquitetura, o design propriamente dito.

Num primeiro momento a questão que aparece como principal   saber se há necessariamente padrões de projeto para os espaços de transi o entre o objeto arquitetônico e o espaço urbano. Entretanto, cabe ressaltar que o objetivo de pesquisa não reside em catalogar padrões para o espaço de transi o em Curitiba, mas sim uma reflexão e interpreta o da realidade construída na cidade para amparar futuras pesquisas no tema.

Para Balsini (2014, p. 25), o espaço de transi o constitui um objeto de estudo marcado pela ambiguidade, portanto a ambivalência, capacidade de atuar em ambas dimensões (público e privado, externo e interno) deve surgir a partir do projeto, da proposi o. Mas justamente esta ambivalência do espaço de transi o dificulta a proposi o de padrões específicos, por depender de diversas condicionantes inerentes ao contexto do ambiente construído.

Outra no o do espaço ambivalente que dificulta a análise de padrões   a de que o espaço de transi o idealmente pode atuar de maneira aberta, o que significa que qualquer aspira o em se imaginar uma ordem nestes espaços pode soar de

maneira simplista e equivocada. De maneira a se categorizar estes padrões, consideramos duas formas possíveis de analisar padrões dos espaços de transição, aqui chamados de padrões de produção, mais atrelados ao projeto ou específicos da construção, e padrões de utilização, estes mais relacionados à vivência e formas de uso, padrões mais generalistas.

2.4.1 Padrões de produção: A transição construída

Em “*A Pattern Language*”, Christopher Alexander desenvolveu uma espécie de “caixa de ferramentas” e um manual de instruções com modos de se utilizar uma linguagem projetada para atuar em projetos de arquitetura, em busca de uma “maneira atemporal de se construir” (“*Timeless way of building*”, em Tradução livre).

Os elementos que conformam a linguagem de projetos atemporais são o que Alexander chama de “Padrões” (pode ser utilizado também o termo “tipologias”, porém como alguns autores utilizam o termo para se referir a tipologias genéricas de edificações, optou-se por utilizar o termo literal “padrão”) (ALEXANDER, p. x). Ao todo, sua pesquisa é composta por 253 padrões demonstrados por representações esquemáticas da forma com que é possível utilizá-los. Estas representações - Diagramas - possuem um papel fundamental para explicitar a linguagem de padrões de Alexander.

Este catálogo de padrões se desenvolve de maneira linear através de diversas escalas de utilização daqueles, desde a escala regional-territorial (ibid., p. 10) até os padrões de ornamentação (ibid., p. 1146), mobiliário (ibid., p. 1157) e escolhas de cores (ibid., p. 1153) para a edificação, bem como a escolha de objetos pessoais como fotografias ou objetos da vida cotidiana (ibid., p. 1164).

A proposição de Alexander em uma linguagem arquitetônica por padrões é extremamente prática (ibid., p. x), de modo que cada um deles expõe problemas tradicionais e suas soluções recorrentes para cada padrão. O padrão 112 é responsável por descrever a transição:

“Em todo caso, a entrada cria uma transição entre o ‘externo’(...) e um espaço íntimo menos público. (...) este

padrão elabora e reafirma a transição que entradas e jardins podem gerar”. (ALEXANDER et al.,1977, p. 549) ⁶

O problema apresentado por Alexander para os espaços de transição era justamente a necessidade de separar a atmosfera e o comportamento da rua da sensação de estar num local privativo. A transição de sucesso de Alexander é variável:

“(…) é possível proporcionar a transição em diversas formas físicas. Em alguns casos, por exemplo, pode ser que somente dentro da porta da frente – um tipo de hall de entrada, ligando a outra porta ou abertura que está mais definitivamente no espaço interno. Em outro caso, a transição pode ser formada por uma curva no caminho que te leva por um portão até a porta de entrada. Ou novamente, você pode criar uma transição mudando a textura do caminho, para que assim se pise fora da calçada numa trilha de pedriscos e então sobe-se um ou dois degraus sob uma treliça”. (ALEXANDER et al., 1977, p. 551-552) ⁷

Outro padrão possível de se utilizar para os espaços transitórios em Alexander é justamente o limite da edificação (ibid. p. 752), em que o autor compara a edificação moderna austera e homogênea com as bordas de uma edificação vernácula com limites que comunicam possibilidades de uso.

⁶ Tradução livre: “In every case, the entrances create a transition between the “outside” (...) and some less public inner world. (...) This pattern now elaborates and reinforces the transition which entrances and gradens generate”. (ALEXANDER et al.,1977, p. 549)

⁷ Tradução livre: “(...) it is possible to make the transition itself in many different physical ways. In some cases, for example, it may be just inside the front door - a kind of entry court, leading to another door or opening that is more definitely inside. In another case, the transition may be formed by a bend in the path that takes you through a gate and brushes past the fuchsia on the way to the door. Or again, you might create a transition by changing the texture of the path, so that you step off the sidewalk onto a gravel path and then up a step or two and under a trellis.” (ALEXANDER et al., 1977, p. 551-552)



An edge that can be used . . .

Figura 7 - Padrões de bordas ativas Fonte: ALEXANDER et al 1977 p 754



The edge cannot support any life.

Figura 8 - Padrão de bordas inertes Fonte: ALEXANDER et al 1977 p 753

“Tenha certeza que você trate o limite da edificação como uma ‘coisa’, um ‘lugar’, uma zona com volume atrelado, não uma linha ou interface que não possui espessura. Adicione aos cantos do edifício lugares para convidar as pessoas a parar. Faça lugares que possuam dimensões e coberturas suficientes, lugares para sentar, escorar e caminhar, especialmente naqueles pontos do perímetro que parecem interessantes à vida externa ao edifício”. (ALEXANDER et al., 1977, p. 755)⁸

A mudança física e a possibilidade de abrigar é a chave para a transição e os limites para Alexander. Entretanto, a linguagem de padrões não fornece uma possibilidade estritamente projetiva, mas sim uma estratégia de articulação de espaços de forma prática para lidar com o caráter de uma edificação ou espaço.

A falta de caráter em si é uma das críticas à cidade e edificações modernas, contemporâneas à época do trabalho de Alexander. A homogeneidade no traçado e implantação cumulativa de edifícios isolados se demonstrou insustentável ao longo do tempo, desse modo, tratava-se de um sistema fechado de concepção da forma urbana: homogeneidade e cumulatividade (SENNETT, 2018, p. 240).

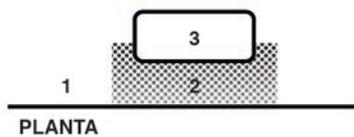
Em contrapartida, para Sennett, o excesso de lugares com características próprias se direciona ao seguinte problema: muitos estímulos, muitas fragmentações (fragmentação intelectual - confusão). Como seria então uma forma viável de tornar os lugares da cidade diferentes, com caráter próprio e "não únicos de um modo inviável" (op. cit. p. 240)? Sennett se aprofunda nessa questão ao propor formas de se “construir a cidade aberta”, que serão abordadas no seguinte subcapítulo.

Na intenção de se imaginar a transição de maneira mais clara e objetiva, K. Djamel (2006, apud. Balsini, 2014, p. 81) construiu uma categorização dos invólucros de transição em edificações contemporâneas, baseados em 10 tipologias dos espaços de transição, acompanhadas de estudos de caso específicos para cada uma

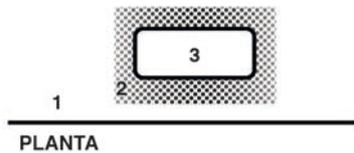
⁸ Tradução livre: “Make sure that you treat the edge of the building as a “thing”, a “place,” a zone with volume to it, not a line or interface which has no thickness. Crenelate the edge of buildings with places that invite people to stop. Make places that have depth and a covering, places to sit, lean, and walk, especially at those points along the perimeter which look onto interesting outdoor life.” (ALEXANDER et al., 1977, p. 755)

das categorias. Tomei a liberdade aqui de traduzir estas categorias para espaços de transição na arquitetura brasileira com um exemplo para cada tipologia.

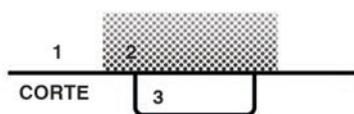
Diagrama	Descrição
-	Categoria 0 - Não há transição, o acesso ao edifício é marcado por um limite.
 <p>1 2 3 CORTE</p>	Categoria 1 - O envelope se prolonga ao exterior em saliência para criar um espaço exterior (2) ao edifício.
 <p>1 CORTE</p>	Categoria 2 - O invólucro se desdobra para criar uma segunda pele ao redor do prédio, no que pode desenvolver um espaço externo.
 <p>1 CORTE</p>	Categoria 3 - O invólucro se desdobra para criar uma segunda pele ao redor do prédio, no que pode desenvolver um espaço interno.
 <p>1 3 2 3 CORTE</p>	Categoria 4 - Um espaço ao ar livre internalizado. Geralmente coberto, ele põe em cena um espaço de transição entre dois objetos.
 <p>1 2 3 CORTE</p>	Categoria 5 - O invólucro é empurrado para o limite do terreno para definir uma cena ou para proteção.



Categoria 6 - Uma lateral e o solo são considerados como envelopes [extensões da arquitetura], criando um espaço entre o interior e exterior.



Categoria 7 - Uma materialidade imprecisa cria um espaçamento entre o edifício e o lado de fora.



Categoria 8 - O edifício é invisível. O envelope joga com a topografia para se fundir completamente com o sítio.



Categoria 9 - O edifício está refletido mais além pela água ou algum material reflexivo. A rua se torna o espaço entre ambos.



Categoria 10 - Um desnível cria um espaço intermediário entre o edifício e o exterior.

Taba a 1 - Categorias dos espaços de transição 1) Espaço externo; 2) Transição; 3) Espaço interno Fonte: O Autor adaptado de DJAMEL 2006 apud BALSINI 2014

Balsini (2014, p. 83) afirma que, evidentemente, a categorização de espaços de transição não resume todas as possibilidades projetais do espaço de transição e desenvolve outras treze alternativas e derivações de espaços de transição dentro das categorias desenvolvidas por Djamel (2006, apud. BALSINI, 2014).

Como paralelo, parece oportuno também citar a pesquisa de Angelo Bucci (2010) acerca das maneiras de se “operar em arquitetura” em São Paulo, através de quatro imagens de dissolução dos edifícios no espaço público sustentadas por imagens poéticas na cidade (Bucci utiliza-se de figuras poéticas e maneiras de

encarar o espaço construído como residência para a afetividade e proposição de projetos mais “humanos”, ou centrados nos usuários, conforme nomenclatura mais comum ao campo do design): transpor, infiltrar, invadir e mirar (BUCCI, 2010, p. 127).

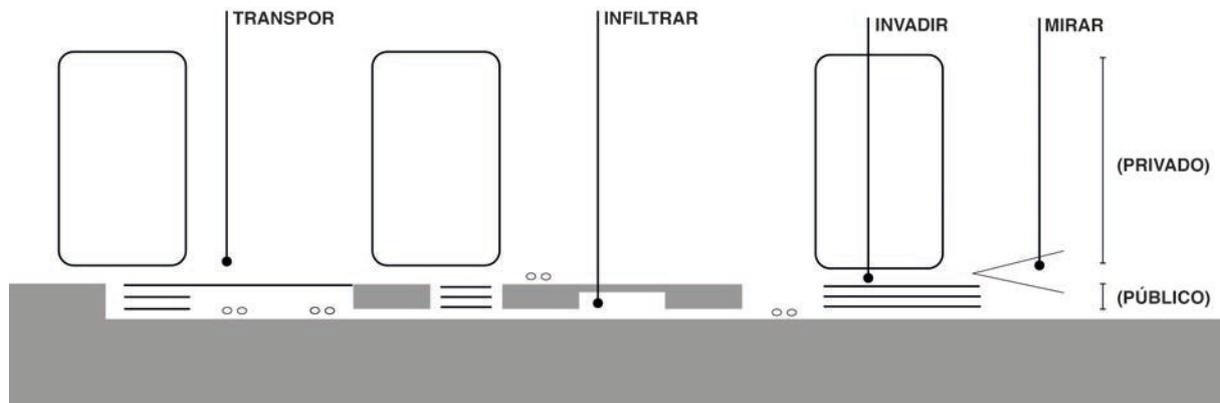


Figura 9 - As quatro operações para sustentar o exercício de projeto no centro de São Paulo. Fonte: O autor adaptado de BUCCI 2010

As operações de Bucci não diferem das categorias de espaço de transição no sentido de que se utilizam de diagramas e tipologias para de alguma forma servir de apoio para maneiras de se encarar o projeto arquitetônico de espaços de transição, apesar da distância de efetivação entre tipologias e padrões com os desenhos projetivos. Ambos exemplos possibilitam o desdobramento para uma infinidade de possibilidades.

Estas possibilidades ilustradas aqui não traduzem a totalidade de opções para tratar a transição dos edifícios, mas servem de método para categorizar e entender maneiras de se “operar em arquitetura” (BUCCI, 2010). Outra maneira identificada de se categorizar qualitativamente os espaços de transição é por meio de seus sistemas de utilização: a maneira como os espaços se comportam para amparar as atividades cotidianas.

2.4.2 Padrões de utilização: A transição vivida

O espaço é também uma construção social, não apenas uma materialização física e construída. Dessa forma é oportuna a possibilidade de se interpretar o espaço de transição através do comportamento ou modo de ocupação dos usuários nestes lugares, mas acima de tudo, a própria organização coletiva dos indivíduos é uma força

motriz geradora dos espaços construídos e dos arranjos espaciais entre os edifícios e espaço público.

Cabe retornar à ideia de *cit e* e *ville*, a cidade imaginada e a cidade construída. Dentro dessa diferenciação, Sennett (2018), estabelece a relação de como a ideia de cidade se liga ao campo construído de forma quase mútua. Refletir sobre a utilização dos espaços da cidade é, portanto, pensar tanto na forma construída quanto no imaginário coletivo de cidade. Na transição, entretanto, foi dado enfoque no construído como padrões de produção para se referir às maneiras de se projetar o espaço de transição. Pensar em padrões de utilização pretende, portanto, dar ênfase na forma como imaginamos a transição e como o usuário se apropria deste espaço construído. Os padrões para utilização, então, podem ser entendidos como maneiras de estimular o uso do espaço de transição.

Nesse ponto, considerando-se a transição como ambiente intermediário entre edifício e cidade, é oportuno perceber que os padrões de produção partem da construção e os padrões de utilização partem do ideal de cidade. A transição é o ponto de encontro das forças geradoras da *cit e* e *ville*: edifício e cidade.

Em *Nova York Delirante*, Rem Koolhaas estabeleceu um chamado “Manifesto Retroativo”, que para Gorelik é uma espécie de “mistura entre manifesto arquitetônico e interpretação urbana” (apud. KOOLHAAS, 2008, p. 09). Para este a intenção de Koolhaas com seu manifesto era justamente entender “as estruturas profundas” que direciona os esforços da arquitetura a partir da mínima parte: o edifício.

Manhattan é vista por Koolhaas como um conjunto de evidências sem manifesto e para este a “capital do último século” é detentora de uma arquitetura sem pudor, ambiciosa e popular, cuja atuação e implicações eram⁹ ignoradas ou suprimidas (ibid. p. 27). O arranha-c eu representa a mínima parte do espaço da metr opole e é o ponto culminante do encontro entre tr es novidades urbanísticas: A reprodução do mundo, a Anexação da torre e a Quadra isolada:

- a) - A reprodução do mundo se aproveita da criação do elevador e da estrutura metálica, que permite a extrusão imobiliária em múltiplos

⁹ O tempo verbal nesse caso se refere ao ano de publicação original do Livro, 1978.

andares. A terra gerando a si mesma de acordo com seu próprio potencial em infinitas possibilidades, “cada nível artificial é tratado como um terreno virgem, como se os outros não existissem” (KOOLHAAS, 2008, p. 108). A arquitetura se desvencilha de sua definição de arte de criar edifícios e se torna a extrusão quase infinita de um pedaço de terra.

- b) A anexação da torre permite o caráter de arranha-céu ao edifício. “As torres indicam rupturas no padrão homogêneo da vida cotidiana” (ibid. p. 117) e refletem as relações de símbolo do progresso tecnológico, chamando atenção para si mesma em uma competição desenfreada por evidência.
- c) - A quadra isolada é tanto causa quanto consequência em Manhattan. Causa pela conformação que estabelece aos arranha-céus, como aglutinadores da vida urbana e consequência do sistema da grelha do território que isola e fragmenta a cidade.

Estas três novidades em conjunto conformam a existência dos arranha-céus em Manhattan, mas justamente esta existência depende do que Koolhaas chama de “Lobotomia”: a separação do interior mutável, definido pelas necessidades de adaptações ao uso e demandas da metrópole, com seu exterior imutável, definido pela arquitetura. Koolhaas estabelece assim a relação entre padrões de utilização de um arranha-céu nova-iorquino:

“A permanência até do item mais frívolo da arquitetura e a instabilidade da metrópole são incompatíveis. Nesse conflito, a metrópole é, por definição, a vencedora; em sua realidade difusa, a arquitetura é reduzida ao status de brinquedo, tolerado como decoração das ilusões da história e da memória. Em Manhattan, esse paradoxo é resolvido de maneira brilhante: através do desenvolvimento de uma arquitetura mutante que combina a aura da monumentalidade com a atuação da instabilidade. Seus interiores acomodam composições de programa e atividade que mudam constantemente e independentemente um do outro, sem afetar o que é chamado, com profundidade acidental, a envoltória. A genialidade de Manhattan é a simplicidade desse divórcio entre aparência e atuação: mantém intacta a

ilusão da arquitetura, enquanto se entrega de todo o coração às necessidades da metrópole. Essa arquitetura se relaciona com as forças de *Groszstadt* como um surfista das ondas.”¹⁰ (KOOLHAAS, MAU, 1995, p. 22-43)

Os padrões de utilização impostos pela metrópole são vencedores na guerra direta contra os padrões de produção estabelecidos pela arquitetura. Portanto, na impossibilidade de imaginarmos uma arquitetura que se molde como um organismo às necessidades da metrópole como uma massa de modelar, refletir sobre a maneira como o edifício dialoga com a cidade (transição e uso) se mostra essencial. Estes padrões dos espaços de transição devem ser imaginados desvencilhados da forma de construção (pois a mutabilidade da metrópole exige a adaptação) e pensados da maneira com que relacionam o ambiente construído com a cidade ou então, como permitem o diálogo entre ambos.

Tal diálogo é tema recorrente em pesquisas de autores conhecidos do cenário arquitetônico como Jan Gehl ou Jane Jacobs. Gehl afirma que “o tratamento dos espaços de transição (...) tem influência decisiva na vida do espaço urbano” (GEHL, 2013, p. 75) e classifica usos ideais para o ambiente de transição:

- Zona de troca (ibid., p. 75);
- Zona de permanência (ibid., p. 75);
- Zona de experiência ou estímulos (ibid., p. 76);

Através destas possibilidades, Gehl (2013, p. 79) defende a aplicação do conceito de “espaços de transição suave” para descrever térreos e limites que

¹⁰ Tradução livre: “The permanence of even the most frivolous item of architecture and the instability of the metropolis are incompatible. In this conflict the metropolis is, by definition, the victor; in its pervasive reality architecture is reduced to the status of a plaything, tolerated as décor for the illusions of history and memory. In Manhattan this paradox is resolved in a brilliant way: through the development of a mutant architecture that combines the aura of monumentality with the performance of instability. Its interiors accommodate compositions of program and activity that change constantly and independently of each other without affecting what is called, with accidental profundity, the envelope. The genius of Manhattan is the simplicity of this divorce between appearance and performance: it keeps the illusion of architecture intact, while surrendering whole heartedly to the needs of the metropolis. This architecture relates to the forces of the Groszstadt like a surfer to the waves.” (KOOLHAAS, MAU, 1995, p. 22-43)

favorecem os usos supracitados através de, por exemplo, fachadas que promovam estímulos e maiores aberturas para os acontecimentos externos.

No mesmo sentido, Richard Sennett classifica e demonstra cinco formas principais de abertura¹¹ da cidade que irei abordar aqui como padrões de utilização: "formas sincrônicas, interrompidas, porosas, incompletas e múltiplas não esgotam todas as possibilidades à sua disposição, mas são suficientes para transformar suas experiências em formas construídas" (SENNETT, 2018, p. 233-234).

2.4.2.1 Sincronicidade

O sincronismo de um espaço refere-se às múltiplas atividades simultâneas diferentes acontecendo ao mesmo tempo, podendo estimular a multiplicidade de usos, bem como a mudança de sua atmosfera do lugar no decorrer do tempo (espaços que possuem uma atmosfera de dia, outra durante a noite e ainda múltiplas durante outros períodos). Como antítese, Sennett descreve os espaços sequenciais, com atividades direcionadas, onde não há necessariamente hibridização:

"Existem duas maneiras de planejar atividades no centro de uma cidade. Numa delas, pessoas reunidas num mesmo lugar fazem muitas coisas diferentes ao mesmo tempo; na outra, concentram-se em uma coisa de cada vez. A primeira multidão se forma no espaço de um bazar como Nehru Place; a segunda, num estádio de futebol ou num teatro. Em termos formais, o bazar é um lugar sincrônico, ao passo que o estádio é um espaço sequencial." (SENNETT, 2018, p.234)

Como exemplo, a ágora ateniense seria um espaço sincrônico e seu teatro, o Pnix um espaço sequencial. No primeiro, "os atenienses praticavam sua mais importante atividade política: o ostracismo (...)" (ibid., p. 235). Já o segundo, "O Pnix era um espaço sequencial porque (...) o cidadão podia receber uma longa e linear sequência de palavras" (op. cit., p. 236) Dessa forma Sennett constrói a diferença contrastante entre duas experiências entre o espaço sincrônico e o sequencial, a

¹¹ Abertura aqui se refere à diversas dimensões de entendimento, seja no combate ao medo das diferenças ou ao distanciamento causado pela tecnologia ou simplesmente para promover a densidade de experiência da cidade.

"fragmentação intelectual" do indivíduo e a "dominação emocional" respectivamente e ainda estabelece três regras para criação de espaços sincrônicos (ibid., p. 238-239):

- Controlar a quantidade de atividades nesses espaços.
 - Não necessariamente o espaço sincrônico deve ser uma miniatura da cidade;
 - Mais atividades - maior fragmentação intelectual;
 - Diante de muitos estímulos, o usuário pode recuar;
- A necessidade de ocorrência de coisas realmente diferentes.
 - Utilizando-se de estratégias de ocupação sequenciais, ironicamente, dentro do espaço sincrônico;
 - A critério de exemplo: prever um espaço iluminado para usos noturnos estimula a diversidade de usos sequenciais no espaço sincrônico;
- A sincronicidade no projeto precisa ser um convite à mistura, ao invés da imposição;
 - Através de uma atmosfera singular ou por meio de oferta de atividades únicas ou que não sejam facilmente encontrados em outros lugares da cidade (ibid., p.239).

O desafio de se propor um espaço sincrônico na cidade reside, portanto, no fato de saber mensurar e diferenciar qual experiência uma determinada atividade gera em conjunto com todas as outras atividades, podendo-se tornar uma experiência geral ao mesmo tempo estimulante ou desorientadora.

2.4.2.2 Interrupções

Talvez a maior crítica à cidade monumental moderna seja a falta de caráter próprio ao lugar: A homogeneidade no traçado e implantação cumulativa de edifícios isolados se demonstrou insustentável ao longo do tempo. Desse modo, trata-se de um sistema fechado de concepção da forma urbana: homogeneidade e cumulatividade. Em contraste, um sistema aberto, "(...) tem partes que não podem substituir umas às outras" (SENNETT, 2018, p. 240).

Estas partes de fato configuram a noção de cidade e incentivam a produção de identidade do lugar. Em contrapartida, o excesso de centros com características

próprias retorna ao problema apresentado anteriormente: muitos estímulos, muitas fragmentações. Como seria então uma forma viável de tornar os lugares da cidade diferentes, com caráter próprio e "não únicos de um modo inviável" (ibid., p. 240)? Nessa ideia, Sennett compara estes lugares como a pontuação textual;

"Os grandes monumentos servem como pontos de exclamação. As paredes são pontos. Cruzamentos são pontos e vírgulas (...) que formas físicas poderiam funcionar como aspas, convidando a uma pausa de reflexão?" (ibid., p.241)

Essa analogia serve de maneira a tornar tangível a noção do modo de uso das formas interrompidas. Cada uma cumpriria uma função intersubjetiva que se torna uma forma de manifestar o caráter intersubjetivo de uma *city* na forma construída da *ville*:

"(...) um ponto de exclamação - como o obelisco - declara que um lugar é importante (...). Um ponto e vírgula no espaço é algo menos pretensioso; como acontece num cruzamento (...). As aspas físicas, seja instalando-se um banco de plástico, plantando uma fileira artificial de árvores ou depositando pedras no solo, assinalam uma forma ao mesmo tempo arbitrária, problemática e geradora de valor." (ibid, p.247).

As interrupções, entretanto, não necessitam se desconectar da dimensão humana primordial, como na cidade homogênea e cumulativa moderna e dependem da relação intrínseca com o contexto. Um vazio, como uma praça, pode ser considerado como uma interrupção interessante num contexto urbano mais denso e ao mesmo tempo insólita num cenário mais amplo, ou, a critério de exemplo, a existência de mobiliário urbano em calçadas, que permitem o uso do espaço como permanência. Interrupções de fluxo podem permitir outras formas de ocupação.

Interrupções em fachadas também são abordadas por Gehl (2013) como mudanças que geram interesse, chamando de "fachadas ativas", segundo este, é "importante garantir que as fachadas térreas tenham articulações verticais" (ibid., p. 77). Gehl ainda descreve qualidades para estas fachadas ativas atuarem de maneira

satisfatória na qualidade do ambiente público: 1) Escala e ritmo; 2) Transparência; 3) Apelo sensorial; 4) Textura e detalhes; 5) Diversidade de funções; 6) Ritmo de fachadas verticais (testadas mais estreitas, que promovem complexidade) (ibid, p. 78).

2.4.2.3 Porosidade

Segundo Sennett (ibid., p. 247), “um prédio é poroso quando existe livre fluxo entre o interior e o exterior”. Porosidade dialoga com a noção de quantas trocas são permitidas entre o coletivo e o íntimo, solidez e vazio.

Sennett exemplifica que criar "membranas urbanas" pode desenvolver também comunidades fechadas. A criação de porosidade na verdade demonstra mais o objetivo de estabelecer inclusão do que integração. Essa forma de experiência do habitar no limite, por uma fronteira que promove inclusão, não negligenciando os limites, mas trabalhando com eles de forma simbiótica, se aproxima com o que Gehl (2013) defende como “fachadas ativas” ou “bordas suaves”, mas Sennett cita a porosidade como uma estratégia flexível.

Nessa ideia, uma experiência citada por Sennett para exemplificar a ideia de promover porosidade é a intervenção de Aldo van Eyck em *playgrounds* de Amsterdã, na segunda metade do séc. XX (1947-1986). Os espaços, diferente do que se imagina como prioridade num lugar de lazer para crianças, não possuíam cercas, apenas diferenças de níveis através de guias de concreto para a via dos automóveis e sua localização encontrava-se justamente em cruzamentos de vias superdimensionadas para os carros.

A hipótese de Van Eyck residia na ideia de que a ausência de barreiras desenvolvesse nas crianças o conceito de diferença entre território e tráfego, o que de fato era comprovado por conta do baixo número de acidentes nestes parques. A porosidade do espaço desenvolveu a noção de segurança, da mesma forma que os estares instalados para os mais velhos se localizavam próximo aos brinquedos, a “consciência transicional”:

"Em termos formais, van Eyck criou limites liminares, significando 'liminar', aqui, a experiência de uma transição, ainda que não haja uma barreira claramente identificada entre

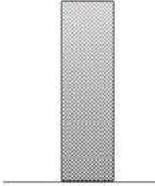
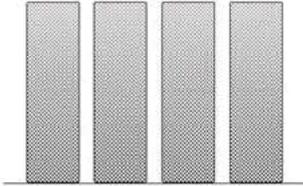
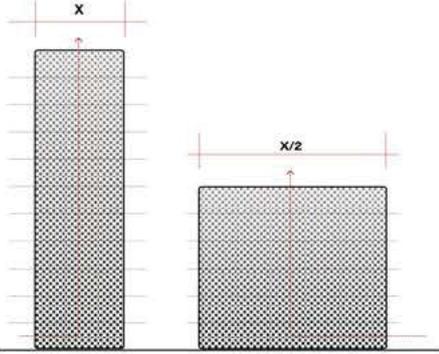
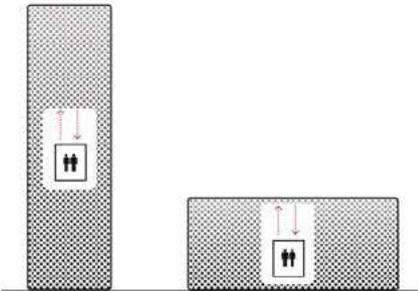
dois estados. A passagem liminar forma uma espécie de 'consciência transicional', na formulação de D. W. Winnicott; foi ele o primeiro a alertar os psicólogos para a importância dos momentos transicionais que estabelecem fronteiras entre as experiências para as crianças. O parque de van Eyck é um exemplo prosaico disto: para entender como devem brincar, as crianças vivenciam seus limites em relação aos carros em movimento ou aos vovôs tirando uma soneca; em vez de um abrupto ou/ou, elas fazem uma transição liminar, membranosa. Da mesma forma, na geografia mais ampla de uma cidade, os limites liminares podem assinalar a passagem de lugares ricos para lugares pobres; a Escola de Chicago estudou exatamente essa condição liminar - sem lhe dar este nome - nas ruas da direção leste-oeste que vão de Gold Coast às favelas mais a oeste da cidade, passando pelo lago." SENNETT, 2018, p. 253-254.

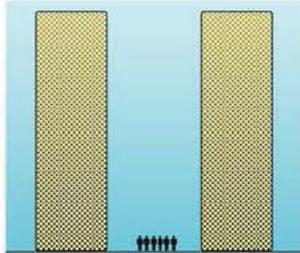
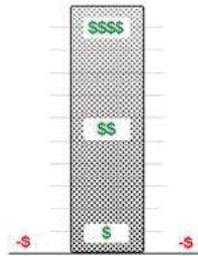


Figura 10 - Antes e depois dos *Playgrounds* de Van Eyck. Fonte: Ch dren of Techno gy 2020. Disponível em: <<https://ch-drenoftechnogy.wordpress.com/2012/10/04/a-do-van-eyck-the-playgrounds-and-the-city/>>

A noção de porosidade é complexa e trabalha com as dimensões construídas e vividas da cidade e arquitetura. Não se trata simplesmente de abrir as edificações, para Mass et al. (2018) a ideia de porosidade é usada para definir características de materiais, o desempenho de um sistema de fachadas, os arranjos espaciais de um edifício ou até mesmo reações socioeconômicas.

Apesar das dificuldades para definição, Mass et al. se utilizam do conceito antagônico de porosidade para chegar a uma definição de como o conceito se aplica à arquitetura. Definir a solidez é, portanto, uma maneira de visualizar a ideia de porosidade. Na Tabela 2 a ideia de solidez é apresentada com seu argumento principal, segundo MASS et al. (2018, p. 17-18).

<p>Solidez é rígida</p>	<p>Edificações sólidas são monólitos, ou traduções volumétricas dos arranjos do programa de necessidades</p>	
<p>Solidez é monótona</p>	<p>A constante repetição de blocos sólidos nas cidades contemporâneas é uma adaptação geral das experiências modernistas do edifício isolado, gerando espaços públicos monótonos e com uma experiência urbana pobre.</p>	
<p>Solidez é genérica</p>	<p>O potencial construtivo se tornou um dos grandes paradigmas da maximização da área construída, que levou a uma extrusão excessiva da área de projeção ao número máximo possível de pavimentos, conectados por elevadores. A qualidade do ambiente construído e as interações sociais são reduzidas às oposições entre dentro-fora ou acima-abaixo.</p>	
<p>Solidez é repetitiva</p>	<p>A solução das estruturas monótonas é tipicamente a mesma, mesmos pontos de entrada, elevadores para subir e descer e é isto. As fachadas e a proporção da torre é o que sobra para uma possível variação.</p>	

<p>Solidez divide</p>	<p>As fachadas marcam a divisa entre dentro e fora, público e privado e vazio e cheio. Os edifícios então se tornam similares a comunidades fechadas com uma vida própria e isolados do ambiente público.</p>	
<p>Solidez envelope</p>	<p>Os aspectos físicos dos ambientes internos são isolados do clima externo. Em geral as edificações sólidas são iguais ao redor do mundo, independente do tipo de clima e condições externas. Problemas decorrentes do condicionamento interno se tornam meramente uma questão técnica.</p>	
<p>Solidez segrega</p>	<p>Enquanto sólidas, as edificações segregam e se tornam “fortes” que dividem a população em fatores socioeconômicos e se isolam da convivência coletiva.</p>	

Tab e a 2 - Def n ções de so dez Tradução vre Fonte: Adaptado a part r de MASS et a 2018 p 17-18

Ainda que a noção de solidez pareça se contrapor com a ideia de porosidade em Mass et al., é necessário ter a noção de que a porosidade deve se relacionar com a massa construída tanto quanto o vazio. Para Sennett (2018, p. 250), “a porosidade existe em diálogo com a resistência: um diálogo que às vezes significa que a célula se abre para ser inundada, e outras vezes se mostra retentiva”, para este, é um equívoco considerar as edificações maciças como inertes ao contexto. Um exemplo que é comum como iconografia desse tipo de interpretação é o mapa do arquiteto italiano Giambattista Nolli que ilustrou em 1748 a porosidade da cidade de Roma (MASS, et al., 2018, p. 22), através da representação do contraste dos espaços sólidos privativos em preto e dos vazios públicos em branco.

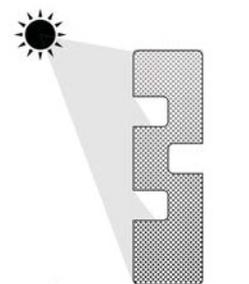


Figura 11 - Trecho do mapa de Nolli para Roma. Em branco os espaços vazios e em preto as massas construídas necessárias ao público. Certos momentos a região branca se aproveita das aberturas da massa sólida para se integrar ao espaço público.
 Fonte: Research Gate, 2020, disponível em <<https://www.researchgate.net/publication/335982982>>

Continuando em Mass et al. (2018), os autores sugerem que a ideia de porosidade dos edifícios é “intenção projetual que se concentra na qualidade espacial que surgem com a distribuição de vazios”¹² (ibid., p. 28). Para estes, as qualidades espaciais, em oposição à solidez, são relacionadas com Luz Natural, Vistas, Espaços de Encontro abertos, Climatização, Vegetação, Acessibilidade, Abertura e fechamento e Hibridização (ibid., p. 30-37). Estas são expressas na Tabela 3, juntamente com seus argumentos.

**Porosidade -
Luz natural**

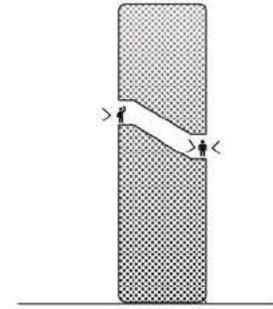
Uma edificação porosa tira proveito da luz natural como diretriz de projeto e como fator determinante para definir a “pele” da edificação, como se a luz solar se tornasse uma força esculptora do volume final da edificação. As aberturas ajudariam a climatizar o ambiente construído, assim como as sombras seriam desejáveis em determinados períodos.



¹² Tradução livre: “(...) as a design intention, porosity concerns the special qualities that emerge from the distribution of voids”.

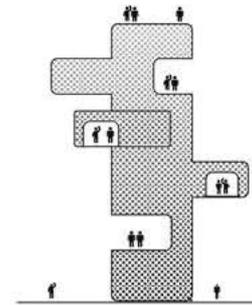
**Porosidade -
Vistas**

Com a densidade dos edifícios nos centros das cidades, o horizonte tende a desaparecer. A construção porosa buscaria permitir avanços e recuos para permitir a vista externa e interna, para permitir abertura visual na perspectiva da cidade.



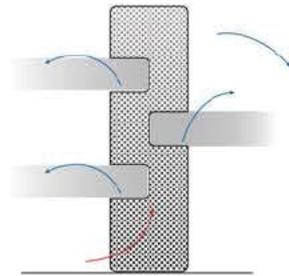
**Porosidade –
Espaços de
Encontro
abertos**

As edificações sólidas normalmente possuem um terraço inacessível no coroamento das torres. A edificação porosa permite a criação de terraços e pátios para socialização e encontro e também para a própria iluminação natural e climatização do ambiente construído.



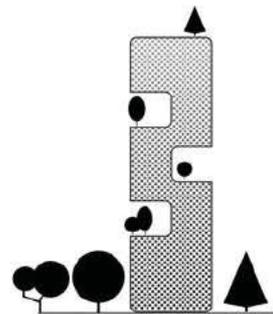
**Porosidade -
Climatização**

A ventilação natural é uma qualidade inerente da porosidade. Nos centros urbanos, devido ao fenômeno das ilhas de calor, é interessante projetar edificações que permitam climatizar o ambiente construído através de soluções passivas, atuando como uma “esponja” capaz de realizar trocas de calor entre o ambiente construído e cidade.



**Porosidade -
Vegetação**

As áreas verdes permitem mais qualidade do ar, absorção do dióxido de carbono e permitem espaços de acolhimento e lazer. Porosidade e cobertura vegetal entretanto não se reduzem a adicionar espaços para gramados, mas também inclui a ideia de permitir a existência da vegetação natural desde sua implantação e arranjos dos vazios internos.



<p>Porosidade - Acessibilidade</p>	<p>É comum nas cidades conceber os fluxos de circulação na relação rígida entre infraestrutura e edifícios: o elevador, as vias rápidas e rodovias, calçadas, ciclovias e meios públicos de transporte, entre outras. Estas são as formas em diversas velocidades que garantem a fluidez e mobilidade na cidade. A edificação porosa é um convite a realçar ambos através de formas que facilitem o acesso ao ambiente construído e cidade, podendo atuar até mesmo como infraestrutura para atender demandas da cidade. Ela é fácil e interessante de atravessar, de forma que os seus acessos se tornam por si só lugares de encontro.</p>	
<p>Porosidade – Abertura e fechamento</p>	<p>Porosidade permite mesclar os ambientes entre espaço privado e público e representam um equilíbrio entre abertura e fechamento a partir da maneira com que tratam o ambiente construído com espaços semi-públicos e semi-privados.</p>	
<p>Porosidade - Hibridização</p>	<p>A edificação porosa não é monofuncional, mas permite a existência de diversidade de programas dentro do seu espaço e se tornam condensadores destes programas, aumentando a sinergia entre eles e convidam os empreendimentos privados a prover qualidades ao espaço público.</p>	

Tab e a 3 Re ações entre poros dade e qua dades amb enta s Tradução vre Fonte: Adaptado a part r de MASS et a 2018 p 30-37 Ilustrações do Autor (2020)

A porosidade representa uma qualidade da edificação particularmente sensível no espaço de transição e no espaço dos primeiros pavimentos dos edifícios, justamente por esse lidar com as trocas entre o ambiente interno e ambiente externo da cidade e, portanto, possui a necessidade inerente em permitir a porosidade. Nesse sentido as ideias de Mass et al. se demonstram pertinentes para qualificar o que Sennett descreve como porosidade.

2.4.2.4 Incompletude

Sennett associa a incompletude à quarta forma de se abrir a cidade. A autoconstrução presente em grande parte das moradias populares em países em desenvolvimento é uma analogia que é comparada às formas incompletas da cidade aberta, " a arquitetura é um trabalho de longo fôlego" (SENNETT, 2018, p. 257) nesse tipo de construção.

A incompletude atua como uma forma aberta pela maneira como é construída coletivamente, mas a principal indagação é, no âmbito do urbanismo, sobre a possibilidade de imaginar as formas urbanas como incompletas. Nesse sentido, apresenta-se os conceitos de "**concha e forma-tipo**".

A concha se refere à maneira de se permitir e aceitar a incompletude e determinadas alterações que venham a ocorrer dentro de uma "casca". A critério de exemplificar a "concha" como forma aberta é através do princípio de 'Incrementalidade', desenvolvido pelo escritório de arquitetura Elemental, no Chile.

"Por outro lado, é fato que os recursos disponíveis não são suficientes. Para lidar com essa escassez de recursos, os mercados tendem a fazer duas coisas: Reduzir e Deslocar; reduzir o tamanho da casa, ameaçando a qualidade de vida dos seus habitantes, e deslocá-las às periferias carentes, onde a terra custa pouco, separando as pessoas das oportunidades que as levaram a viver nas cidades. No caso de você não poder fazer tudo, concentre-se em: A - O que é mais difícil; B - Que não pode ser feito individualmente; C - Que garante o bem comum no futuro".¹³

Fonte: Elemental, 2016, disponível em <<http://www.elementalchile.cl/en/>>. acesso em 14 de Março de 2020.

¹³ Tradução livre: "Por otra parte, es un hecho que los recursos disponibles no son suficientes. Para hacer frente a esta escasez de recursos, los mercados tienden a hacer dos cosas: Reducir y Desplazar; reducir el tamaño de la casa, amenazando la calidad de vida de sus habitantes, y desplazarla a las periferias desabastecidas, donde la tierra cuesta poco, segregando las personas de las oportunidades que les habían hecho ir a vivir a la ciudades. Para si no puedes hacer todo, enfócate en: A - Que es más difícil; B - Que no se puede hacer individualmente; C - Que garantiza el bien común en el futuro".

A habitação incremental se baseia em cinco condições de design que formam a gramática de projeto nestas casas:

- Boa localização: Projetos densos que paguem pelos terrenos caros e bem localizados;
- Crescimento harmônico ao decorrer do tempo: Construir estrategicamente somente a primeira metade da casa essencial para o modo de vida das famílias habitantes, mas deixando prevista as próximas formas de expansão previstas para a casa, marcando as alterações individuais, criando personalidade ao local e também evitar a deterioração do tempo;
- Introduzir entre o espaço privado do lote e da rua, o espaço coletivo, com o máximo de contato para 25 famílias, para estimular os acordos sociais e convívio comunitário;
- Deixar pronto o fechamento para o estágio final de construção e não apenas o estágio inicial - prevendo as melhorias de condição de vida de cada família, bem como o aumento dos indivíduos familiares;
- As características do estágio final de construção são no máximo de 72 m² ou 4 quartos de 3 m x 3 m, com banheiros completos e espaço para closets e camas de casal, também contando a possibilidade de garagem de carros.

De los 3 mil millones de personas que viven en las ciudades de hoy, 1 billón está bajo la línea de la pobreza. Para el año 2030, de los 5 mil millones de personas que vivirán en las ciudades, 2 billones estarán bajo la línea de la pobreza. Eso significa que vamos a tener que construir ciudades de 1 millón de habitantes por semana con 10.000 dólares por familia.

Dada la magnitud del problema de la escasez de vivienda, no podemos resolver la pega sin sumar como recurso la capacidad de construcción propia de las personas a las capacidades de los gobiernos y del mercado. Por eso hemos pensado en poner en marcha un SISTEMA ABIERTO capaz de canalizar todas las fuerzas en juego. De ese modo, las personas serán parte de la solución y no del problema.

Por otra parte, es un hecho que los recursos disponibles no son suficientes. Para hacer frente a esta escasez de recursos, los mercados tienden a hacer dos cosas: Reducir y Desplazar; reducir el tamaño de la casa, amenazando la calidad de vida de sus habitantes, y desplazarla a las periferias desabastecidas, donde la tierra cuesta poco, segregando las personas de las oportunidades que les habían hecho ir a vivir a la ciudades. Para enfrentar la escasez proponemos un principio de INCREMENTALIDAD.

Si no puedes hacer todo, enfócate en:

- A. Que es más difícil
- B. Que no se puede hacer individualmente
- C. Que garantiza el bien común en el futuro

Identificamos 5 condiciones de diseño que son el ABC de la vivienda incremental:

1. Buena localización: proyectos suficientemente densos para poder pagar suelos caros y bien localizados.
2. Crecimiento armónico en el tiempo: construir estratégicamente la primera mitad (partición estructural y cortafuegos, baño, cocina, escalera, techo), de manera que la expansión ocurra gracias al diseño y no a pesar. Enmarcar los desarrollos y acciones individuales, de modo que consigamos una personalización en lugar y no el deterioro del vecindario.
3. Diseño urbano: introducir entre el espacio privado (lote) y el espacio público (calle), el espacio colectivo, no más grande que 25 familias, para que los acuerdos sociales se mantengan.
4. Dejar hecha la estructura para el estado final del crecimiento (clase media) y no sólo por la inicial.
5. ADN de clase media: dimensiones para un escenario final de al menos 72 m² o 4 dormitorios (3x3m) con espacio para clóset o cama matrimonial, baños que estén lejos del acceso a la casa (que es el caso típico para ahorrar tuberías) y si cerca de las habitaciones, con tina y no solo receptáculo de ducha, con espacio para lavadora de ropa, y posibilidad de estacionamiento para el auto. Nada de esto está siquiera cerca de ser el caso de la vivienda social de hoy en día.

En otras palabras, asegura un balance entre: densidad en baja altura



sin hacinamiento, con posibilidad de expansión (de la vivienda social a la casa de clase media)

AQUÍ encontrarás 4 ejemplos, con 4 diseños diferentes que persiguen los mismos objetivos y principios. A partir de ahora, son de conocimiento público, una fuente abierta que esperamos sea capaz de eliminar una excusa más para que los mercados y los gobiernos no se muevan en esta dirección para enfrentar el desafío de la rápida y masiva urbanización. Estos diseños requieren ser ajustados para cumplir con las regulaciones locales y los códigos estructurales, siguiendo las realidades locales y el uso de materiales de construcción pertinentes. Estos son los conocimientos que hemos probado, que han demostrado ser beneficiosos para las comunidades y que han sido implementados aceptando las limitaciones de presupuesto y las restricciones de la política pública.

Figura 12 - Principios de la habitación incremental. Fuente: Ementa 2020 disponible en <<http://www.ementa.ch.ec/en/>>

O princípio da incrementalidade pode então se resumir, segundo Elemental, num balanço entre "densidade de baixo gabarito, sem congestão de população e a possibilidade de expansão das unidades". Essa modalidade de planejamento urbano e arquitetura é, segundo Sennett (2018, p. 259), uma forma de incompletude do espaço urbano na qual se referencia a "concha": não somente uma espera de crescimento, mas a previsão e interesse de expansão, sem receios de como a forma urbana final se demonstrará: a cidade aberta não se importa como os objetos se parecem, mas sim com a forma entre as coisas, parafraseando Stan Allen em "Condições de campo" (In Sykes, 2013, p. 91-103).



Figura 13 - Habitação Incremental recém entregue em Quilata Monroy Chile. Fonte: Archdaily 2020 disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/01-28605/quilata-monroy-e-menta>>



Mais além, a forma incompleta da “concha” é fundamental para se estabelecer a noção de “forma-tipo”. Se uma imagina a incompletude através do oferecimento de uma atmosfera de expansão, a outra é uma possibilidade de assumir flexibilidade em diferentes circunstâncias, respectivamente, uma conexão flexível entre o construído e o uso. Dessa maneira, cabe indagar: o que ocorre quando uma concha atinge sua forma final? Para Sennett, ambas estabelecem o dilema entre o inacabado e o inacabável.

"Uma infraestrutura sobrecarregada [o termo mais correto seria "superdimensionada", mas escolhemos manter a terminologia original da tradução oficial], assim, serve para facilitar o uso, ao passo que construir apenas o que originalmente é necessário pode tornar a construção tecnologicamente obsoleta a curto prazo. (...) quanto mais sólida a adequação, menor a flexibilidade.

Assim é que a forma-tipo se difere da sua prima, a concha. A concha é vazia; a forma-tipo é, por assim dizer, a lesma lá dentro." (p. 263)

O projeto ambivalente pode se utilizar da forma-tipo para resolver o problema do "inacabável". Ao passo de que a "concha" confronta a cidade aberta com o status de "feito", as

"(...)regras básicas de forma precisam proteger contra essa deriva para o sem-forma (...), a mudança precisa ser possível, caso contrário as pessoas estarão meramente representando papéis preestabelecidos em lugares fixos; elas precisam da liberdade e dos meios de alterar a forma estática" (SENNETT, 2018, p. 261).

2.4.2.5 Multiplicidade

A ideia de multiplicidade se relaciona em choque à lógica modernista do zoneamento de funções específicas no plano macro da cidade. Para Sennett (2018, p. 267), um modelo de multiplicidade busca abertura para permitir o “planejamento de

semeadura”, um modo de planejar uma forma que aceita a mistura de funções independentes não necessariamente previstas anteriormente.

Nesse sentido, a multiplicidade tem relação com a flexibilização dos espaços para permitir diferentes usos (o que pode se valer da ideia de incompletude) e ao passo que depende de uma aceitação das diferenças destes variados usos entre si, dimensão esta que depende de uma sólida experiência coletiva. Portanto o aspecto da multiplicidade soa desconectado com o ambiente construído e se relaciona mais com aspectos sociais do lugar em permitir a diversificação.

Entretanto, em arquitetura o termo de variação e mistura de usos reside no que Lassance et al. (2012) definem como “hibridização programática”, um tema essencialmente metropolitano cujos edifícios híbridos são “capazes de conciliar e concentrar diversos programas numa única, grande e complexa edificação” (ibid., p. 36).

Porém o hibridismo não se resume somente a uma mistura de funções como a casa com uma frente comercial, mas se distingue justamente pelas dimensões e pelos recursos tecnológicos que permitem a mistura de suas funções (elevadores e escadas rolantes, circulação de ar mecanizada, entre outros).

Koolhaas (2008, p. 151) descreve como a “cultura da congestão” da metrópole é um dos fatores que possibilita a existência da multiplicidade e da hibridização programática:

“A “Cultura da Congestão” propõe a conquista de cada quadra por uma estrutura única.

Cada edifício se tornará uma “casa” - um domínio privado que inflará para receber hóspedes, mas não ao ponto de pretender a universalidade no espectro de suas ofertas. Cada “casa” representará um estilo de vida e uma ideologia diferentes. Em cada andar, a “Cultura da congestão” organizará combinações inéditas e divertidas de atividades humanas. Com a “tecnologia do fantástico”, será possível reproduzir todas as “situações” - da mais natural à mais artificial -, onde e sempre que se desejar.” KOOLHASS, 2008, p. 151.

O edifício híbrido é uma síntese da cultura de congestão, em Koolhaas, e a multiplicidade uma de suas características que permitem “combinações inéditas e divertidas de atividades humanas”. Mais além, o autor ainda apresenta o edifício do *Downtown Athletic Club* como um “instrumento da cultura da congestão” (ibid., p. 180). O edifício é chamado “condensador social”, para intensificar e gerar formas inéditas de socialização, combinando desde quadras de squash, bibliotecas, clube de boxe nudista, bar de ostras, um campo de golfe, barbearias e até mesmo consultórios de medicina preventiva (ibid. p. 183-186). Isso representa quase uma simbiose entre as diferenças e é possível transportar esta noção para o espaço de transição para que este possa desenvolver uma interface de “simbiose” entre arquitetura e cidade.

Para Lassance et al. (2012, p. 40), os “híbridos (...) aceitam, e até mesmo buscam, circunstâncias aparentemente estranhas de coabitação, mas que na verdade são guiadas (...) pelas oportunidades de convívio e convergência de interesses”. Essa noção reflete-se no argumento de Sennett ao propor: "Em vez de planejar o todo, o planejamento de sementeira busca criar 'bolsões de ordem' em termos de sistemas abertos" (2018, p. 267).

Essa maneira de conceber um espaço de multiplicidade relaciona-se com a ideia de arquitetura como sistema aberto, infraestrutura ou dispositivo e minimamente como forma. O que explica também a noção da hibridização ser possível com a “tecnologia do fantástico” (KOOLHAAS, 2008, p. 151). Caso e Cavallo ainda sustentam que, no edifício híbrido,

“A escala é determinada pela dimensão da quadra da cidade dentro da grelha ortogonal. a forma é um resultado direto das inovações tecnológicas do fim do século XIX como Estruturas metálicas, o elevador, o telefone, fiação elétrica, aquecimento central e sistema de ventilação (...) o tipo híbrido foi uma resposta para as pressões metropolitanas de especulação imobiliária e a rigidez da malha urbana (...) os edifícios ficaram mais altos e mais largos como nunca antes. Suas únicas condicionantes eram os parâmetros urbanísticos

e a própria malha ortogonal”.¹⁴ CASO, Olindo & CAVALLO, Roberto. 2013, p. 32.

Os resultados da hibridização são inesperados, assim como a ideia de planejamento de sementeira, mas ambos demonstram a ideia de multiplicidade como forma aberta.

Em suma, a partir da leitura de Sennett, os padrões de utilização permitem maneiras ou princípios para sustentar a elaboração de projetos para os espaços de transição relacionados a aspectos que são moldáveis pela arquitetura. Alguns deles envolvem outras dimensões do espaço, mas ainda assim são influenciados pelo ambiente construído. A Tabela 4 resume os padrões elencados aqui e outras possíveis abordagens adicionadas.

¹⁴ Tradução livre: “The scale is determined by the dimension of a city block within the orthogonal grid. The form is a direct result of the late Nineteenth century technical innovations such as structural framing, the elevator, the telephone, electrical wiring, central heating and ventilation systems... The hybrid type was a response to the metropolitan pressures of escalating land values and the constraints of the urban grid ... The buildings became taller, larger than ever before. Its only constraints were the zoning ordinances and the orthogonal grid itself.”

Padrões de utilização

Sincronicidade	Sincronicidade	Possibilita real diversidade de usos.
	Sequencialidade	Mas evita o excesso de fragmentação.
Interrupções	Pontuação	
	Fachada ativa	Promove contato ao espaço externo com elementos não homogêneos e repetições.
Porosidade	Luz natural	Permite acesso à luz natural.
	Vistas	Permite visualização interna e externa.
	Espaço de encontro aberto	Tira proveito de espaços de socialização abertos.
	Climatização	Estimula soluções passivas de climatização
	Vegetação	Tira proveito do terreno natural ou cria espaços verdes.
	Acessibilidade	Potencializa os fluxos internos e externos.
	Abertura e Fechamento	Trabalha com aberturas e fechamentos para criar transições.
	Hibridização 1	Possibilita mescla de funções.
Incompletude	Concha	Prevê o incremento até uma forma pré-estabelecida.
	Forma-Tipo	Prevê e estimula a adaptação sem necessariamente uma conformação.
Multiplicidade	Planejamento de Semeadura	Cria “bolsões de ordem” para tirar proveito de possíveis simbioses programáticas.
	Hibridização 2	Vale-se da escala e da tecnologia para tirar proveito de combinações inéditas.

Tab e a 4 -Resumo dos padrões de ut zação e suas nuances Fonte: O autor

2.5 SÍNTESE ENTRE TRANSIÇÃO E ATMOSFERA

A partir desta abordagem de reflexão sobre os espaços de transição e sua relação com o ambiente construído público e privado na cidade, pretendo utilizar a estrutura fornecida pelos padrões de utilização e de produção de transição como maneira para se qualificar as atmosferas dos espaços de transição em Curitiba.

A atmosfera de um lugar é compreendida pelos usuários de acordo com sua predisposição emocional de maneira instantânea. O espaço de transição, como

recurso projetivo permite de certa maneira pré-condicionar a percepção das atmosferas arquitetônicas nos espaços públicos e privados, assim como Christopher Alexander et al (1977) descrevem com o “comportamento de rua” deixado para fora da casa ao entrar, configurado pela criação de uma transição.

De fato, a transição possui o potencial de pré-condicionar as atmosferas entre os espaços internos e externos e estas são parte da experiência entre usuários e objeto arquitetônico na cidade. Ainda assim a dificuldade em se lidar com as atmosferas de um lugar nos projetos de arquitetura reside no fato de falta de procedimentos, possibilidades ou entendimentos específicos do tema. Melhorar a qualidade de uma atmosfera pode soar intangível, ao passo que o estudo tecnológico do ambiente construído, através de métricas precisas, permite uma aproximação mais direta do que se entende por conforto ambiental, como se fosse um *checklist* de itens a se considerar para promover a qualidade do espaço de arquitetura.

Entretanto, Zumthor (2009) fornece respostas pessoais sobre ferramentas, interesses ou procedimentos para se projetar atmosferas: 1) A corporificação da arquitetura; 2) A consonância dos Materiais; 3) O som do espaço; 4) A temperatura do espaço; **5) As coisas que me rodeiam**; 6) Serenidade e sedução; **7) A tensão entre interior e exterior**; 8) Degraus de intimidade e 9) A luz sobre as coisas. Destes, o espaço de transição possui ligação direta com “A tensão entre interior e exterior” e “As coisas que me rodeiam”. Não se trata de um conjunto de ferramentas para melhor projetar atmosferas, mas possibilidades de abordagens para se operar nestas atmosferas.

Portanto, as qualidades de produção e utilização dos espaços de transição elencadas neste capítulo, assim como em Zumthor, podem fornecer interesses e possivelmente procedimentos para se definirem estratégias de projeto para estes espaços e assim qualificar suas próprias atmosferas.

3 MÉTODO

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa se classifica como de natureza **básica**, de objetivo **exploratório / bibliográfico** por abordagem **fenomenológica (com coleta de dados qualitativos)**, de base argumentativa **indutiva**. Serão utilizados como procedimentos metodológicos a **pesquisa bibliográfica** e como procedimento principal, o **Estudo de Caso** apoiado pela elaboração de **diagramas arquitetônicos e representações gráficas de síntese**.

3.2 ESTUDO DE CASO

A construção do método de pesquisa se baseou na seleção como método principal de desenvolvimento o Estudo de Caso. Para Santos (2018, p. 92), este método “de cunho empírico que investiga fenômenos em seu **contexto de vida real**”, tentando conceber uma compreensão holística de tais fenômenos, não necessariamente participando dos eventos.

Segundo Yin (2010, p. 32), a seleção do estudo de caso pode ser utilizada quando se há a intenção de lidar com “condições contextuais – acreditando que elas poderiam ser notadamente pertinentes ao seu fenômeno de estudo”. No presente estudo a relevância do método escolhido se dá pela necessidade enraizada de se analisar o contexto em conjunto com o fenômeno. Uma arquitetura ambivalente e os critérios de design para tal são necessariamente ligados ao seu contexto.

A investigação em estudos de caso como estratégia de pesquisa também pressupõe uma abrangência geral dos fenômenos, apesar de possíveis variações com a seleção de múltiplos casos quanto na utilização de apenas um caso. Ambas estratégias são recorrentes nas pesquisas em design e arquitetura, amparando métodos como a *Design Science Research* (SANTOS, 2018, p. 78-79), método de natureza prescritiva, que objetiva a produção de artefatos para introdução ao mundo real posteriormente.

“Artefatos” em Simon (1969) condizem com fenômenos (coisas) não naturais, concebidos pelo homem, que inevitavelmente utilizam e se interessam no processo de projeção inerente ao design, em Tradução livre:

“A atividade intelectual que produz artefatos materiais não é fundamentalmente diferente das outras que prescrevem remédios para um paciente doente ou àqueles que concebem novos planejamentos de vendas para uma empresa ou uma política de qualidade de vida para um órgão público. Design, até então, é o núcleo de todo treinamento profissional; é a principal marca que distingue as profissões das ciências. Escolas de engenharia, assim como escolas de arquitetura, negócios, educação, direito e medicina, estão todas interessadas com o processo de design” (SIMON H. A. 1969, p. 111. Tradução livre)¹⁵

Artefatos, portanto, podem, por exemplo, visar tanto ao aprimoramento da qualidade de usabilidade de um dispositivo de comunicação, quanto a uma nova ferramenta que melhore a eficiência de uma organização complexa (SANTOS, 2018, p. 73). Neste sentido, a *Design Science Research* (a ciência do artificial) se preocupa com o conhecimento gerado através da proposição de artefatos artificiais cujo objetivo explícito é a melhoria do mundo conhecido. Para Simon (1969, p. 113), “é sua preocupação atingir objetivos pela melhoria (ou adaptação) do antigo para o novo”.¹⁶ Segundo Santos (2018, p. 73), o artefato de pesquisa da *Design Science* pode ser categorizado através de novo constructo, modelo, ferramenta, método, produto/serviço/sistema, cujo conhecimento embutido em cada uma destas categorias aumenta respectivamente.

Em contraponto, o Estudo de Caso também pode apresentar uma investigação com objetivos prescritivos, assim como a *Design Science Research*, embora não haja a elaboração de artefatos para a condução da pesquisa (LACERDA et al., 2013, apud. SANTOS, 2018, p. 79). Para Santos,

“(…) a investigação [no estudo de caso] pode buscar a ampliação da compreensão de um fenômeno em um determinado contexto e a realização de inferências para a soluções futuras para contextos similares. Esta abordagem mistura, portanto, as características retrospectivas do estudo de caso com o propósito prospectivo da *Design Science*, permitindo o avanço do conhecimento teórico quanto a soluções para determinadas classes de problemas, incluindo

¹⁵ “The intellectual activity that produces material artifacts is no different fundamentally from the one that prescribes remedies for a sick patient or the one that devises a new sales plan for a company or a social welfare policy for a state. Design so construed is the core of a professional training; it is the principal mark that distinguishes the professions from the sciences. Schools of engineering, as well as schools of architecture, business education, law and medicine are all centrally concerned with the process of design” (SIMON H. A. 1969, p. 111)

¹⁶ “The artificial worlds centered precisely on this interface between the inner and outer environments; it is concerned with attaining goals by adapting the former to the latter” (SIMON H. A. 1969, p. 113)

o aprendizado obtido com artefatos bem sucedidos como daqueles mal sucedidos. Este avanço no conhecimento teórico contribui para aperfeiçoar o desenvolvimento de artefatos mais eficazes e úteis” (SANTOS, 2018, p. 79).

Ao selecionar o estudo de caso como método principal, pressuponho a investigação e levantamento de dados investigados na realidade com um confronto com a base teórica referente ao campo de estudo.

Apesar de ter postulado tais vantagens da utilização da *Design Science*, não é a intenção do trabalho documentar a elaboração de estratégias, dispositivos e ferramentas de design, centrados na qualidade de experiência do usuário, que promovam a melhoria do espaço público, mas sim a documentação de pesquisa de estudos de caso, cujos dados podem gerar um entendimento geral do contexto **para** sustentar possíveis estratégias de projeto.

Portanto, pode ser entendido como objetivo prescritivo do estudo de caso a identificação de estratégias de se qualificar **o espaço público e o ambiente construído** (através dos espaços de transição da arquitetura). A mudança que se busca no “mundo real” baseia-se no imaginário de um “mundo idealizado” a ser efetivado de acordo com o estudo dos fenômenos da realidade somados ao apoio de um artefato que promova mudança no campo estudado.

3.2.1 Procedimentos do Estudo de Caso

O Estudo de Caso se baseia na seleção de modelos que facilitam na concepção de um *constructo* de análise e posteriormente de triangulação de dados para indução ou dedução de uma conclusão e, no presente estudo, a concepção de diretrizes para os espaços de transição em Curitiba. Porém, saliento que o objetivo desta dissertação não é a elaboração técnica de um projeto arquitetônico, mas sim o detalhamento de um procedimento científico devidamente embasado, cujos resultados estarão devidamente interligados com o aparato de pesquisa, que se vale da utilização do design como ferramenta. Frayling (1993, apud. SANTOS, 2018, p. 72) propõe essa diferença nas pesquisas “para”, “através” e “sobre” o design, ocorrendo **sobre e através** do design.

Yin (apud. SANTOS, 2018, p. 97) define que o procedimento do estudo de caso ocorre através de um processo linear e iterativo (cíclico), iniciando através da compreensão do problema através de uma estrutura conceitual/teórica, planejamento de casos a serem estudados, condução de teste piloto da coleta de dados (e, se necessário, retornar à etapa de planejamento), coleta efetiva de dados, análise e relatório final. Esse esquema pode ser observado na Figura 15.

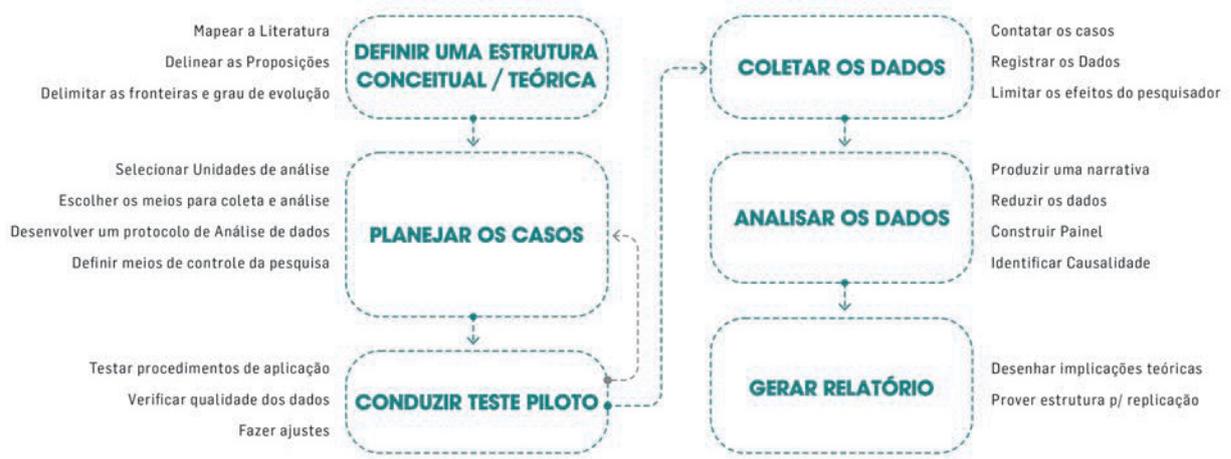


Figura 15 - Procedimento de condução do estudo de caso. Fonte: Adaptado de SANTOS, 2018, p. 96

Para facilitar a compreensão do aparato, foram selecionados métodos de apoio para elaboração e suporte do método principal (Estudo de Caso), sendo cada um destes procedimentos divididos em 3 fases da pesquisa, de forma a responder cada uma das etapas propostas para o desenvolvimento do trabalho. São estas etapas e seus métodos:

- d) Fase 1 – Compreensão do problema – Revisão bibliográfica assistemática / Narrativa;
- e) Fase 2 – Estudo de Múltiplos Casos – Mapeamento, seleção e coleta de dados;
- f) Fase 3 – Conclusão do Estudo de caso – Resultados e discussão da análise de dados coletados;

Dessa forma, pode-se visualizar o diagrama geral de síntese da pesquisa na Figura 16.



Figura 16 - V são gera do método Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

3.3 DETALHAMENTO DAS FASES DE PESQUISA

3.3.1 Fase 1



Figura 17 - Fase 1 da pesquisa. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

A primeira etapa do trabalho se concentrou no amparo teórico/conceitual referente ao tema dos espaços de transição e suas implicações e conceitos na ambiente construído e espaço público, bem como em estabelecer critérios ou modelo de análise com base nos padrões de produção e utilização nos espaços de transição, visando servir como recurso à coleta de dados nos estudos de caso.

3.3.2 Fase 2

A segunda etapa de pesquisa proposta no aparato geral de pesquisa é a fase essencialmente concentrada no método de estudo de múltiplos casos, subdividida em três subetapas de desenvolvimento:

- 1) Subetapa de Planejamento: Estabelecer o recorte de escopo, escolha do meio de coleta de dados e possíveis métricas de análise;
 - a. Selecionei o centro de Curitiba como cenário geral de escopo;
 - b. Utilizei o eixo formado pela R. Comendador Araújo e XV de Novembro para enfoque principal;
 - c. Estabeleci um percurso por diferentes espaços a uma distância caminhável como formato de coleta de dados.
- 2) Subetapa Coleta e análise preliminar de dados dentro do recorte proposto: identificação de causalidade dos padrões (ou dimensões que afetam a vitalidade de determinado espaço de transição), elaboração de um painel comparativo entre os casos selecionados (ou recortes do território);

- a. Dentro do percurso caminhável, realizei a documentação dos 13 espaços selecionados;
- 3) Subetapa de Relatório pós-coleta e pré-análise: elaboração de tipologias padrões (se forem identificadas), potencialidades e deficiências encontradas, concepção de gráficos de leitura da vitalidade urbana no espaço de transição.
- a. Esboçamos a relação dos espaços selecionados através de representações gráficas de síntese e diagramas com os padrões ou dimensões analisadas anteriormente;
 - b. Sintetizamos os casos em um catálogo agrupando todos e gerando seu respectivo diagrama;

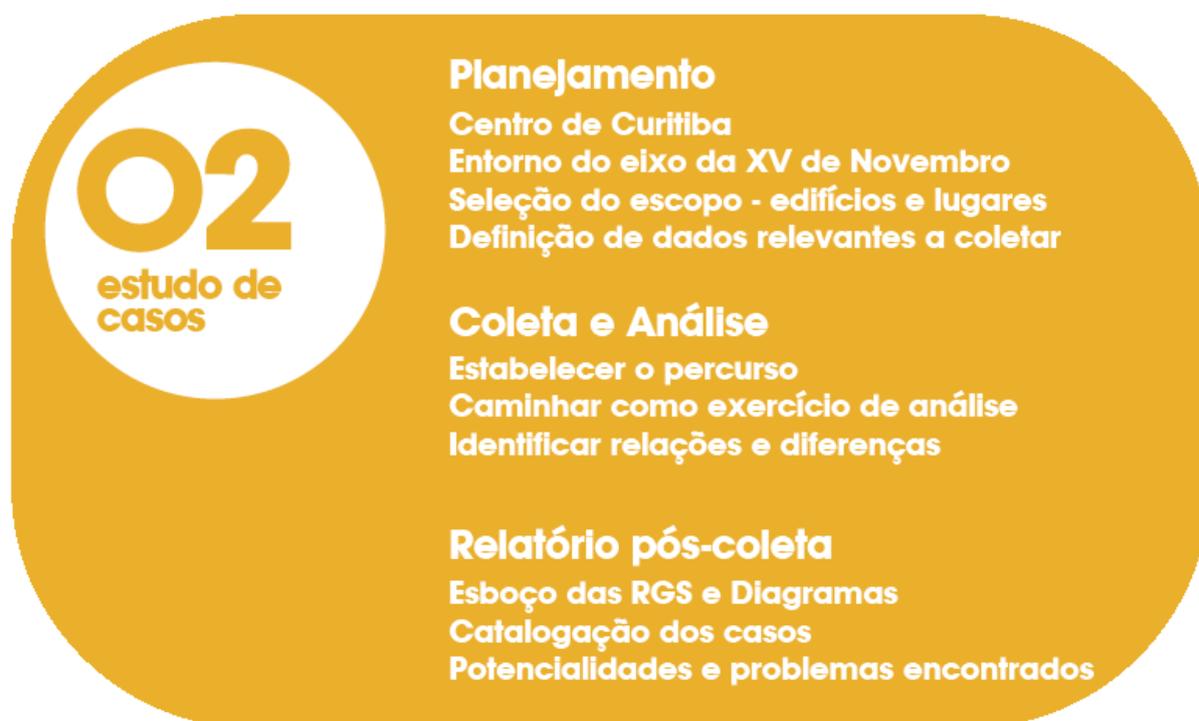


Figura 18 - Fase 2 de pesquisa - Estudo de múltiplos casos. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

3.3.3 Fase 3

A terceira partição do processo planejado de pesquisa se concentrou na saída e leitura dos dados coletados e analisados na pesquisa de estudo de caso dentro dos recortes selecionados na Etapa 02 do aparato de pesquisa. O resultado se concentra em divulgar e servir de apoio à elaboração dos diagramas e representações gráficas de síntese do design dos espaços de transição em Curitiba.

O objeto de saída desta etapa é o catálogo do percurso e síntese dos espaços de transição dos lugares selecionados.

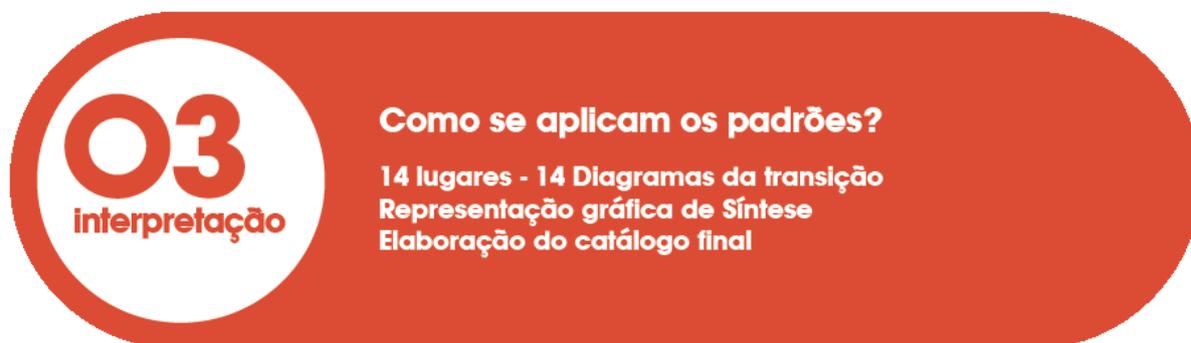


Figura 19 - Fase 3 de pesquisa - Reatör o v sua do espaço de transição em Curitiba. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

4 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

Neste capítulo, descrevo o processo de seleção dos casos escolhidos e represento, através de representações gráficas de síntese e diagramas arquitetônicos, as configurações e decisões projetuais que configuram as transições dentro dos lugares escolhidos.

4.1 TESTE PILOTO DE PESQUISA

Para desenvolver um teste piloto para a pesquisa, realizou-se um estudo de caso preliminar, considerando o envolvimento do usuário com quatro edifícios exemplos. No recorte da Rua Comendador Araújo, no centro de Curitiba, selecionei: Edifício *Central Park Gallery*, Edifício Everest, Complexo *Universe Life Square* e Hotel Pestana.



Hotel Pestana

Central Park Gallery

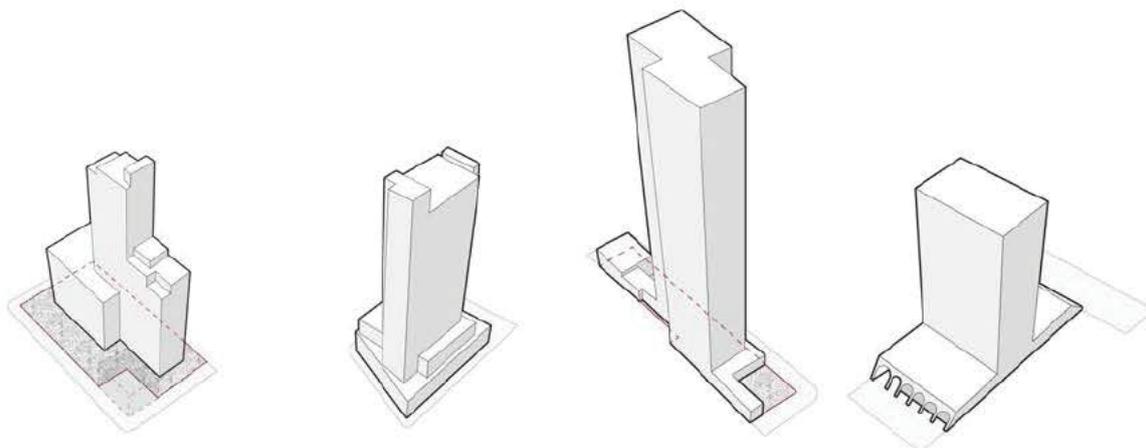
Universe Life Square

Everest

Figura 20 - Edifícios selecionados no estudo piloto. Fonte: Elaborado pelo Autor (2018)

O objetivo do teste piloto foi investigar a percepção da experiência do usuário, ainda que de maneira preliminar, acerca dos espaços de transição de tais edifícios: como a atmosfera de cada um é percebida pelo usuário.

A escolha dos quatro edifícios seguiu os critérios programáticos (edifícios multiuso, com torres de escritórios ou habitação) e liberdade de circulação do térreo (em todos há a possibilidade de se adentrar, sem a necessidade de um cadastro prévio). Não foram considerados a época de construção nem escala ou tipologia do espaço de transição, talvez por isso o edifício Everest seja o mais reconhecível e visitado (o mais antigo das amostras).



Hotel Pestana

Lote - Esquina / Meio de Quadra
Morfologia - Torre isolada extrudada
Embasamento - Fechado + Praça
Ocupação - Aprox. 70 %
Usos - Hab. Transitória / Corporativo / Habitação
Conexões - Rua Brig. Franco / Rua Comendador Araújo / Rua Cel. Menna Barreto Monclaro

Central Park Gallery

Lote - Esquina / Quadra inteira
Morfologia - Torre isolada extrudada sobre pódio
Embasamento - Aberto / galeria
Ocupação - 100 %
Usos - Habitação / Corporativo / Comércio
Conexões - Rua Comendador Araújo / Rua Visc. de Nacar / Pça Osório / Av. Vicente Machado.

Universe Life Square

Lote - Esquina
Morfologia - Torre isolada extrudada
Embasamento - Fechado / Comercial
Ocupação - Aprox. 80 %
Usos - Corporativo / Comércio
Conexões - Rua Comendador Araújo / Rua Visc. do Rio Branco / Av. Vicente Machado.

Everest

Lote - Meio de Quadra
Morfologia - Torre isolada extrudada sobre Embasamento
Embasamento - Aberto
Ocupação - 100 %
Usos - Corporativo / Comércio
Conexões - Rua Comendador Araújo / Rua 24 H.

Mais reconhecível / visitado - Você já passou por algum deles?

63%	54%	63%	92%
Microeconomia - Em quais deles você já fez alguma compra?			
29%	29%	17%	88%
Permanência - Quais deles são mais aptos à permanência num possível momento de ócio?			
13%	4%	54%	29%
Atividade Física - Quais deles são mais propensos à prática de exercícios?			
33%	0%	67%	0%
Reconhecimento de usos / Exploração - Affordance (?) - Em quais deles você iria para procurar uma relojoaria?			
13%	63%	4%	75%
Mais Convidativo			
8%	8%	42%	42%
Sensação de Segurança			
38%	4%	42%	17%

Figura 21 - Resultados do questionário. Fonte: Elaborado pelo Autor (2018)

A investigação preliminar ocorreu através de entrevistas anônimas em novembro de 2018 e tentamos entender a percepção do usuário sobre o espaço de transição dos quatro edifícios. Ao todo realizaram-se 25 entrevistas online com as seguintes questões:

- Quais destes edifícios você já visitou?
- Em quais deles você já fez compras?

- Em quais destes edifícios você passaria um tempo de ócio num domingo à tarde?
- Em quais deles você faria exercícios físicos?
- Em quais deles você entraria para procurar uma relojoaria?
- Qual deles parece mais convidativo?
- Qual deles parece mais seguro?

Ainda que de maneira rudimentar e sem um aparato de pesquisa ainda definido, os resultados pareceram demonstrar como a percepção do usuário varia de acordo com algumas diferenças de espaço ou de estratégia de projeto. Os espaços mais conectados com as dinâmicas urbanas (comércio e livre circulação no embasamento – *Central Park Gallery* e Edifício Everest) justamente foram considerados os menos seguros pela percepção dos entrevistados, ainda que os espaços considerados mais aptos à permanência e utilização em horários de ócio pareçam demonstrar uma solução para a questão da segurança, estes se demonstram promotores de um fechamento (não no sentido literal) em relação à vida urbana. Fechamento este que pode ser materializado por uma mudança de nível no *Universe Life Square*, ou por uma praça seca sem espaços para permanência ou atividades vicinais, no caso do complexo do Hotel Pestana.

4.2 PERCURSO DE COLETA DE DADOS

O recorte de pesquisa para seleção dos estudos de caso apresentados aqui foi delimitado nos edifícios e espaços do Centro de Curitiba. Para tanto, selecionei através do eixo da Rua XV de Novembro quatorze lugares para esta dissertação.

A escolha pelo eixo da Rua XV de Novembro se deu tanto pela dimensão simbólica da rua como uma das principais ruas de comércio e serviço no centro da cidade quanto pela representatividade histórica e tipológica da arquitetura e urbanismos curitibanos. A rua caracteriza-se pelo trecho exclusivo de pedestres entre a Praça General Osório e a Praça Santos Andrade, cujo polêmico fechamento para automóveis ocorreu na primeira gestão do então prefeito Jaime Lerner, em 1972.

Outro critério para escolha foi pela conexão histórica com os períodos de desenvolvimento da cidade, permeando a região de ocupação pioneira ao redor da Praça Tiradentes, ligando-se à Estrada Mato Grosso, hoje Rua Comendador Araújo,

antiga via de ligação com o interior do estado do Paraná, também podendo percorrer parte dos eixos estruturantes do transporte público da Cidade (Eixo Leste-Oeste – Rua Visconde de Nácar e Eixo Norte-Sul – Av. Sete de Setembro).

O trecho selecionado como base serviu de apoio para a seleção de 14 edificações do entorno imediato ou próximo ao trecho que propusessem tratamentos singulares da transição entre o público e privado em seus espaços. Entretanto, nenhum dos casos de estudo aqui propostos foram selecionados primordialmente pela relevância arquitetônica e importância histórica.

Estas transições singulares permitem a classificação de acordo com as maneiras que tratam esta relação através de dados quantitativos (quantidade de acessos, porcentagem de espaço livre ou de circulação e contagem de usos e usuários, por exemplo), mas para o objeto deste estudo me concentrarei nos critérios projetuais (padrões ou qualidades de produção e utilização), descritos na Fundamentação Teórica. Entende-se estes como componentes chave de conformação da experiência e atmosfera dos espaços de transição e do ambiente construído em sua totalidade.

Apesar da falta de relevância arquitetônica de alguns casos aqui selecionados, entendo que a transição destes edifícios permitem encontrar relações inusitadas de programas funcionais e de estratégias de organização de fluxos, como se estes fossem dispositivos para se corrigir uma condição urbana, sejam estas decorrentes de fluxos, desníveis, transporte, segurança e até mesmo função. Dessa

Portanto, os casos selecionados bem como a singularidade principal para sua seleção foram os seguintes:

- 1) Shopping Crystal – Galeria Desnivelada;
- 2) Hotel Pestana – Torre recuada e praça nivelada;
- 3) Shopping Omar – Galeria desnivelada;
- 4) *Universe Life Square* – Torre recuada e praças recuadas em pódios isolados;
- 5) Edifício Everest e Rua do Comércio 24 h – Embasamento comercial, galeria nivelada e integração entre lotes separados;
- 6) Praça Rui Barbosa – Infraestruturas espalhadas e cobertura conciliadora;

- 7) *Central Park Gallery* – Torre sobreposta e galeria nivelada;
- 8) Galeria Tijucas – Torre extrudada e galeria nivelada aglutinadora de fluxos;
- 9) Teatro Universitário de Curitiba – Passarela subterrânea híbrida;
- 10) Shopping Itália – Embasamento comercial em pódios sobrepostos;
- 11) Terminal Metropolitano do Guadalupe – Infraestrutura concentrada e cobertura conciliadora;
- 12) Capital Shopping Centro – Embasamento comercial nivelado com estaqueamento de níveis;
- 13) Mercado Municipal de Curitiba – Edifício quadra incrementado com cobertura conciliadora;
- 14) Reitoria da Universidade Federal do Paraná – Arranjo de edifícios soltos com térreo livre.

Para cada um dos casos, produziu-se um diagrama esquemático em planta de sobreposição de atmosferas (público, privado aberto e fechado) e recursos (infraestruturas de transporte, escadarias, elevadores, rampas) e diagramas de produção em corte esquemático (concepção formal/construtiva da transição), diagramas axonométricos de arranjos espaciais (concepção de organização de fluxos, inserção urbana e outras relações). Dessa forma também, o percurso que se originou a partir do eixo da Rua XV de Novembro ficou delimitado entre estes quatorze lugares, representado na Figura 22.



Figura 22 - Percurso entre os casos selecionados. Fonte: Google Earth com anotações do Autor. 2020

Este levantamento e exercício de elaboração esquemática das construções recortadas desencadeiam em uma análise crítica para cada um dos lugares selecionados visando a discussão projetual como objetivo. Portanto, o diagrama e a representação gráfica de síntese se inserem como ferramentas essenciais para possibilitar uma análise desprendida dos aspectos estéticos e técnicos do objeto arquitetônico, focada nos arranjos espaciais da transição e possibilidades de projeto para estes espaços.

Mais além, como maneira de se comparar os casos com maior facilidade, classifiquei as características de cada lugar com base nas qualidades de produção e utilização descritos anteriormente, utilizando-se gráficos de radar de acordo com cada um dos padrões (Sincronicidade, interrupções, porosidade¹⁷, incompletude e multiplicidade). Estes gráficos permitem, portanto, avaliar e comparar o desempenho dos espaços de transição em se utilizar dos padrões de utilização, sem necessariamente depender dos valores estéticos das construções envolvidas.

¹⁷ Para a porosidade, fez-se necessário realizar uma classificação à parte considerando-se os seus critérios específicos. A média destas qualidades de porosidade é o que foi representado no primeiro gráfico.

Tal estratégia de organização dos dados se assemelha ao que Lassance et al (2012) propõem para avaliar o desempenho de uma arquitetura metropolitana para o Rio de Janeiro, através de qualidades inerentes de uma arquitetura contemporânea metropolitana (Hibridez programática, conectividade de fluxos, Artificialidade do Sítio, abertura estrutural e autonomia da imagem). Para cada um destes, os autores distribuem uma nota de desempenho que varia entre “0”, “1” e “2”, sendo “0” a ausência da qualidade e “2” a expressão máxima da mesma.

Esta maneira de representação das qualidades para o espaço de transição é essencialmente qualitativa e foi utilizada aqui como estratégia de análise em como tais espaços de transição se comportam com os padrões de utilização, não como uma tentativa de ranquear ou desenvolver uma estratégia absoluta para projetos de arquitetura. Os critérios utilizados para estabelecer as notas para cada um dos padrões estão representados na Tabela 5, respectivamente na Tabela 6, apresentam-se os critérios para Porosidade. Aqui utilizamos as notas, “1”, “2” e “3”, correspondendo “1” para a ausência da qualidade e “3” a máxima de aplicação dos padrões de utilização.

Por fim, a coleta de dados resultante se dividiu em quatro representações de síntese: 1) Corte esquemático (cor verde); 2) Planta de sobreposição de atmosferas (cor vermelha); 3) Diagrama de arranjos espaciais (cor amarela); 4) Gráfico de qualidades de utilização da transição (cor azul).

Sincronicidade	1	Nenhuma ou poucas atividades simultâneas.
	2	Moderadas atividades simultâneas.
	3	Muitas Atividades Simultâneas.
Interrupções	1	Pouca ou nenhuma extensão / contato com a rua
	2	Algum contato ou extensão com a rua
	3	Muita extensão e contato com a rua
Porosidade	Valor obtido com a média aritmética das notas específicas dos parâmetros de porosidade.	
Incompletude	1	Não permite adaptações ou incrementos
	2	Permite alguma adaptação ou incremento (concha)
	3	Estimula a adaptação ou incremento (forma-tipo)
Multiplicidade	1	Não tira proveito de usos diferentes / entorno
	2	Estabelece alguma relação com usos inusitados / entorno
	3	Estimula uma relação simbiótica de usos inusitados

Tab e a 5 - Cr tér os de desempenho das qua dades de ut zação dos espaços de trans ção Fonte: E aborado pe o Autor (2020)

Luz natural	1	Pouco ou nenhum acesso à luz natural
	2	Moderado acesso à luz natural
	3	Muito acesso à luz natural
Vistas	1	Pouca ou nenhuma variedade de vistas
	2	Alguma variedade de vistas externas ou internas
	3	Muita Variedade de Vistas Externas ou internas
Espaços de encontro	1	Pouco ou nenhum espaço de encontro
	2	Moderados espaços de encontro
	3	Muitos espaços de encontro
Climatização	1	Pouca ou nenhuma troca térmica
	2	Moderada troca térmica
	3	Muitas trocas térmicas
Vegetação	1	Pouca ou nenhuma presença de espaços vegetais naturais ou artificiais
	2	Alguma presença de espaços vegetais naturais ou artificiais
	3	Muita presença de espaços vegetais naturais ou artificiais
Acessibilidade	1	Poucas variedades de acesso e conexões
	2	Alguma variedade de acesso e conexões
	3	Muitas variedades de acesso e conexões
Abertura e Fechamento	1	Pouca ou nenhuma abertura e fechamento para criar transições
	2	Moderada abertura e fechamento para criar transições
	3	Muita abertura e fechamento para criar transições
Hibridização 1	1	Pouca diversidade de uso (1-2)
	2	Moderada Diversidade de usos (2-3)
	3	Muita Diversidade de usos (>3)

Tab e a 6 - Cr tér os de desempenho da poros dade Fonte: E aborado pe o Autor (2020)

Na sequência, os dados de cada uma das construções será apresentação juntamente com seu critério de produção e de utilização, sejam estes espaços abertos como praças ou edificações mais formalizadas como edifícios em torres. Posteriormente, estabeleço relações entre elas na etapa de

4.2.2 Shopping Crystal – Galeria desnivelada

O Shopping Crystal localiza-se em uma região próxima aos limites do bairro Centro e Batel. Ao contrário da concepção contemporânea da principal tipologia do

shopping¹⁸, a construção ocupa lotes do miolo de quadra entre as ruas Benjamin Lins e Comendador Araújo, conciliando o volume de estacionamento de veículos nos pavimentos do subsolo da área ocupada.

A distribuição do programa de acesso público, como observado na Figura 23, em exceção aos subsolos, se divide em quatro pavimentos, dois destes acima do nível da Rua Benjamin Lins e dois abaixo do mesmo nível, incluindo o nível da Rua Comendador Araújo.

O programa do edifício se distribui nas bordas do lote remanescente dos antigos lotes unificados, conciliando corredores ao centro e área comercial e de apoio nas fronteiras. Hora ou outra, conforme a unificação da morfologia dos antigos lotes permitem, o *mall* é estendido para as laterais, permitindo a ocupação de maiores áreas privativas (Figura 24).

Essencialmente, o partido de projeto para o shopping parte da distribuição do programa de necessidades ao redor de um eixo curvilíneo de circulação, este vazado para iluminação e vistas entre níveis que percorre as testadas para as duas ruas em desnível que conformam a quadra.

A relação de simbiose entre o espaço público e privado no edifício ocorre justamente pela facilidade de acesso que o ambiente construído propõe entre os desníveis das duas ruas. Através de escadas, escadas rolantes e elevadores, o desnível é vencido sem grandes esforços pelo usuário, somando-se à amplitude visual permitida pelos vãos entre circulações e climatização artificial, o edifício concorre com grandes vantagens sobre a circulação externa pelas calçadas estreitas e sem muitos atrativos para o caminhante.

A partir desta análise, pela possibilidade de se utilizar a transição como espaço de trocas (comercial) e ainda permitir a acessibilidade sem demasiada enclausura, definiu-se a tipologia de produção do Shopping Crystal como “Galeria Desnivelada”, resultante da transposição de desníveis e possibilidade de utilização de suas bordas.

¹⁸ O shopping como edificação isolada do ambiente congestionado dos centros urbanos, localizando-se em grandes terrenos próximos aos subúrbios ou região metropolitana.

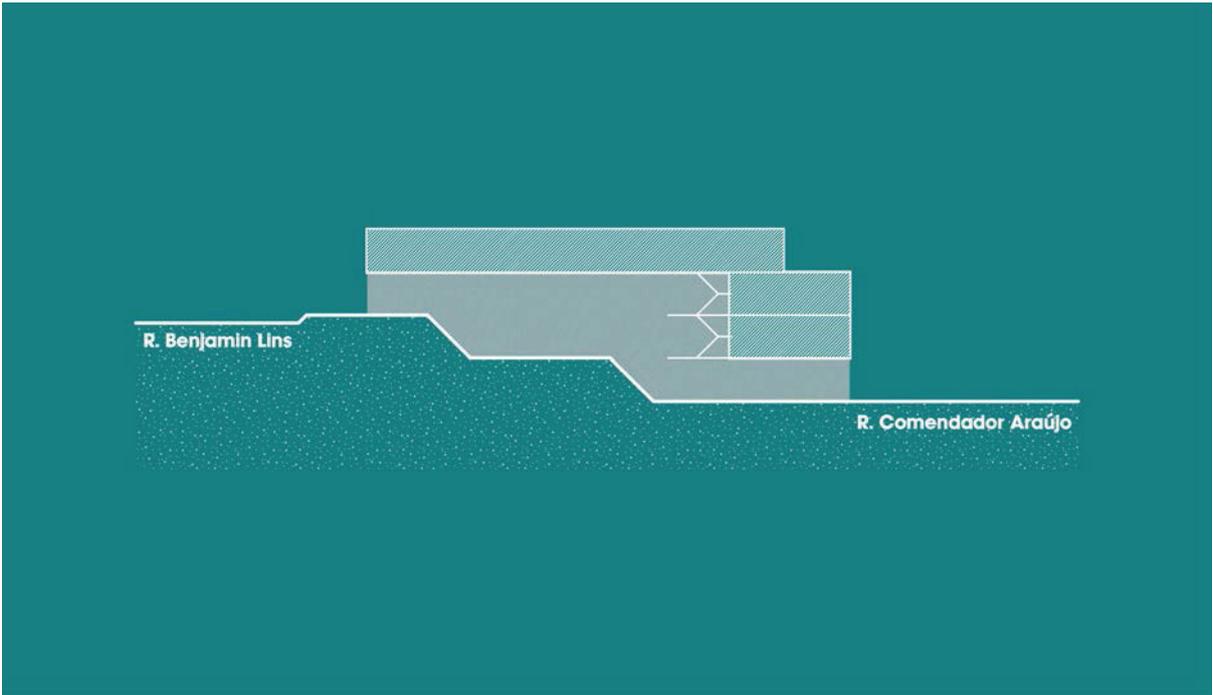


Figura 23 - Shopping Crysta - Tpo e ga de produção de ga er a desn ve ada. Fonte: E aborado pe o Autor (2020)



Figura 24 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Shopping Crysta. Fonte: E aborado pe o Autor (2020)



Figura 25 - Diagrama axonométrico - Shopping Crystal. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Enquanto espaço de transição, o Shopping Crystal oferece recursos para compensar os desníveis da cidade e tira proveito das oportunidades geradas para estimular a visibilidade das frentes comerciais internas. As múltiplas atividades diversas em tipo e quantidade promovem uma atmosfera altamente sincrônica, porém a diversidade de usos não varia com grande frequência, devido ao fato da constante alteração e relação de incompletude dos espaços em concha (as unidades comerciais variam conforme o tempo de uso das lojas), ao mesmo passo que algumas atividades periódicas interrompem o usuário no atravessar da galeria desnivelada. O ambiente construído permite iluminação, vistas e circulação de ar internas entre os pavimentos (possivelmente como estratégia comercial), espaços de encontro no decorrer da galeria e ao mesmo tempo, nos ambientes de acesso, recua estrategicamente o volume construído para permitir um espaço amplo de chegada. Desta forma, o desempenho das qualidades de utilização do ambiente de transição do Shopping Crystal é demonstrado na Figura 26.

1 - Shopping Crystal

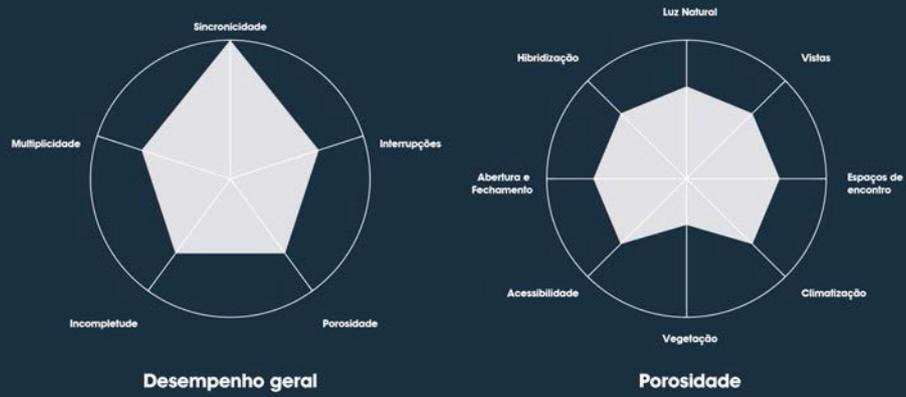


Figura 26 - Desempenhos da transição - Shopping Crystal. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 27 - Recursos de transição de nível. Fonte: do Autor (2020)



Figura 28 - Acesso ao Shopping Crystal pela R. Comendador Araújo. Fonte: do Autor (2020)

4.2.3 Hotel Pestana – Torre recuada e praça em nível.

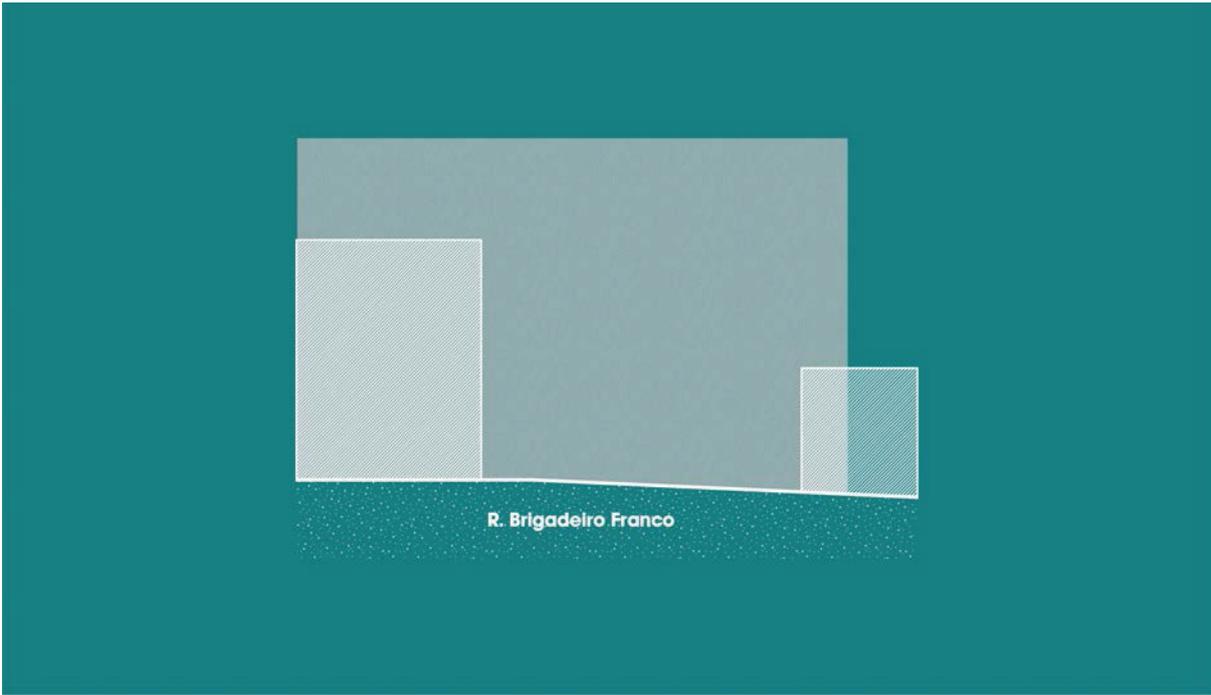
O edifício de uso misto que comporta o Hotel Pestana localiza-se em parte do centro consolidado em um lote de três testadas e caracteriza-se pela relação direta que possui com as Ruas Brigadeiro Franco e Comendador Araújo. O complexo é composto por uma torre de uso misto com os programas de habitação, habitação transitória, corporativo e comercial/serviços, cada uma das funções com separação de acessos (visando atender a normativa do código de edificações de Curitiba que requisita a separação dos acessos para funções diferentes em edifícios de uso misto). Os pavimentos no subsolo concentram vagas de estacionamento, com acesso à Rua Comendador Araújo. A testada para a Rua Cel. M. D. Monclaro destina-se ao que pode ser entendido como os fundos da edificação, com acessos de apoio e serviços, bem como o depósito de resíduos e entradas de recursos de abastecimento.

A conformação da implantação se dá pela junção de diversos lotes entre as duas esquinas da Rua Brigadeiro Franco, com exceção do edifício existente na esquina com a Rua Comendador Araújo, que abriga um edifício com gabarito de

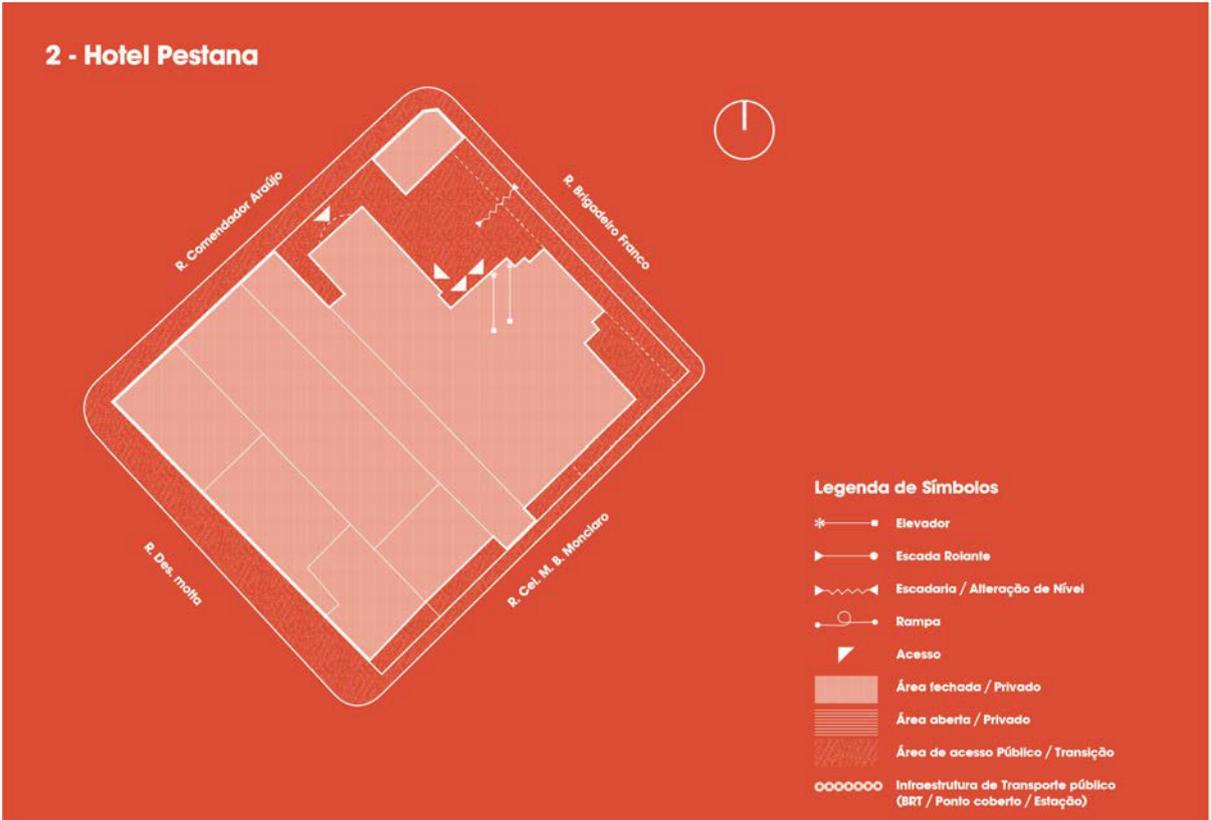
quatro pavimentos com atividades residenciais, serviços e comerciais. A existência da Casa David Carneiro como unidade de interesse de preservação (U.I.P.) pelo patrimônio histórico e artístico da cidade também se fez uma condicionante da estratégia de projeto, somando-se ainda à necessidade de insolação dos usos residenciais da torre.

O recuo da torre, ainda que não necessário pela normativa vigente nessa região, se fez necessário para conciliar as condicionantes mencionadas. Dessa forma a transição em praça nivelada se estabelece como estratégia de partido ao promover o afastamento necessário à edificação vizinha, permitir abertura para iluminação e ventilação natural dos usos habitacionais e dialogar com a diferença de posição da U.I.P. em relação aos outros edifícios da quadra. (Figura 30).

O espaço de transição promovido pela praça ainda dialoga com a sutil diferença de níveis das testadas e promove a articulação dos múltiplos acessos. Essencialmente os recursos que a praça aberta oferece não são muito atrativos ao usuário, pela inexistência de funções específicas de praças como espaços de estar ou de lazer, mas é particularmente bem utilizada por fumantes, com a distribuição de mobiliário específico para estes e, por fim, a relação entre o público e privado no espaço se dá justamente pela existência ou não de paredes e portas de acesso, deixando clara a dicotomia entre as duas atmosferas (Figura 30)



F gura 29 - Hote Pestana - T po og a de produção em Torre recuada e praça em níve Fonte: E aborado pe o Autor (2020)



F gura 30 - Sobrepos ção de atmosferas e recursos - Hote Pestana Fonte: E aborado pe o Autor (2020)

2 - Hotel Pestana

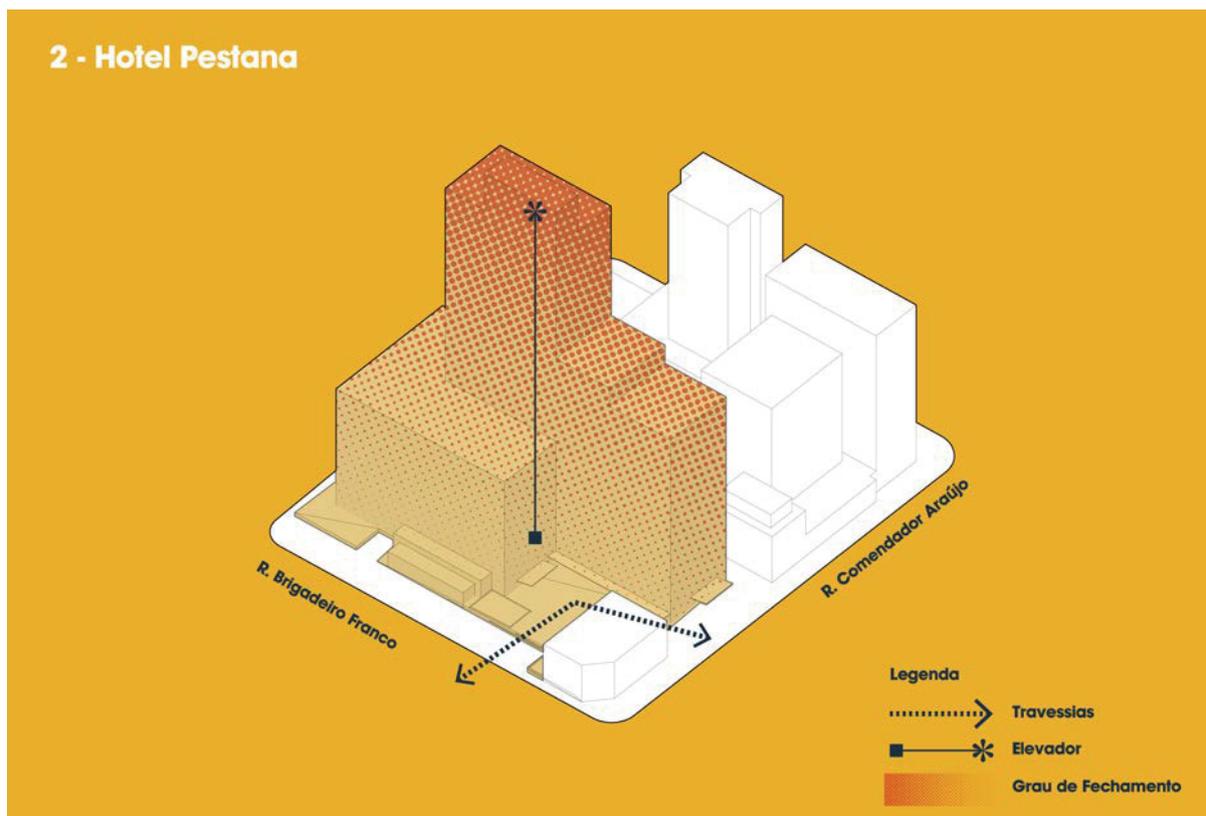


Figura 31 - Diagrama axonométrico - Hotel Pestana. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

O desempenho das qualidades de utilização da transição do complexo do Hotel Pestana é demonstrado na Figura 32. O ambiente construído se conforma entre duas atmosferas claras da relação público/privado, mas não oferece algum sincronismo, multiplicidade (apesar de servir de acesso a diversos usos do complexo, não possibilita o diálogo ou aproveita a relação entre usos diferentes), possibilidades de adaptações/incrementos e também não oferece interrupções para aumentar a complexidade espacial da praça.

Entretanto, a porosidade do espaço se destaca ao trabalhar com abertura e fechamento para configurar o espaço, permitindo um espaço de encontro aberto no complexo e promover algum contato com a vegetação e iluminação natural constante.

2 - Hotel Pestana

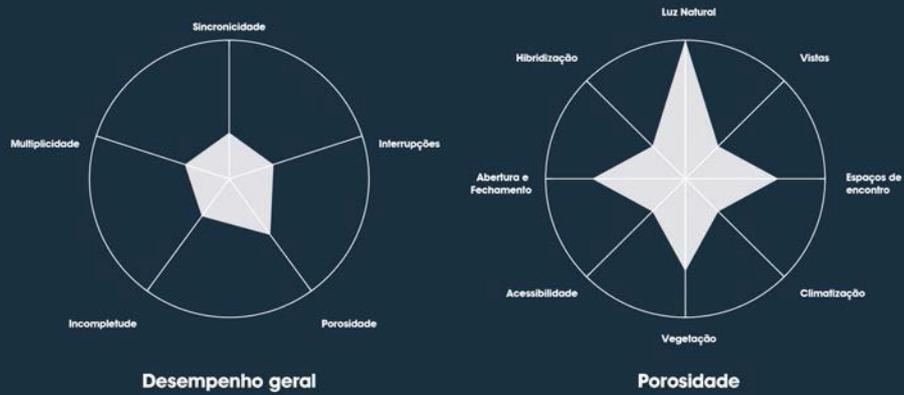


Figura 32 - Desempenho da transição - Hotel Pestana. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 33 - Acesso à praça do complexo do Hotel Pestana. Fonte: do Autor (2020)

4.2.4 Shopping Omar – Galeria desnivelada

Assim como o Shopping Crystal (subcapítulo 4.2.2) o Shopping Omar possibilita uma conformação do ambiente construído da transição em galeria desnivelada. Localizando-se em um lote com duas testadas, para a R. Comendador Araújo e Av. Vicente Machado, a galeria percorre dois pavimentos que vencem o desnível entre as vias (Figura 34).

O programa comercial se distribui nas bordas do lote, permitindo um corredor que se conecta com os pavimentos através de duas escadas convencionais localizadas próximas aos acessos. Ao centro do lote, uma rampa circular se encarrega de permitir a acessibilidade a pessoas com deficiência. A relação similar ao primeiro caso se diferencia justamente na disposição urbana do lote, mais estreito e com menores dimensões das áreas privativas (Figura 35).

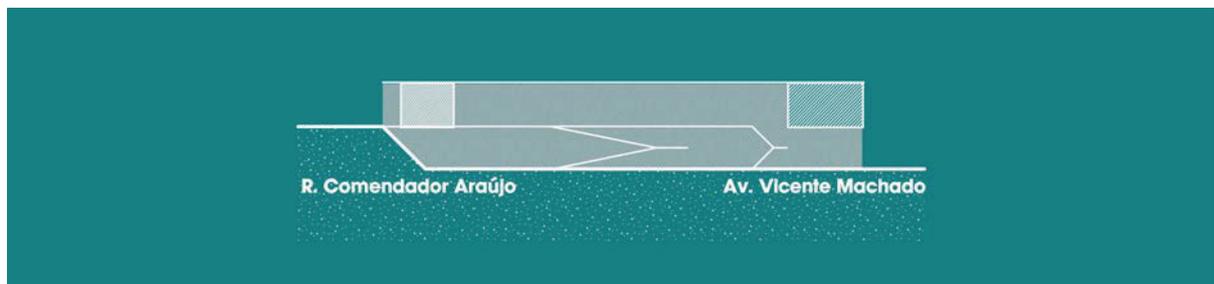


Figura 34 - Shopping Omar - Tpo e a de produção em galeria desnivelada. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

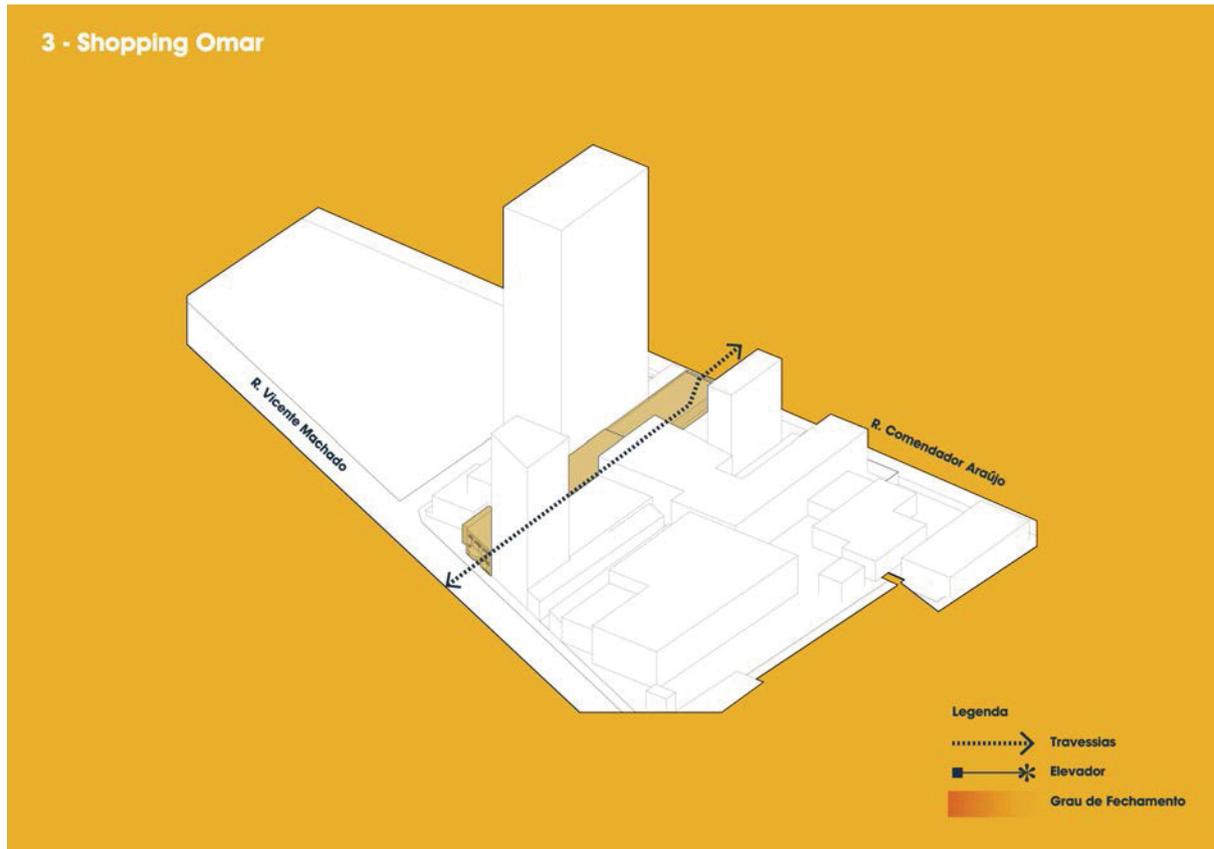


Figura 36 - Diagrama axonométrico - Shopping Omar Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Nas qualidades de desempenho, o Shopping Omar possui grande quantidade de atividades simultâneas, bem como uma conexão direta com as duas ruas de frente para o lote, por essa razão foi considerado o aspecto máximo para este padrão, entretanto, a multiplicidade não se demonstra afetar muito o espaço, visto que os usos do espaço privado se destinam apenas a funções comerciais, passagem e serviço, assim como o aspecto de incompletude, visto que as constantes modificações e adições ao espaço são visíveis e permitidas a certa maneira. O espaço, por mais que possua um contato direto para a rua, não busca interferir na dinâmica urbana e não possui um tratamento com fachadas ativas ou interrupções chamativas no espaço público ou no espaço interno. Por sua vez, a porosidade também se demonstra pouco presente ou totalmente inexistente nos aspectos de vistas internas e externas, iluminação, mistura de programas diversos espaços de encontro, aberturas e fechamentos, climatização e vegetação. Entretanto, a diversidade de recursos de acessibilidade é mais presente para vencer o desnível natural entre as vias.

3 - Shopping Omar

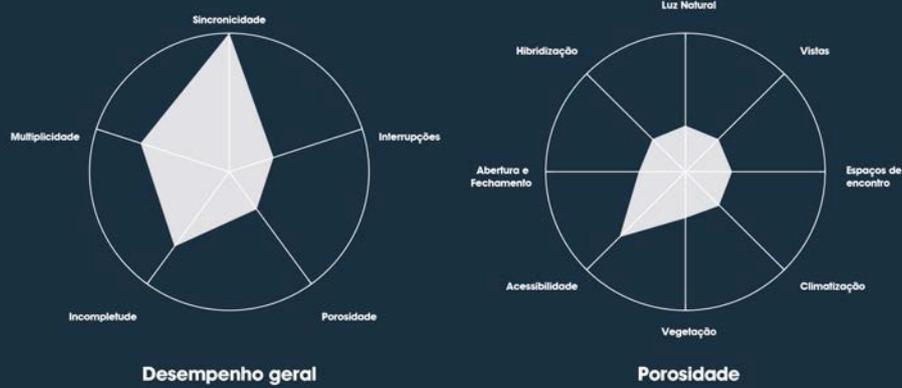


Figura 37 - Desempenho da Transição - Shopping Omar Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 38 - Acesso pela R. Comendador Araújo ao Shopping Omar Fonte: do Autor (2020)

4.2.5 Universe Life Square – Torre recuada e praças recuadas em pódios isolados

O *Universe Life Square* localiza-se em um contexto similar ao caso do complexo do Hotel Pestana (Subcapítulo 4.2.3), com três testadas para três vias, a

Rua Comendador Araújo, Av. Vicente Machado e R. Visconde do Rio Branco, perpendicular às primeiras. O volume fechado concentra blocos de uso misto com uso comercial no térreo, habitação e corporativo.

A articulação do programa se baseia no nivelamento do térreo de acesso em níveis mais elevados em relação à calçada que, com o recuo da torre, possibilita a criação de espaços de transição em dois pódios isolados um do outro que lidam com a necessidade de estabelecer um espaço de chegada (Figura 39). Este nivelamento também é resultante da volumetria do espaço construído em subsolo dedicado a estacionamento comercial com acesso à Av. Vicente Machado e estacionamento privativo com acesso pela R. Visconde do Rio Branco.

Diferentemente do segundo caso, o *Universe Life Square* não utiliza a transição para lidar com as dificuldades de dialogar o volume construído com edificações vizinhas, mas para configurar os diversos acessos aos usos variados da torre (Figura 40).

A elevação das duas praças de acesso contrasta com o restante dos espaços ao redor das fachadas da edificação, cegas e sem aberturas com a dimensão pública. Dessa maneira as praças em pódio configuram a transição para o ambiente privado, vindo de um espaço público de calçadas estreitas e irregulares, com edifícios de alto gabarito sem recuos ao espaço público. Dessa maneira, entende-se que a qualidade do espaço de transição estabelece o contraste de atmosfera entre as dimensões públicas e privadas, como se buscasse fornecer qualidades que a cidade não foi capaz de disponibilizar (Figura 41).

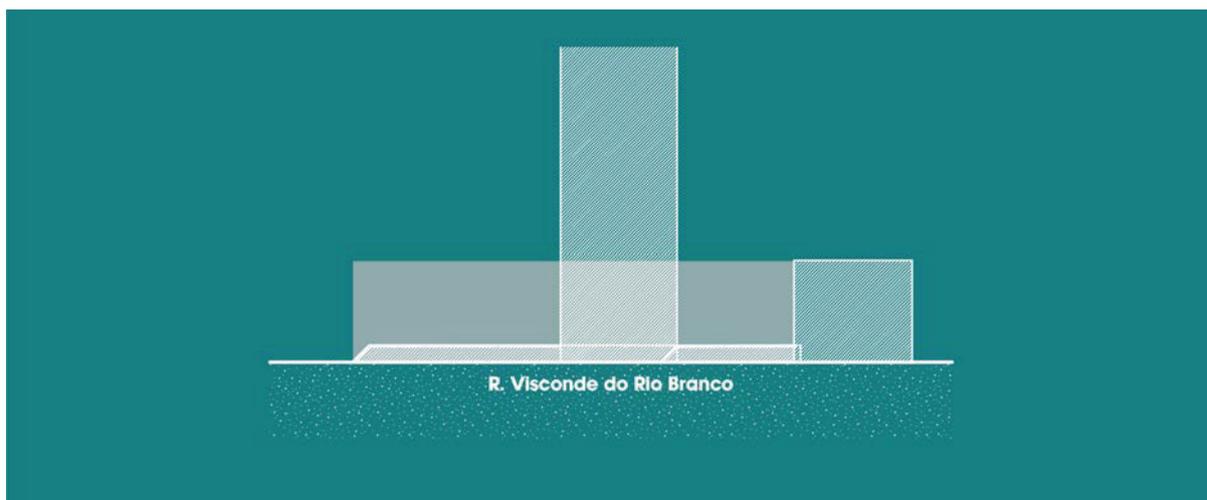


Figura 39 - *Universe Life Square* - Tipo e produção em torres recuadas e praças em pódios e elevados. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

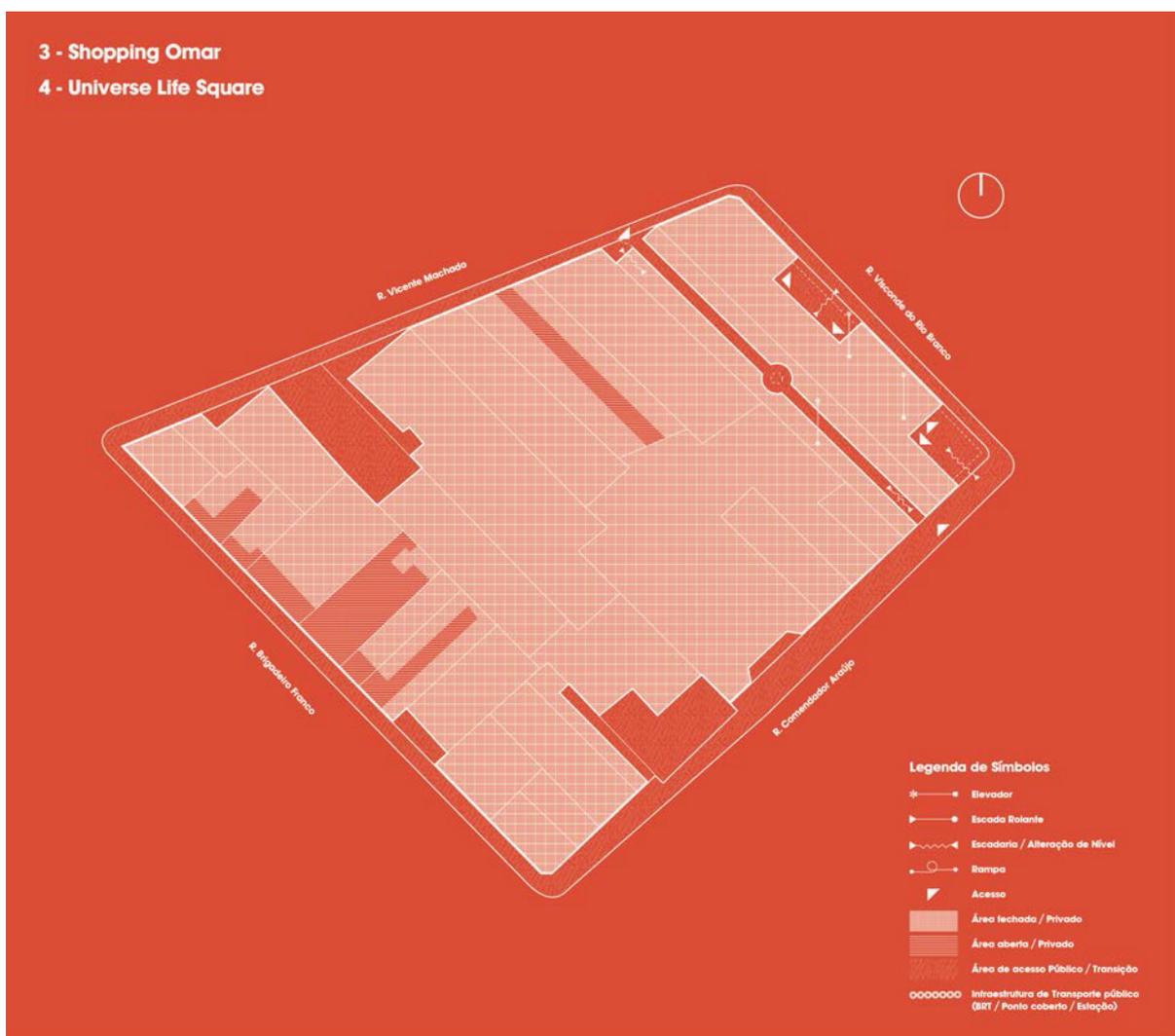


Figura 40 - Sobreposição de atmosferas e recursos - *Universe Life Square*. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

4 - Universe Life Square

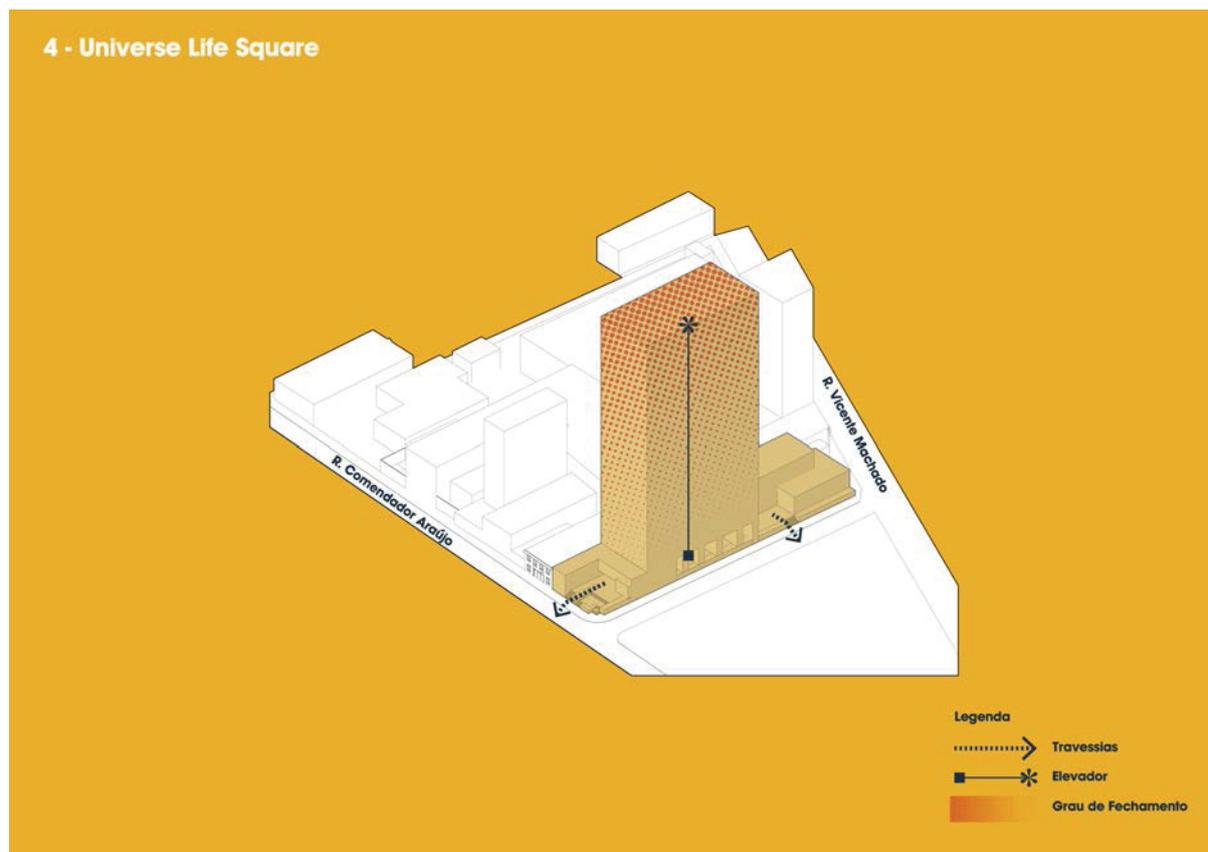


Figura 41 - Diagrama axonométrico - *Universe Life Square* Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Neste contexto, as duas praças que formam a transição do *Universe Life Square*, ao se apresentar como contraste à rua, parecem se isolar da atmosfera da cidade, tanto pelo desnível quanto pela possibilidade de fornecer um *pocket park*¹⁹ para os usuários do edifício em um ambiente carente de espaços abertos. Entretanto, a falta de múltiplas atividades, desconexão com a atmosfera pública, consolidação do espaço em sua forma final e monotonia da relação entre fachadas e calçada leva a creditar que as qualidades de sincronicidade, multiplicidade, interrupções e incompletude não apresentam o desempenho máximo do espaço. Mas a porosidade se demonstra um aspecto bem desenvolvido ao possibilitar espaços de encontro, vistas, abertura e fechamento, elementos de vegetação e se abrir para a luz natural em um ambiente urbano extremamente denso (Figura 41).

¹⁹ A “praça de bolso” é uma tipologia de espaço público que é gerada pelos vazios inutilizados entre edificações que recebem tratamentos paisagísticos e de desenho urbano para configurar espaços de estar, lazer e outras atividades de praças em ambientes urbanos consolidados.

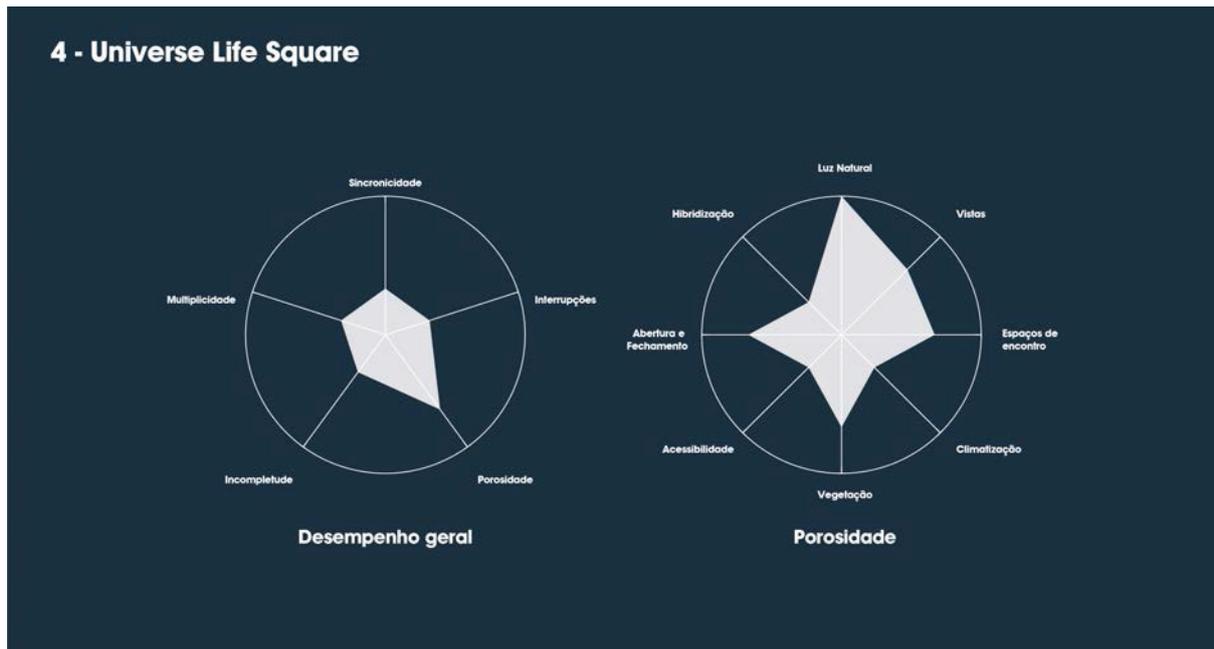


Figura 42 - Desempenho da transição - *Universe life square* Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

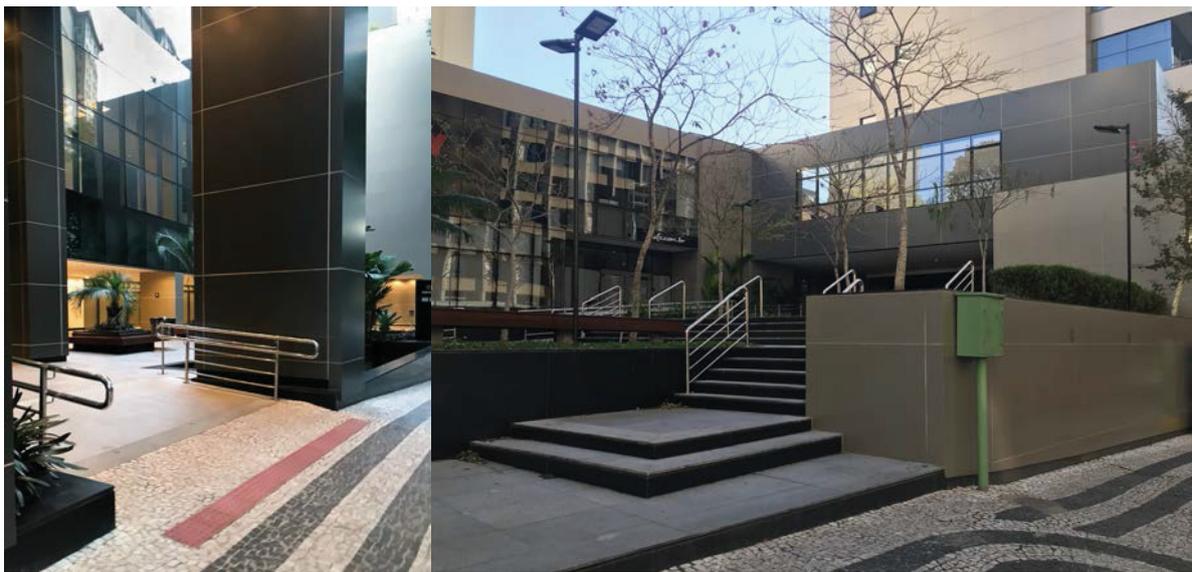


Figura 43 - Praças em pódo do edifício *Universe Life Square*. Fonte: do Autor (2020)

4.2.6 Edifício Everest e Rua 24 Horas – Embasamento comercial, Galeria nivelada e integração entre lotes separados

O edifício corporativo Everest e a Rua do Comércio 24 horas possuem uma relação singular no contexto em que se inserem. Localizados na quadra conformada pelas ruas Comendador Araújo, Visconde de Nácar e Visconde do Rio Branco, possibilitam a integração das mesmas pelo seu interior livre (Figura 46).

A Rua 24h é caracterizada por ser uma via de pedestres coberta que permite a ocupação de toda borda do lote pela parte privativa do programa e justamente onde se conecta com a face posterior do edifício Everest, permite a localização de espaços de encontro e conexão para o interior do edifício.

O espaço de transição desde a Rua Comendador Araújo é marcado por uma cobertura que envolve o volume do embasamento do térreo comercial do edifício e se estende para configurar uma marquise arqueada em ambos lados do terreno. O acesso à torre se localiza no centro da planta, marcado através da volumetria fechada da prumada de elevadores e circulação vertical. Ao fundo, os dois corredores de circulação se conectam com uma varanda marcada também pela mesma marquise da testada do terreno, mas desta vez ligando-se à cobertura metálica branca fechada por painéis transparentes de vidro da Rua 24h.

A integração de lotes separados neste caso se aproveita da relação comercial entre galerias, estabelecendo espaços de encontro não só na junção entre os dois lotes em questão, mas também nos lotes confrontantes da Rua Visconde do Rio Branco, que possibilita a existência de uma praça de chegada à rua coberta, nivelada no chão público, ligeiramente em uma cota superior em relação à Rua Visconde de Nácar, diferença de nível que é sutilmente vencida pela inclinação da rua 24h, tornando-se uma rampa imperceptível. Tal inclinação é somente percebida na escada de descida da praça que se encarrega da parte mais íngreme do desnivelamento.

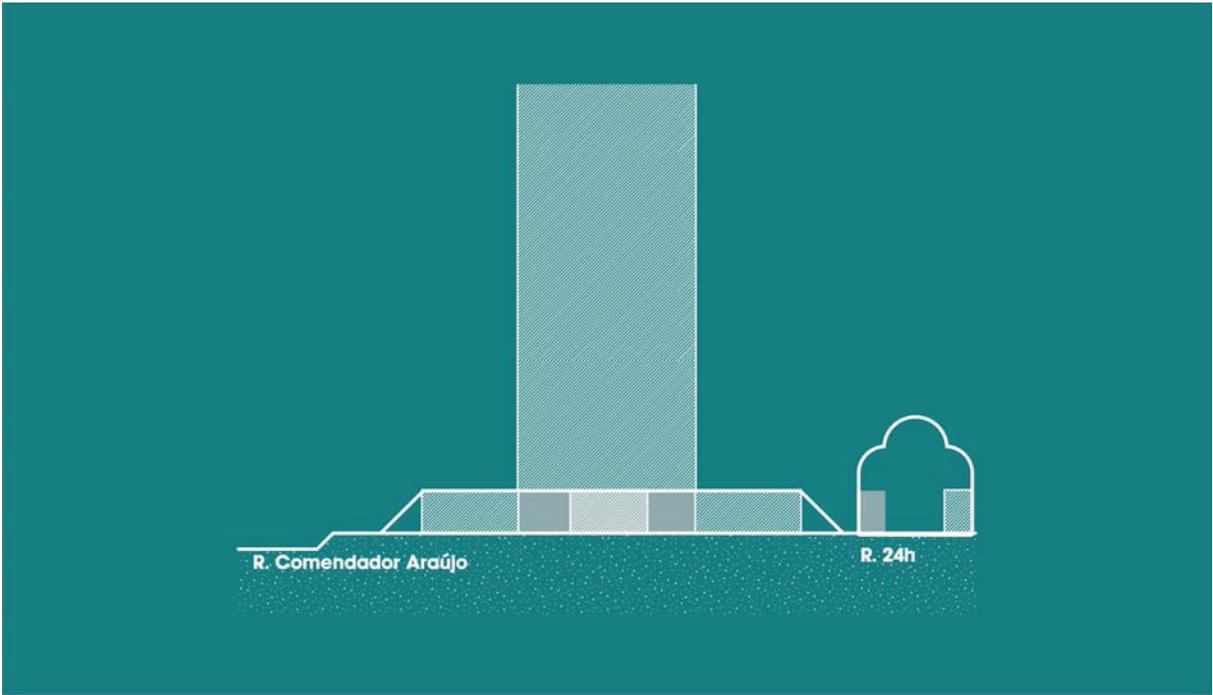


Figura 44 - Ed. Everest e R. 24h - Tipo e a de produção em embasamento comercial para a avenida e integração entre estes separados. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 45 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Ed. Everest e R. 24h. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

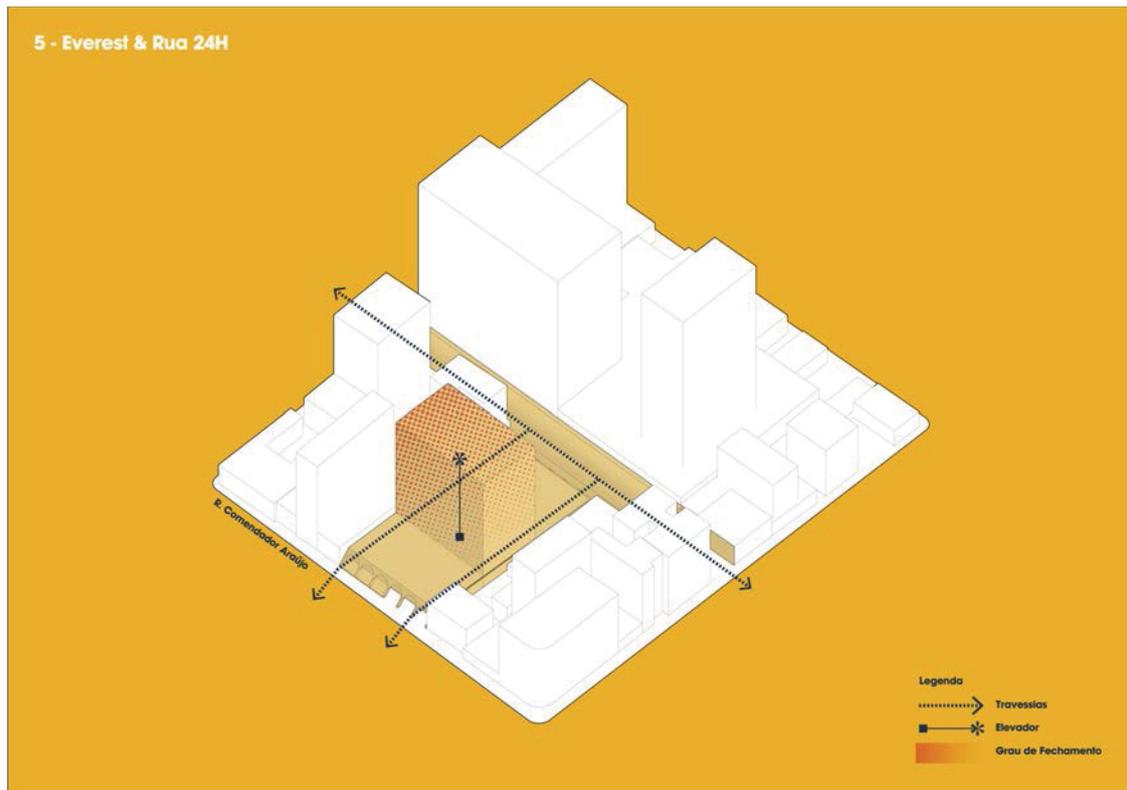


Figura 46 - Diagrama Axonométrico - Ed. Everest e Rua 24h. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

O contexto destas duas construções permite entender este espaço de transição como um só ambiente construído, que aceita e tira proveito das aberturas para seu interior. Dessa forma o espaço se aproveita da sincronicidade para gerar atrativos, ainda que esta aconteça sem depender de exagerada multiplicidade, com diversas atividades, mas não muitas diferenças entre si. O aspecto de interrupções e incompletude tiram proveito entre si pela possibilidade de adaptações que ocorreram durante o tempo, produzindo algumas interrupções no contexto urbano através de mobiliário e aberturas de fachadas ativas para as ruas, estimuladas pela existência da galeria.

A porosidade do espaço não se vale da existência ou evidências de vistas internas, hibridismos, climatização e vegetação, mas fornece um campo fértil para existência de possibilidades de acesso e travessias, aberturas e fechamentos, espaços de encontro e luz natural (no caso da área da Rua 24h).

5 -Edifício Everest e R. 24h



Figura 47 - Desempenho da transição - Edifício Everest e Rua 24h. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 48 - Acessos à Rua 24h. Fonte: do Autor (2020)

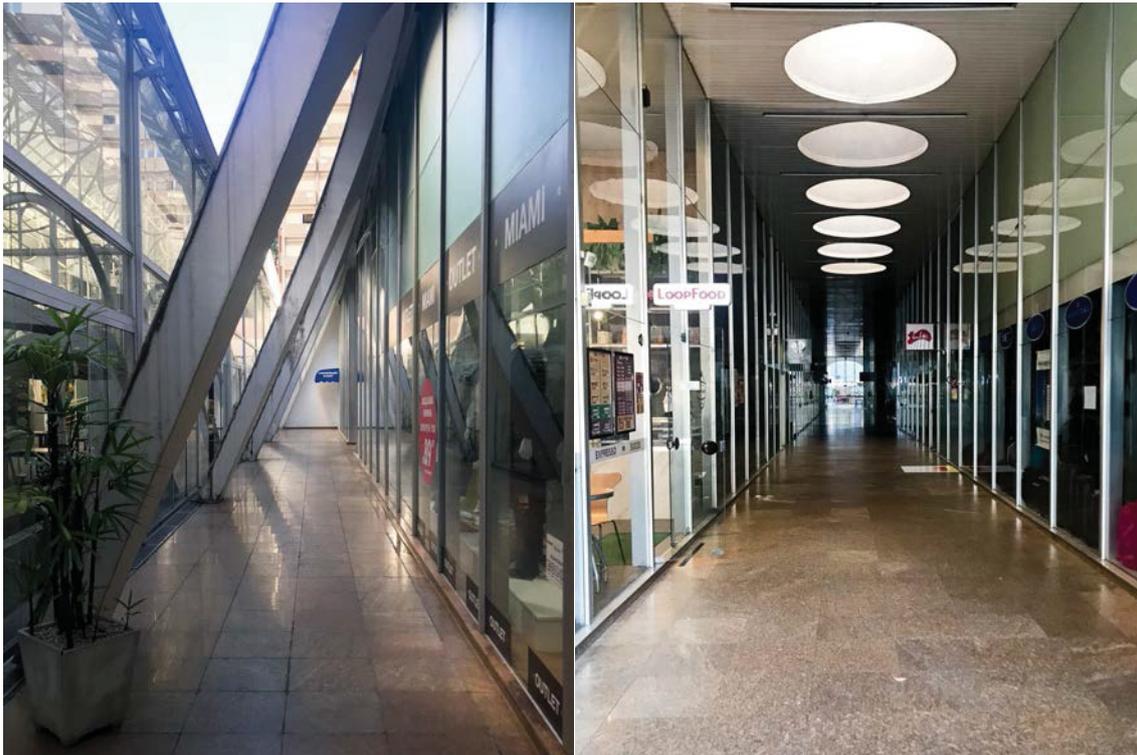


Figura 49 - Interface entre rua 24h e Ed Everest Fonte: do Autor (2020)

4.2.7 Praça Rui Barbosa – Infraestruturas espalhadas e cobertura conciliadora

A Praça Rui Barbosa se caracteriza como uma confluência de diversas vias urbanas e pela concentração de infraestrutura de transporte espalhada por toda superfície da praça. A existência de atividades no entorno imediato que possuem potencial de atração de usuários (usos religiosos, educacionais, serviços, comércio e de saúde) também colabora para a configuração da praça como ambiente de transição e travessia em diversas quadras adjacentes. Talvez por essa razão a praça se demonstrou um ótimo lugar para se instalar a administração da região matriz, na construção da Rua da Cidadania, que aglutina serviços de assistência social, serviços de emissão de documentos e secretarias de serviços públicos específicos da regional Matriz, bem como um espaço coberto de comércio popular.

O programa da edificação da rua da cidadania se distribui nas bordas da antiga edificação militar localizada na praça, que também é ocupada ao lado de fora por unidades comerciais e de serviços vicinais, em contato direto com a superfície da praça e pontos cobertos de transporte público. E concentra em seu subsolo um volume de vagas de estacionamento e no centro da implantação uma plataforma que

distribui a localização de box comerciais em quatro grandes blocos., ao nível da Rua André de Barros, locada em uma cota mais elevada em relação à Rua Pedro Ivo (Figura 47). Dessa forma a plataforma do Mercado realiza a conexão dos níveis entre as duas vias e ainda com o nível do restante da praça e da Rua Desembargador Westphalen.

A praça aglutina as atmosferas públicas e privadas dentro dos seus limites e ainda dialoga com o entorno imediato servindo como uma infraestrutura de transporte (terminal aberto) e localização de serviços públicos e espaços de lazer (Figura 51). Ao mesmo tempo articula os níveis do espaço público em uma edificação que serve como elemento conciliador de espaços de comércio e serviço (Figura 52).

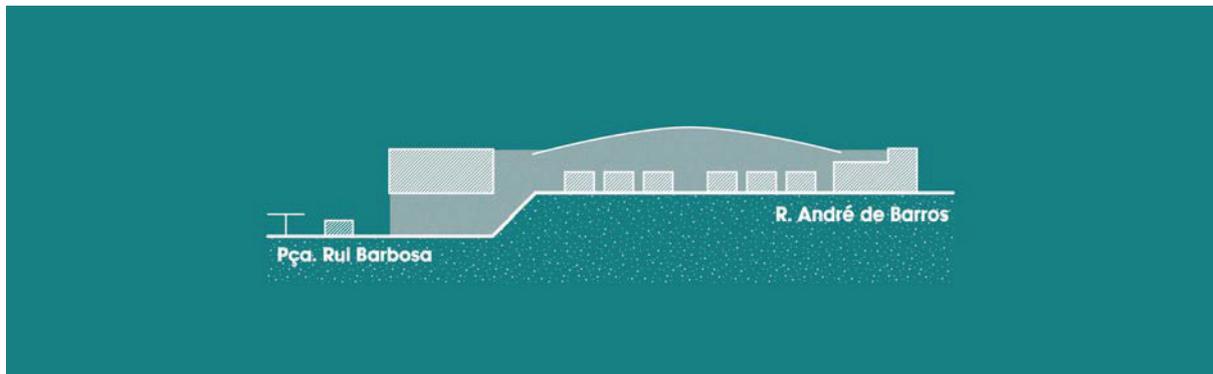


Figura 50 - Praça Ru Barbosa - Tipo e as de produção em infraestruturas espaciais e cobertura conciliadora. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

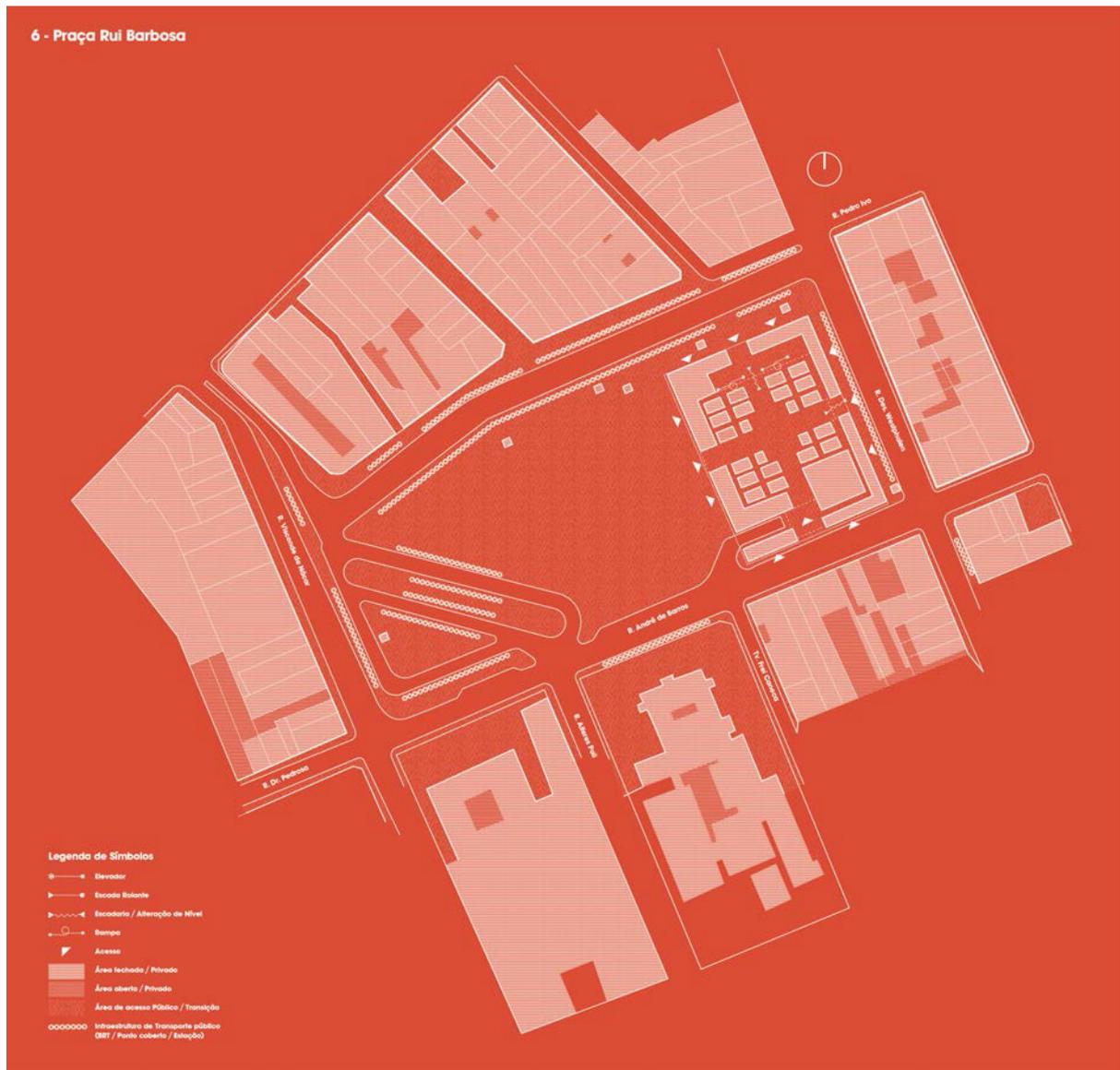


Figura 51 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Praça Rui Barbosa Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Os recursos disponíveis na praça (infraestrutura de transporte, regional administrativa, interligação entre instituições, comércio, lazer e serviço) e o modo simultâneo com que são arranjados no espaço configuram a Rui Barbosa como uma transição que serve de superfície para a distribuição do programa, espalhado nesta mesma “plataforma”, hora cortada por uma das oito vias que confluem no local. Esta singularidade permite entender a atmosfera da praça como uma heterotopia, um espaço transitório que se difunde e interliga-se num contínuo entre os espaços públicos e privados.

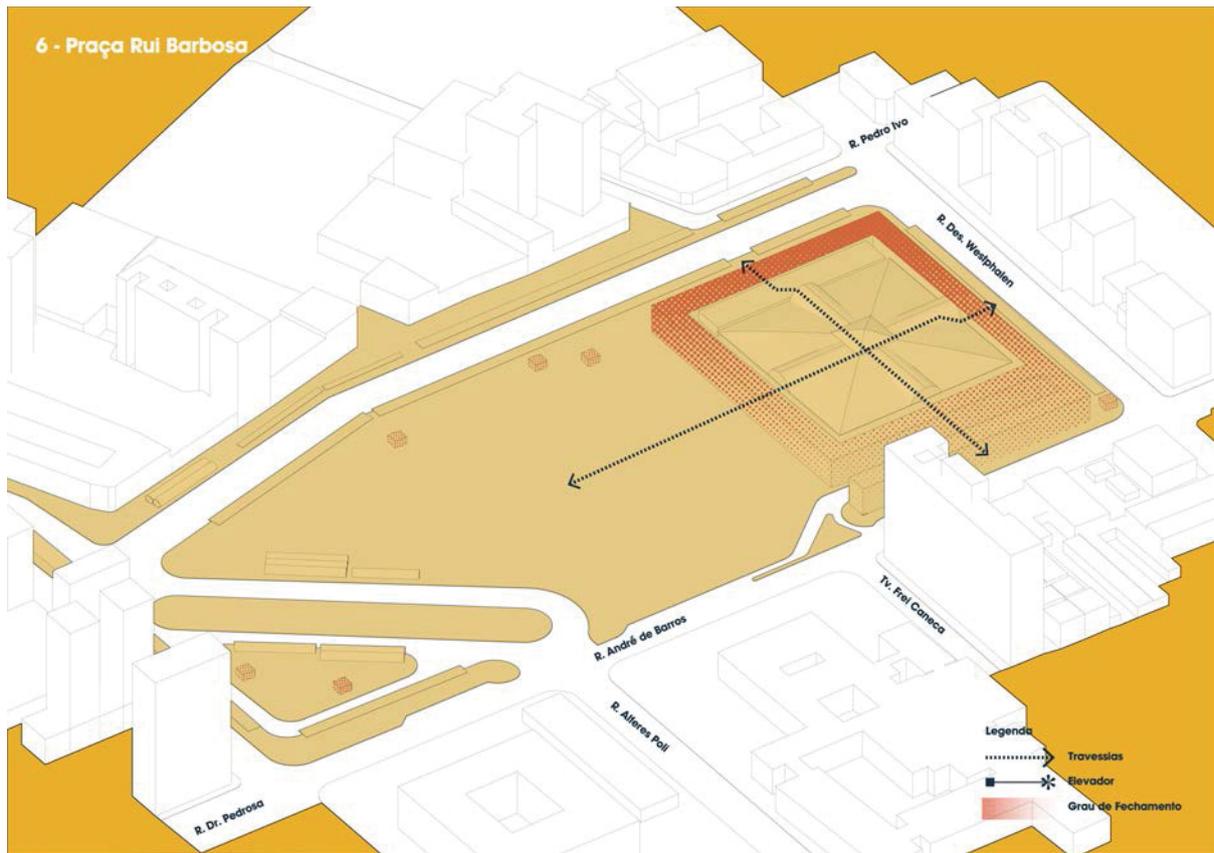


Figura 52 - Diagrama axonométrico - Praça Rui Barbosa. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

O sincronismo se torna inerente ao espaço da Praça Rui Barbosa, bem como a multiplicidade de usos distribuídos dentro e fora da área formal do lugar, a quantidade de fachadas comunicantes com o espaço externo e as interrupções no espaço. Entretanto a noção de incrementação e adaptação parecem se assemelhar mais à forma da concha do que de uma forma-tipo mutável: a praça parece permitir adaptações no espaço em seu ambiente, mas por conta da consolidação dos fluxos e do ambiente urbano, a possibilidade de expansão e retração se torna mais difícil.

Todos os aspectos de porosidade são possíveis de identificar neste ambiente construído, mas ressaltam-se as impossibilidades de se conectar vistas mais além do entorno imediato e menor utilização de aberturas e fechamentos para criar outras transições no ambiente (Figura 52).

6 - Peça Rui Barbosa

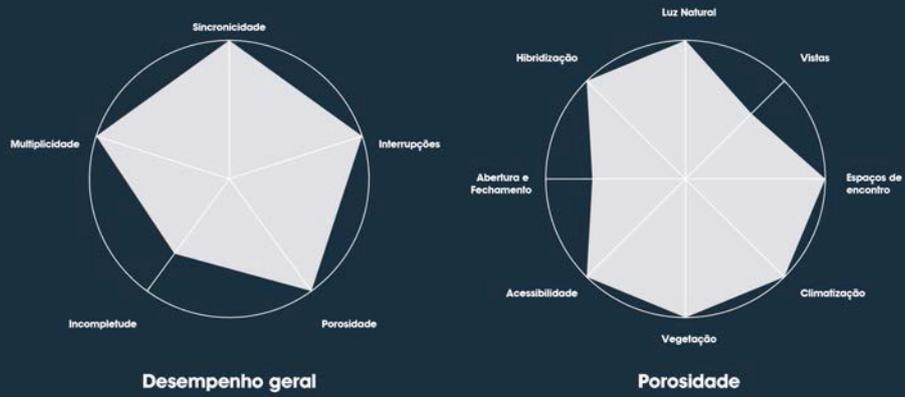


Figura 53 - Desempenho da transição - Praça Rui Barbosa Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 54 - Praça Rui Barbosa Fonte: do Autor (2020)



Figura 55 - Praça Ru Barbosa Fonte: do Autor (2020)



Figura 56 - Rua da C dadan a Matr z Fonte: do Autor (2020)

4.2.8 *Central Park Gallery* – Torre sobreposta e Galeria nivelada

O *Central Park Gallery* é um edifício isolado e sem vizinhos adjacentes, localizado nos encontros das Ruas Visconde de Nácar, Praça General Osório, Av. Vicente Machado e Rua Comendador Araújo (trecho fechado para veículos). A construção caracteriza-se por uma torre sobreposta em um embasamento trapezoidal elevado para estacionamento de veículos que conforma uma marquise para a calçada pública (Figura 57).

O térreo possui alguns pontos de contato com o espaço público e uma galeria em curva que percorre as esquinas opostas das ruas Comendador Araújo e Visconde de Nácar com a Pça. General Osório e Av. Vicente Machado. Chama atenção o formato em planta da galeria curvilínea que se demonstra como uma tentativa de aumentar a área linear de vitrines para o lado interno da galeria (Figura 58).

A galeria oferece usos comerciais e de serviço e auxilia nos desníveis entre as duas esquinas, ainda que praticamente inexistente. Não há acesso direto à área fechada da torre pela galeria, somente acesso ao estacionamento através de escadas e elevadores. No contexto, a galeria liga o eixo formado pela Rua XV de Novembro, Praça Gen. Osório e R. Comendador Araújo à Av. Vicente machado e algumas estrutura de transporte público externas à edificação (Figura 59).

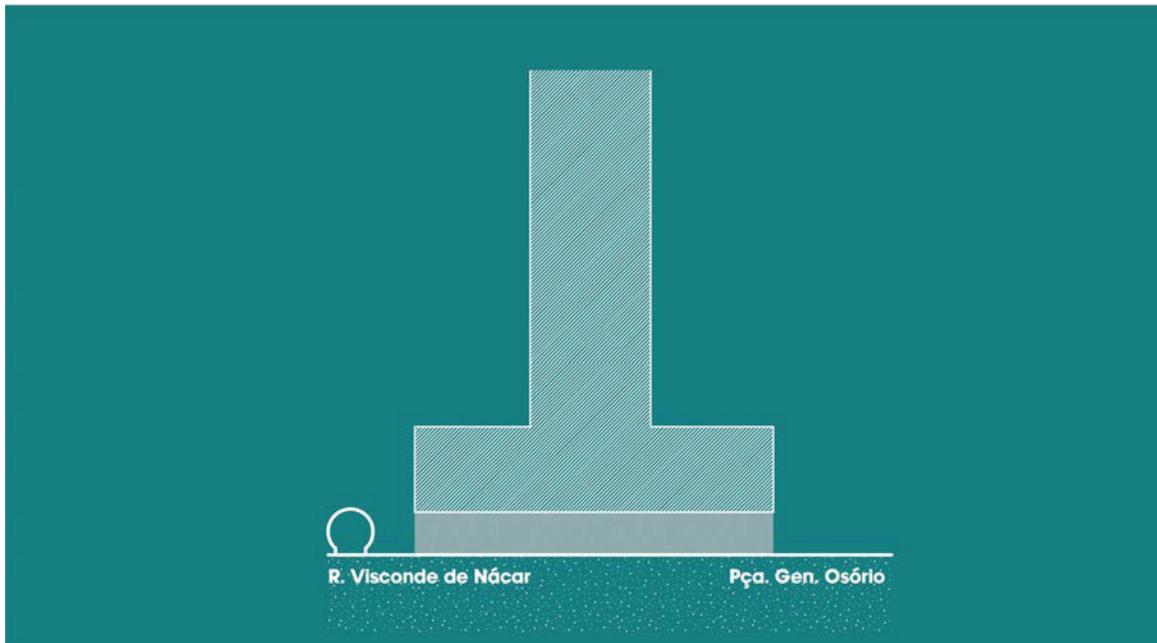


Figura 57 - Central Park Gallery - Tpo og a de produção em torre sobreposta e ga er a n ve ada. Fonte: E aborado pe o Autor (2020)

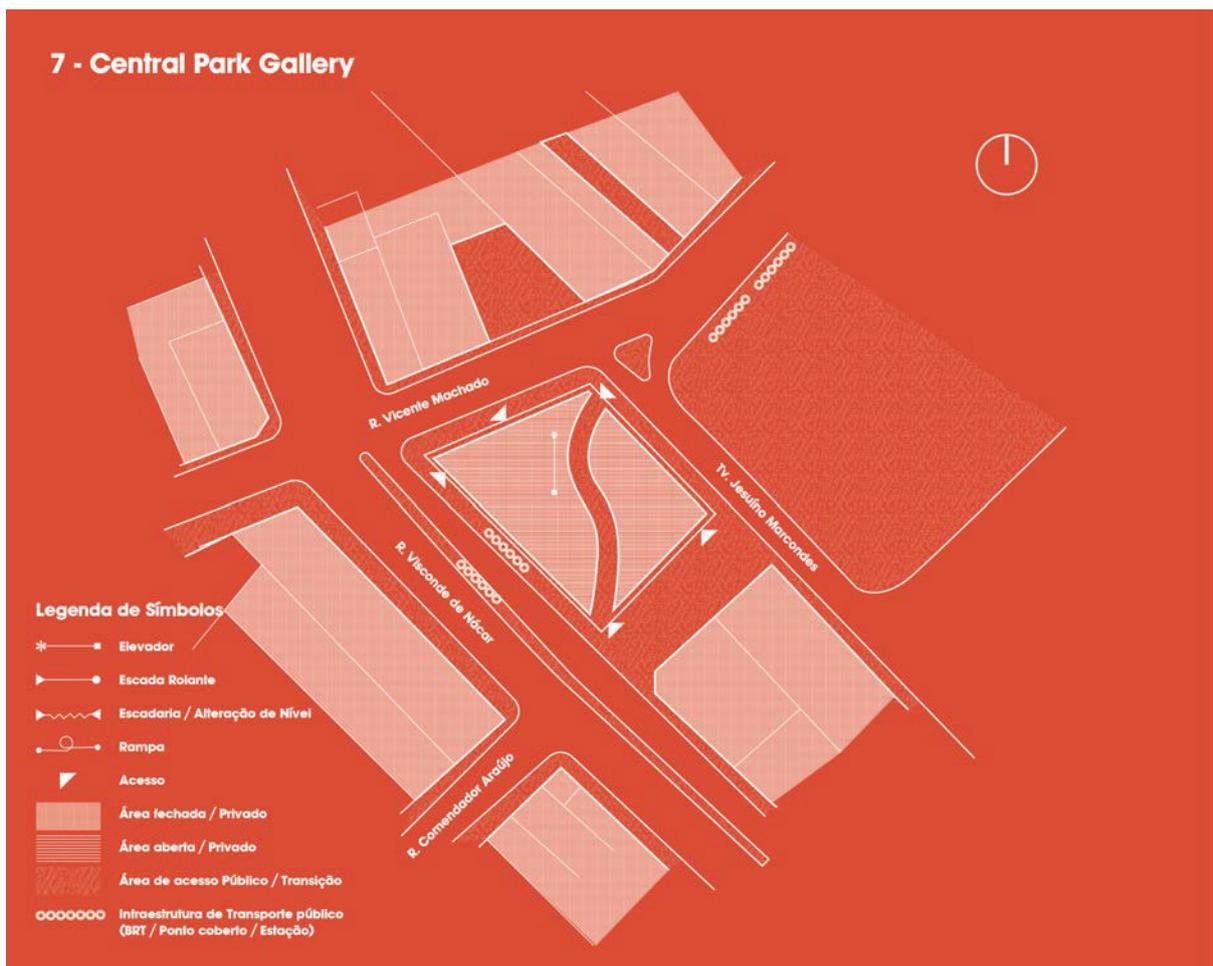


Figura 58 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Central Park Gallery. Fonte: E aborado pe o Autor (2020)

7 - Central Park Gallery

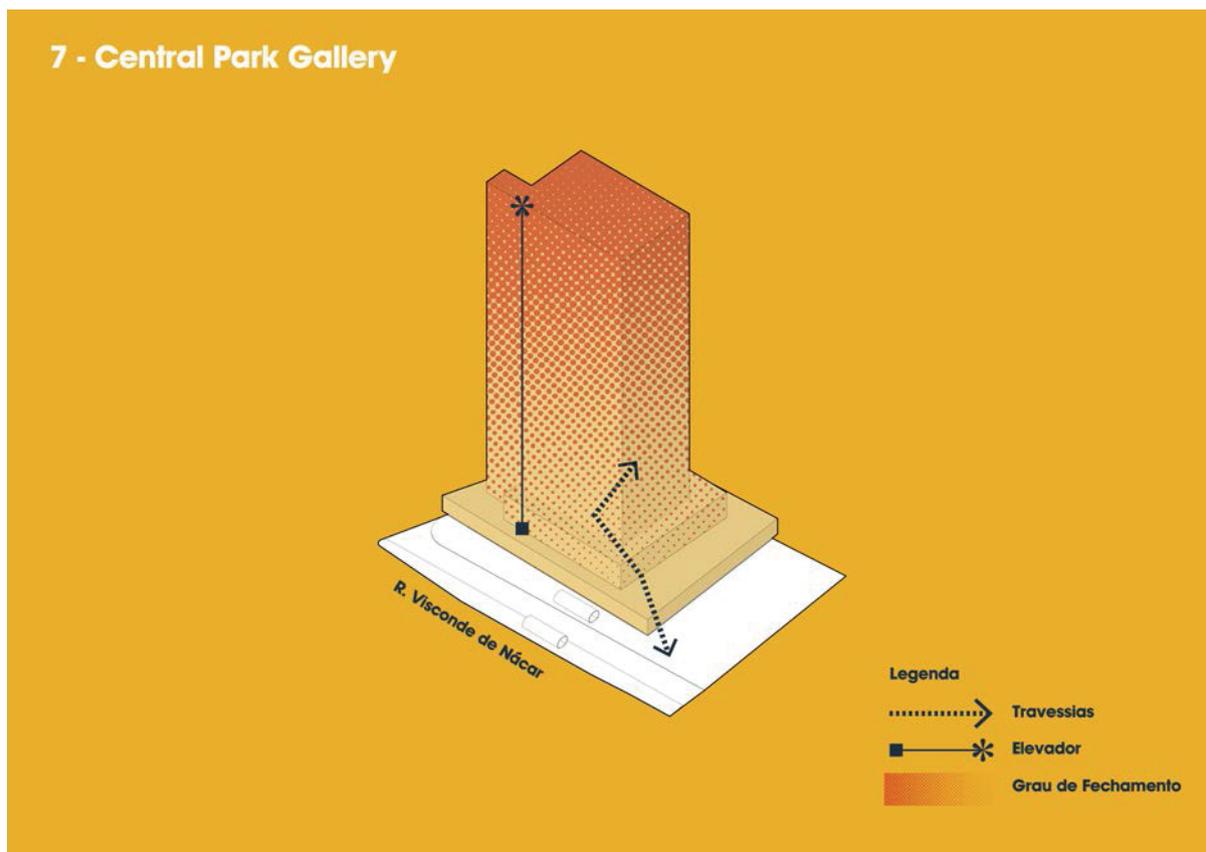


Figura 59 - Diagrama axonométrico - *Central Park Gallery* Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Em termos de desempenho, a porosidade se demonstra pouco influente, já que a função principal da galeria se concentra em possibilitar áreas de comércio interno ao mesmo tempo que se fecha para a rua sem grandes vantagens em termos de ganho de área de vitrines.

A sincronicidade também é afetada pela curta distância que liga os acessos da galeria, poucas atividades simultâneas acontecem no local, porém a multiplicidade em se conectar com estruturas de transporte e serviços e comércio realmente diferentes no local se demonstra como uma tentativa de criar uma conexão com o espaço público. Algumas adaptações são possíveis no espaço, visto que a forma da galeria e dos espaços internos se demonstra adaptável com incrementos dentro da própria galeria e aceita recursos para vencer desníveis internos (escada rolante utilizada dentro da agência bancária do local). As interrupções e fachadas ativas acontecem em alguns pontos da fachada externa da edificação.

7 - Central Park Gallery

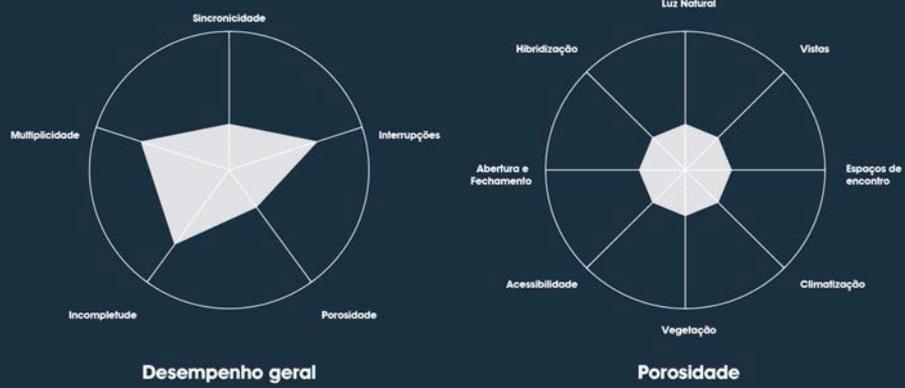


Figura 60 - Desempenho da Transição - *Central Park Gallery* Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 61 - *Central Park Gallery*. Fonte: do Autor (2020)

4.2.9 Galeria Tijucas – Torre extrudada e galeria nivelada aglutinadora de fluxos

Entre as ruas Cândido Lopes e Luis Xavier, a Galeria tijucas oferece uma ligação permeada por espaços privativos de comércio e serviço. A torre do edifício concentra salas comerciais e apartamentos de maneira extrudada em relação à forma do lote no contexto urbano (Figura 62).

Em relação às galerias de projetos mais contemporâneos, o espaço da galeria do edifício tijucas se difere pelo seu caráter organizador de fluxos, concentrando a prumada de escadas e elevadores que interligam as salas comerciais e também os acessos de serviço e da torre de apartamentos.

Neste caso, a transição se configura como elemento distribuidor e organiza a relação do espaço fechado com o espaço público, ao passo que propõe um outro ambiente construído, com acesso à duas testadas e possibilidade de usos comerciais no térreo e conexão com o ambiente externo, com mais vitrines comerciais e espaços de interrupções para aceitar a estadia de engraxates e comercio transitório de rua.

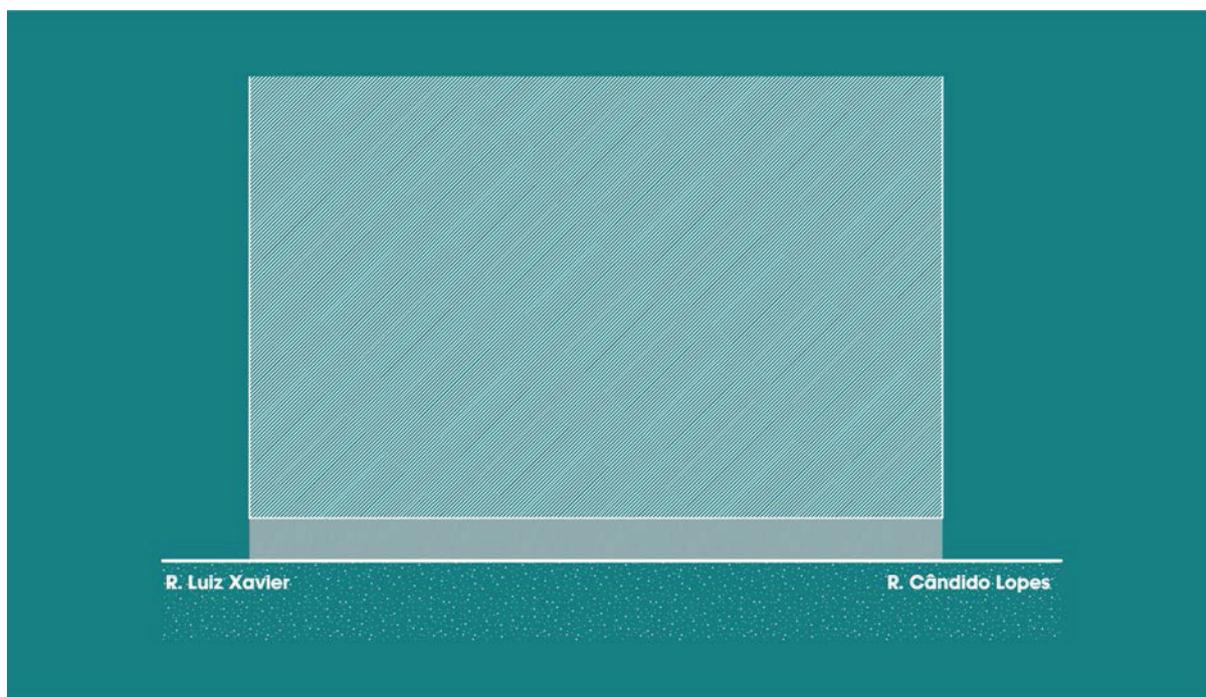


Figura 62 - Galeria Tijucas - Topografia de produção em torre extrudada e galeria nivelada aglutinadora de fluxos. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

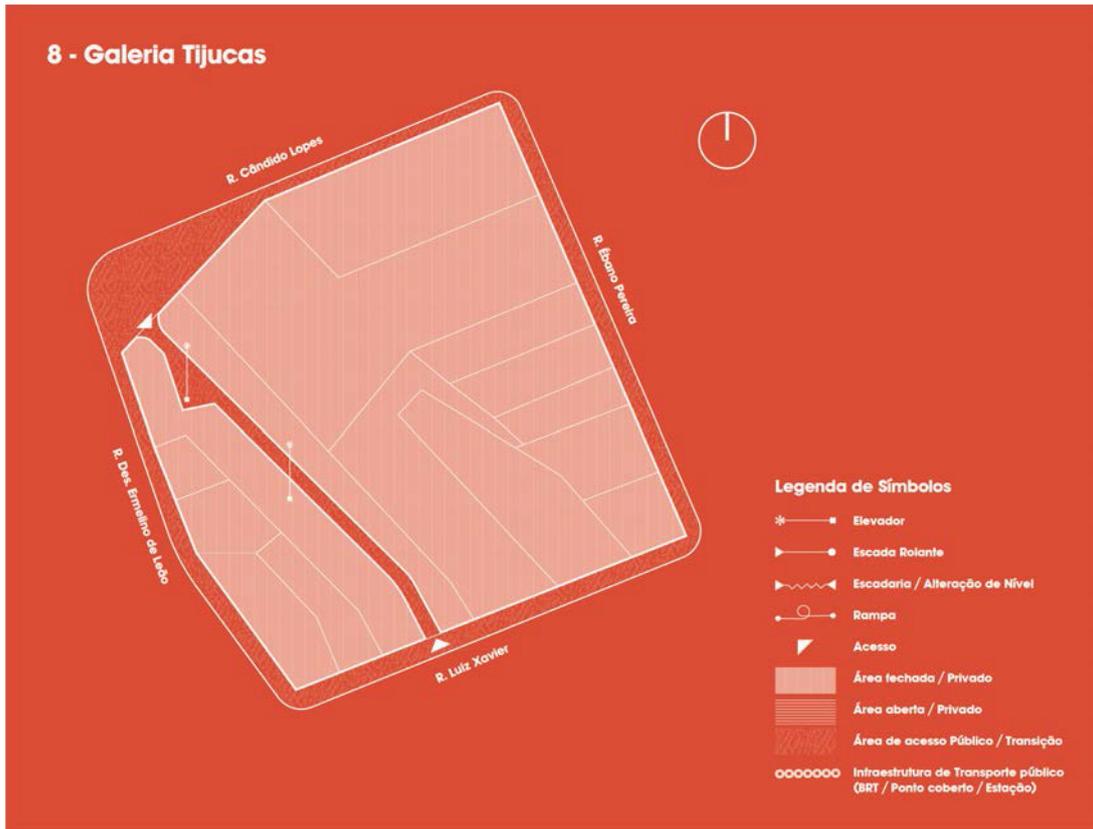


Figura 63 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Galeria Tijucas Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

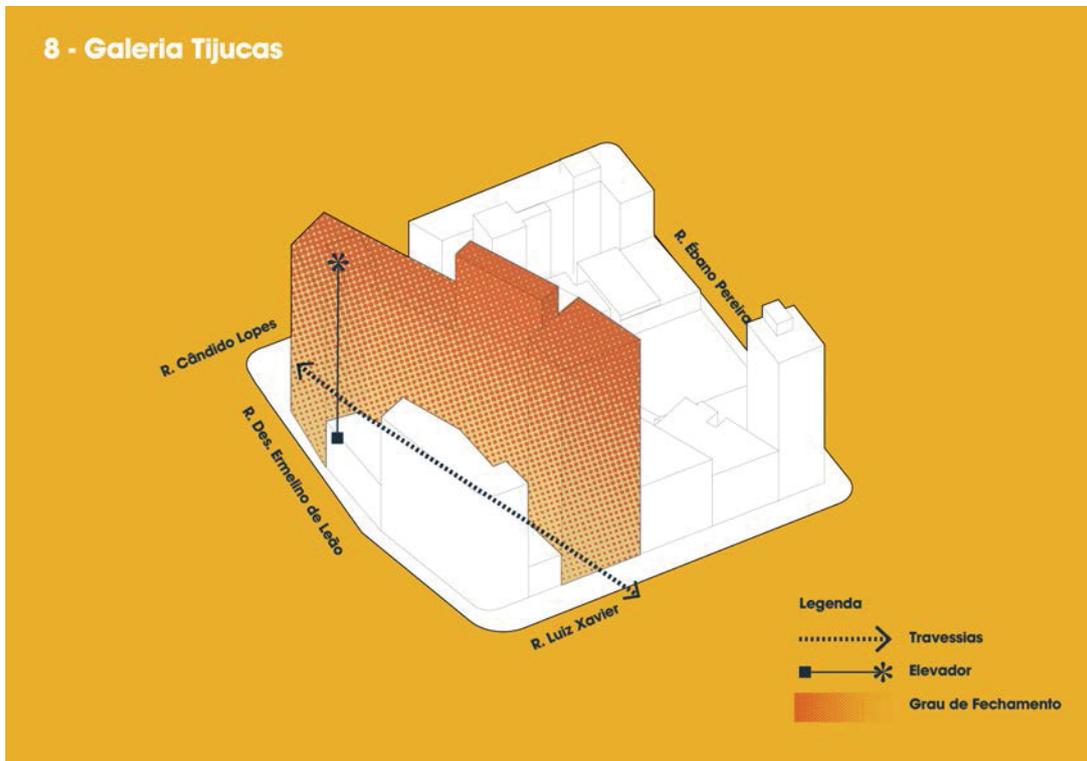


Figura 64 - Diagrama axonométrico - Galeria Tijucas Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Em termos de desempenho, a galeria Tijucas possui alguma sincronicidade, pelas diversas atividades que acontecem em seu interior e exterior, multiplicidade, pela capacidade de organizar os fluxos de atmosferas distintas e de usos diferentes. A incompletude se demonstra mais orientada pela forma de concha, permitindo adaptações, mas sem a aparente capacidade de alterar sua forma para estabelecer novas relações entre transição e espaços público/privado. As interrupções ocorrem no ambiente construído interno e externo, com a expansão das atividades em direção à rua XV de Novembro ou com o uso de fachadas ativas nas bordas da edificação.

A porosidade se relaciona com a possibilidade de mistura de usos e hibridização, alguns espaços de encontro espalhados em lojas e nos espaços externos e na acessibilidade à torre, bem como possibilidade de uma travessia interessante entre duas vias paralelas.

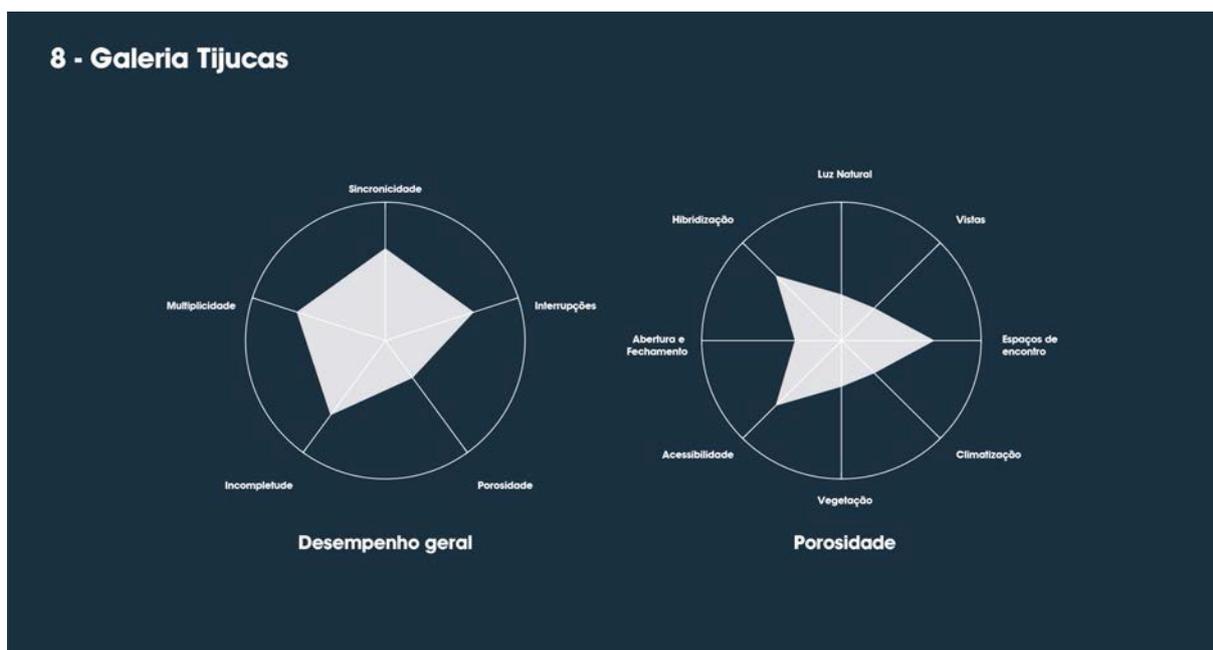


Figura 65 - Desempenho da Transição - Galeria Tijucas. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 66 - Galeria T Jucas Fonte: do Autor (2020)

4.2.10 Teatro Universitário de Curitiba – Passarela subterrânea híbrida

A galeria Júlio Moreira, local onde se encontra o espaço de auditório do Teatro Universitário de Curitiba (T.U.C.) localiza-se abaixo da Travessa Nestor de Castro na região do centro histórico da cidade. Sua função principal reside em servir como infraestrutura de transporte: uma passarela subterrânea de pedestres para atravessar a rua (Figura 67). A existência de um espaço cultural como um teatro e um clube de xadrez é o que a transforma em um espaço de transição híbrido: capaz, através de relações inusitadas, de criar uma atmosfera singular no espaço.

Neste caso, a galeria é acessada por duas escadarias ligando a Praça Tiradentes e o Largo da Ordem e se compõe de uma plataforma subterrânea que serve de passagem e de *foyer* para o teatro e vitrine para o espaço de prática de xadrez (Figura 68 e Figura 69).

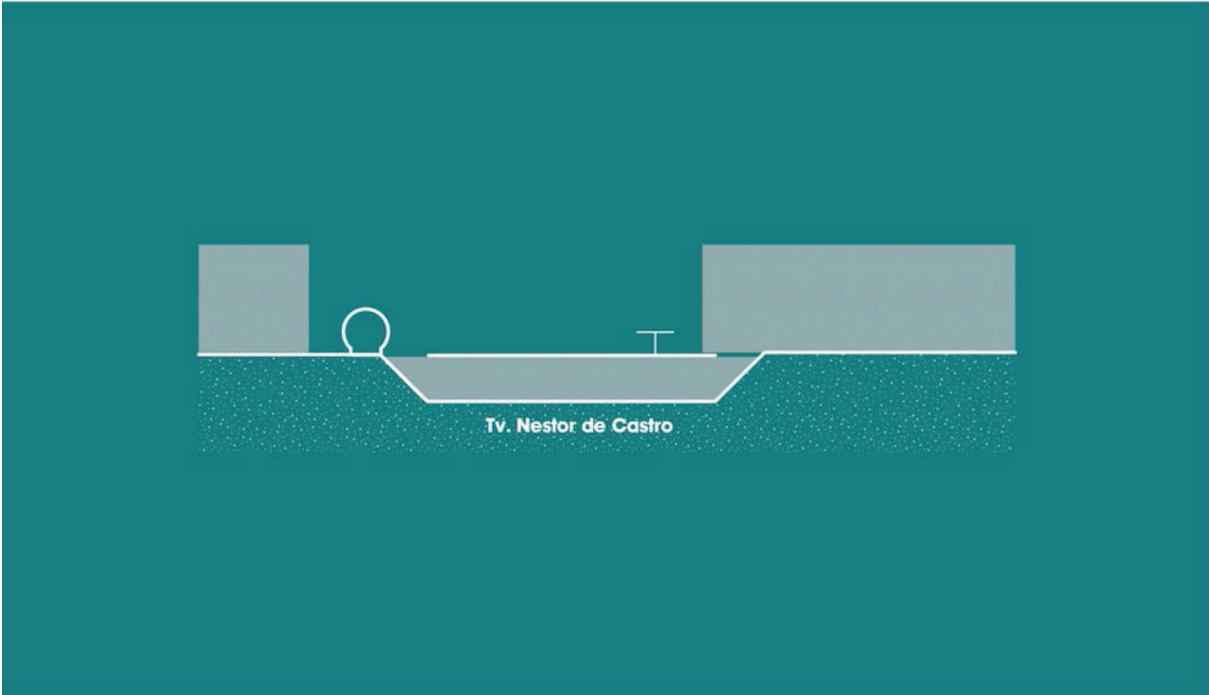


Figura 67 - Teatro unversitário de Curitiba - Topografia e de produção passare a subterrânea híbrida. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 68 - Sobreposição de atmosferas e recursos - TUC. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

9 - TUC



Figura 69 - Diagrama axonométrico - TUC Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Enquanto espaço de transição, as qualidades da atmosfera transitória do T.U.C. residem na sua multiplicidade e capacidade de se permitir a travessia segura de pedestres e também a possibilidade de oferecer um espaço cultural e de lazer como relação híbrida, ao passo que a construção é ao mesmo tempo transição, espaço público, infraestrutura e auditório.

9 - T.U.C.



Figura 70 - Desempenho da transição - T U C Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 71 - Chegada ao T U C Fonte: do Autor (2020)

4.2.11 Shopping Itália – Embasamento comercial em pódios sobrepostos

O edifício e Shopping Itália localiza-se na esquina das Ruas João Negrão e Marechal Deodoro da Fonseca e ocupa uma junção de diversos lotes que se estendem até a Rua José Loureiro com o volume de estacionamento de veículos e acesso exclusivo de pedestres para alguns ocupantes da torre comercial sobreposta ao volume do shopping.

A transição aqui estudada se estabelece assim como a galeria Tijuca (p. 130) a relação de organização de fluxos para o edifício corporativo, porém através da elevação do nível das ruas, a transição do Edifício Itália se aproxima à relação do Edifício *Universe Life Square* (p. 111) com o espaço público.

A elevação permite evidenciar o momento de transição e isolar o contexto urbano do contexto privado, sem perder a conexão visual entre estes. O espaço de transição do Shopping Itália se divide em diversos níveis sobrepostos (Figura 72), separando área comercial no nível térreo, subsolo de estacionamentos e nível superior comercial e praça de alimentação, dessa forma, os pódios sobrepostos se conectam no espaço de transição, que distribui os fluxos entre os diversos programas e atmosferas (Figura 73).

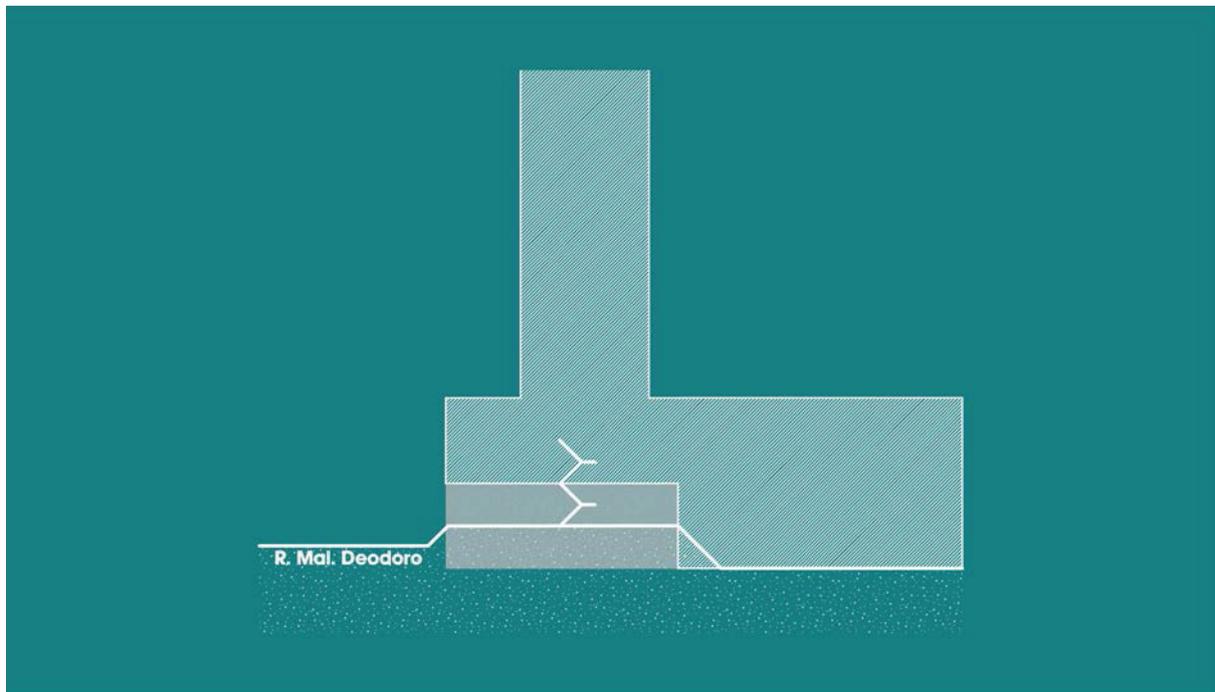


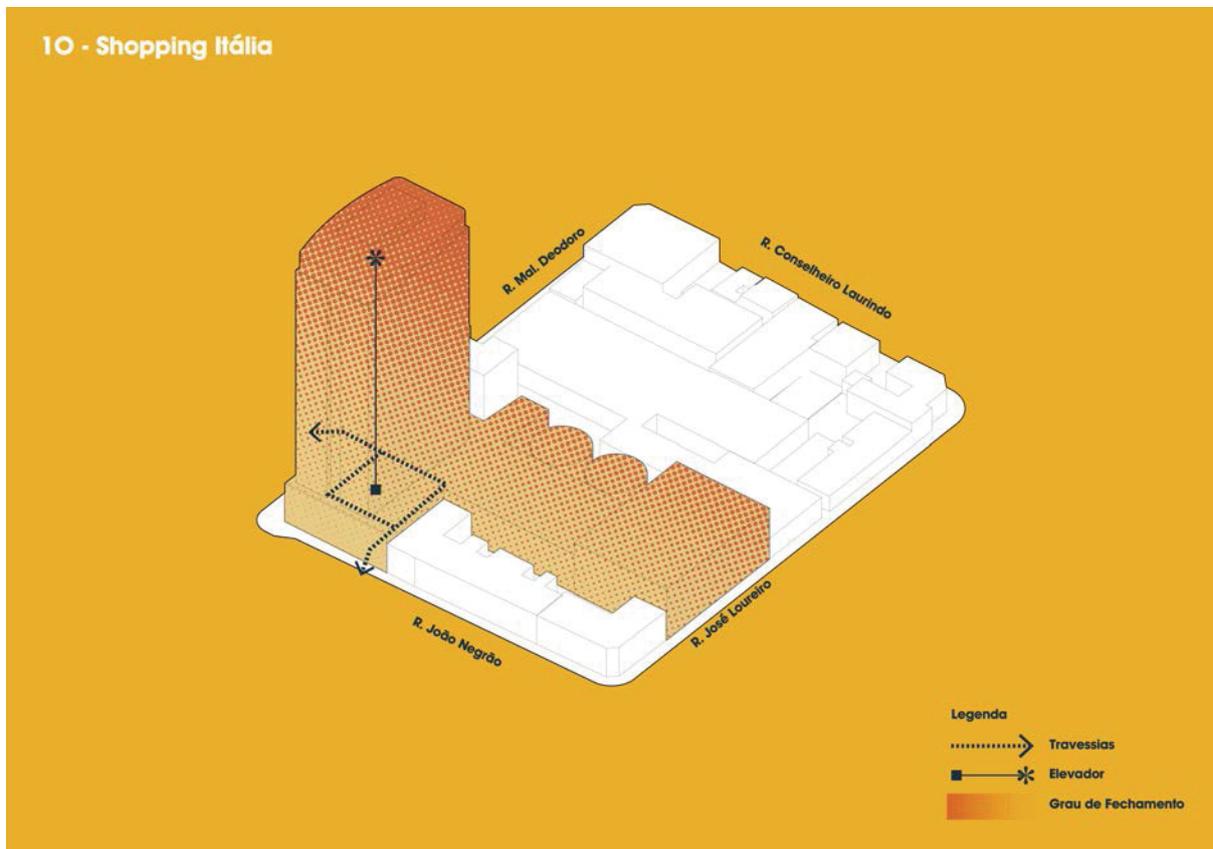
Figura 72 - Shopping Itália - Tipo e organização de produção de embasamento em pódios sobrepostos. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

10 - Shopping Itália



Figura 73 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Shopping Itália | Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

10 - Shopping Itália



A transição do Shopping Itália se demonstra com uma atmosfera de moderada sincronidade, multiplicidade, devido ao fato de organizar e articular os espaços da edificação, mas ainda assim se desconecta do fluxo externo com poucas atividades realmente diferentes dentro, e Incompletude, pela valorização inerente das adaptações dos espaços comerciais distribuídos no embasamento comercial.

A porosidade se evidencia pelas estratégias de abertura e fechamento nos acessos ao edifício, bem como pela existência de espaços de encontro dentro do edifício, principalmente localizados no pavimento comercial superior com a existência de comércios de alimentação e estares específicos.



Figura 75 - Galeria interna do Shopping Itália Fonte: do Autor (2020)

10 - Shopping Itália

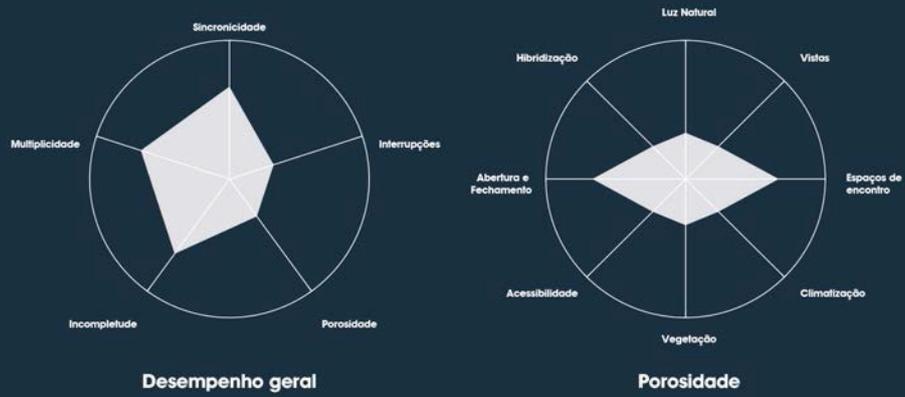


Figura 76 - Desempenho da transição - Shopping Itália. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 77 - Shopping Itália. Fonte: do Autor (2020)

4.2.12 Terminal Metropolitano Guadalupe – Infraestrutura concentrada e cobertura conciliadora

O Terminal Metropolitano Guadalupe ocupa o lugar da antiga Rodoviária de Curitiba e hoje se destina a abrigar o movimento pendular dos habitantes da Região Metropolitana de Curitiba (RMC). Localiza-se na confluência das ruas André de Barros, João Negrão e Pedro Ivo e é marcado pela relação de proximidade que possui com o santuário de Nossa Senhora de Guadalupe.

O espaço se resume em um terminal de acesso livre que concilia as paradas de ônibus metropolitanos, passageiros, circulação e comércio vicinal através de uma cobertura que unifica o espaço como lugar. Semelhante à Praça Rui Barbosa (p. 120), a função de infraestrutura de transporte público se destaca como atividade geradora e orientadora de fluxos urbanos. Sua diferença reside em escala e o uso da cobertura projetada por Rubens Meister no espaço como elemento configurador da transição entre público e privado (Figura 78).

A dimensão privada se distribui abaixo da cobertura enquanto a área do chão se estabelece como elemento integrador com as quadras do entorno imediato, mesmo que cortada pelo tráfego de automóveis nas ruas adjacentes (Figura 79). Essa relação possibilita a travessia de usuários de maneira mais segura por dois pontos abaixo da cobertura para quadras externas, incluindo ao santuário, existindo quase em unidade com o terminal (Figura 80).

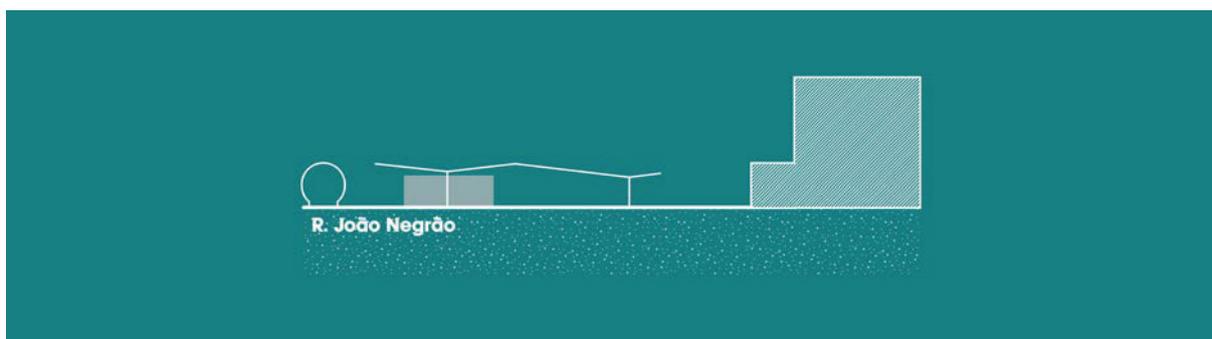


Figura 78 - Terminal metropolitano Guadalupe - Tipologia de produção de infraestrutura concentrada e cobertura conciliadora. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 79 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Terminal Guadalupe e Capital Shopping Centro. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

11 - Terminal Guadalupe

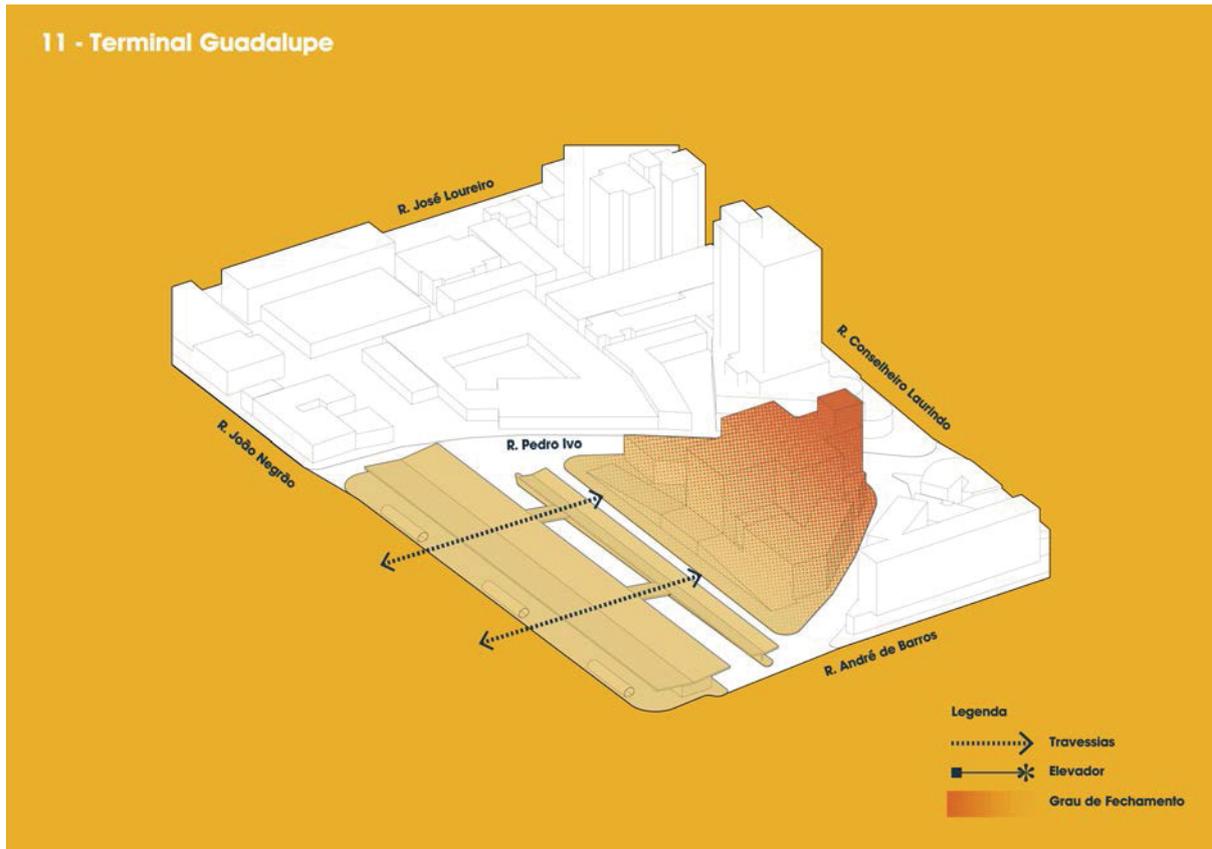


Figura 80 - Diagrama axonométrico - Terminal metropolitano Guadalupe. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

A situação do desempenho da transição no terminal Guadalupe se estabelece por todas as qualidades e padrões de utilização, destacando-se a capacidade do espaço em oferecer uma plataforma para a incrementação e conexão com adaptações necessárias no espaço, múltiplas e mistas atividades que ocorrem no entorno e no próprio terminal e também através de algumas interrupções espalhadas no terminal, ainda que sem muitas relações de fachadas ativas e espaços diversos na área de espera de ônibus.

A porosidade se demonstra em todas as qualidades com exceção da vegetação, destacando-se a capacidade de se permitir vistas principalmente pela relação com o santuário adjacente, com níveis mais elevados de acesso por rampas e escadas.

11 - Terminal Guadalupe

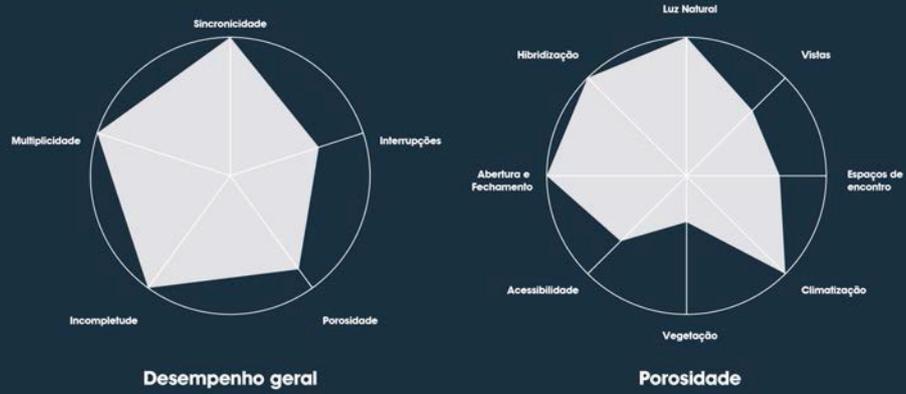


Figura 81 - Desempenho da transição - Terminal Guadalupe. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 82 - Terminal Guadalupe. Fonte: do Autor (2020)

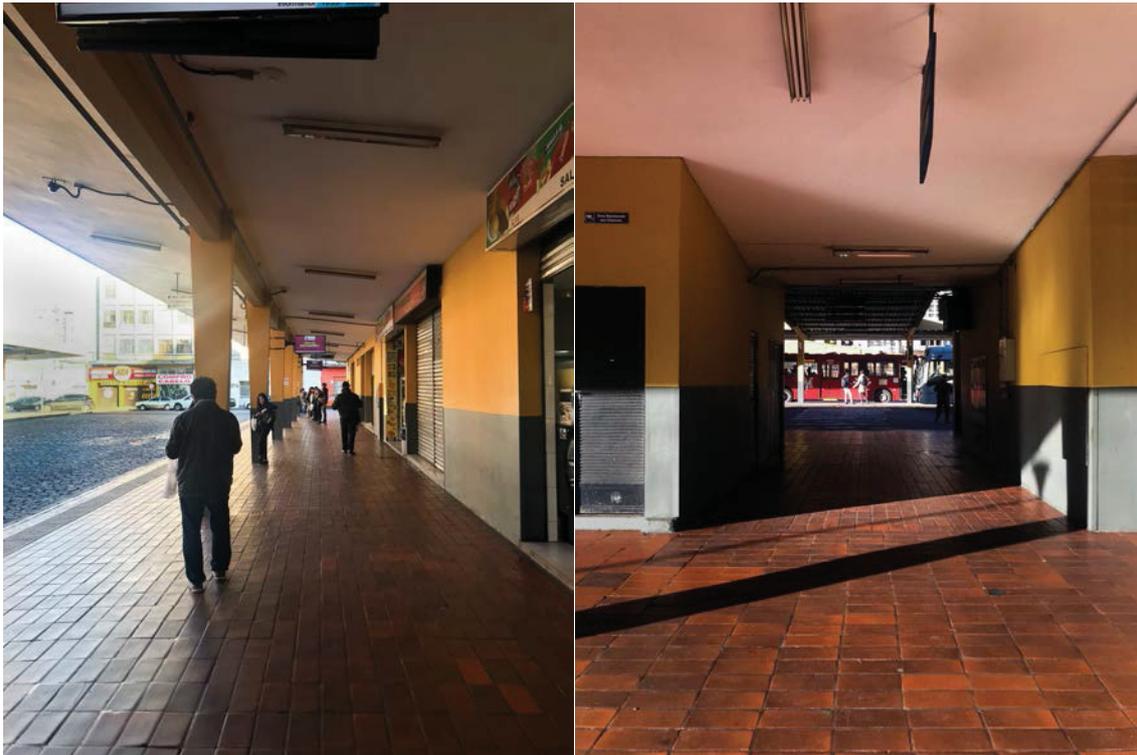


Figura 83 - Term na Metroptano Guadalupe Fonte: do Autor (2020)

4.2.13 Capital Shopping Centro – Embasamento comercial nivelado com estaqueamento de níveis

O capital shopping centro localiza-se no entorno imediato do Terminal Guadalupe, na esquina entre as Ruas Pedro Ivo e Conselheiro Laurindo. Sua conexão com o espaço urbano se dá através de fachadas e um embasamento comercial em formato de galeria dividida em três níveis (Figura 81).

A transição deste edifício se vale da sobreposição do embasamento comercial nestes níveis com acesso por escada e elevador e possui a função também de organizar o fluxo e orientar o acesso ao espaço privativo comercial acima do embasamento.

A área externa, em contato com a calçada possui acesso direto às lojas comerciais em todo perímetro da testada e é possível acessar o espaço interno por duas aberturas, uma em cada rua (Figura 86). A calçada ainda possui conexão com uma estação tudo de ônibus metropolitano.

Os pavimentos superiores não ocupam a mesma superfície do andar térreo, mas eventualmente recuam suas projeções e conformam terraços externos (Figura 87) com acesso e aberturas independentes por todas as unidades comerciais. No último pavimento, localiza-se um instituto técnico-educacional, aberto para circulação e acesso ao último terraço.

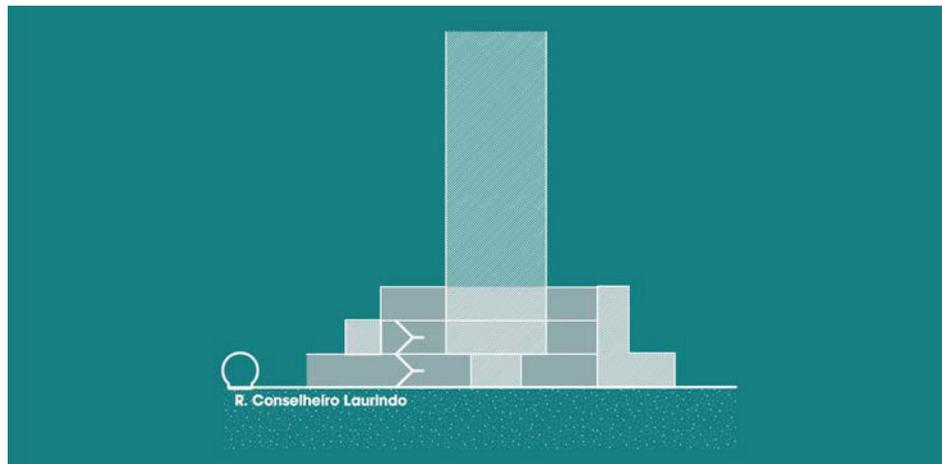


Figura 84 - Cap ta Shopp ng Centro - Tipo ga de produção de embasamento comercial n ve ado com estaqueamento de níveis Fonte: Elaborado pe o Autor (2020)



Figura 85 - Cap ta Shopp ng Centro Fonte: do Autor (2020)



Figura 86 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Capital Shopping Centro Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

12 - Capital Shopping Centro

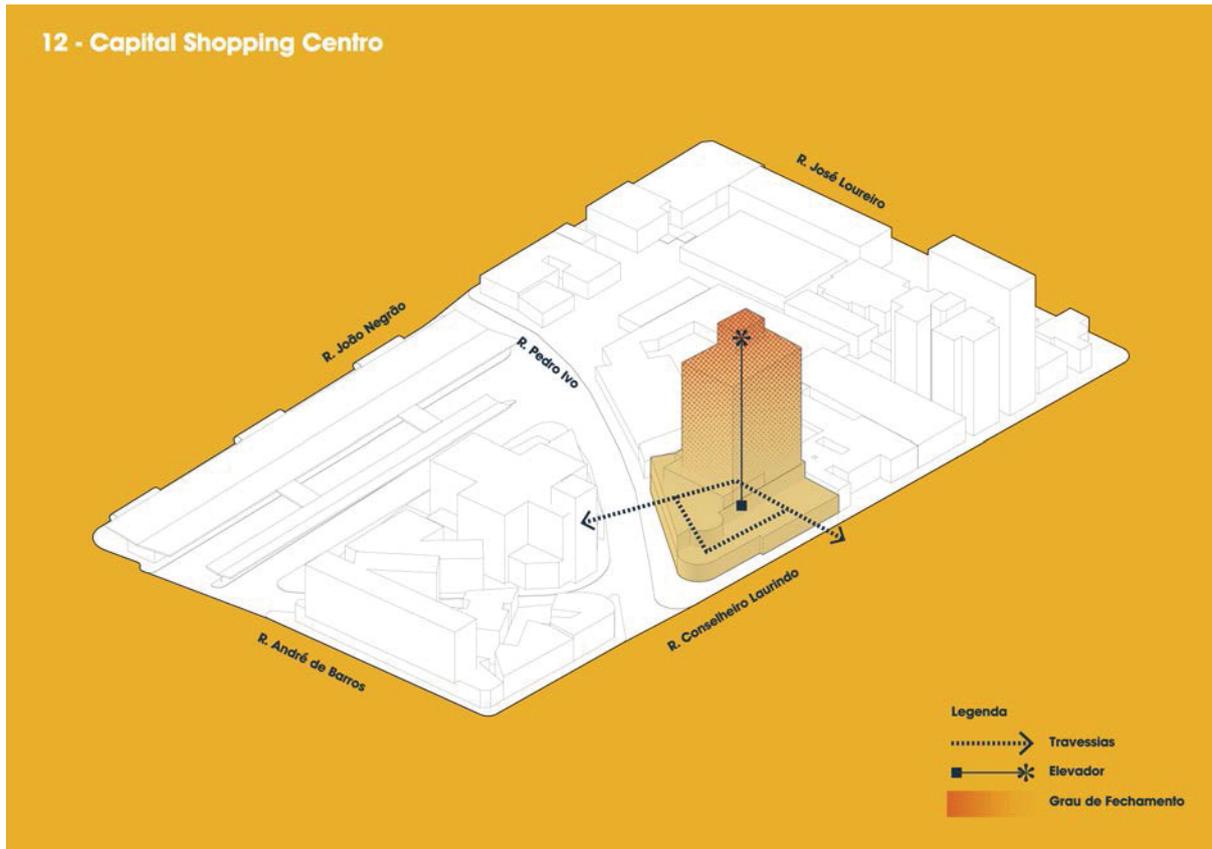


Figura 87 - Diagrama axonométrico - Capital Shopping Centro. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

A relação entre atividades e usos múltiplos no Capital Shopping Centro permitem configurar a nota máxima para estas duas qualidades, bem como a conexão ao nível do chão com o ambiente público da calçada através de fachadas ativas e contato direto com as lojas comerciais no nível térreo.

Ao mesmo tempo, o espaço permite adaptações entre as unidades comerciais e pavimentos, porém sem a noção de incompletude por meio de adições e incrementos.

A porosidade se relaciona com as trocas climáticas através de espaços de aberturas externas nos espaços privados e de transição, bem como pelas vistas proporcionadas pelos espaços de terraço. Ainda que não existam múltiplos espaços de encontro, a transição se relaciona com as estratégias de acessibilidade aos espaços privados e relação de abertura e fechamento para o espaço público.

12 - Capital Shopping Centro

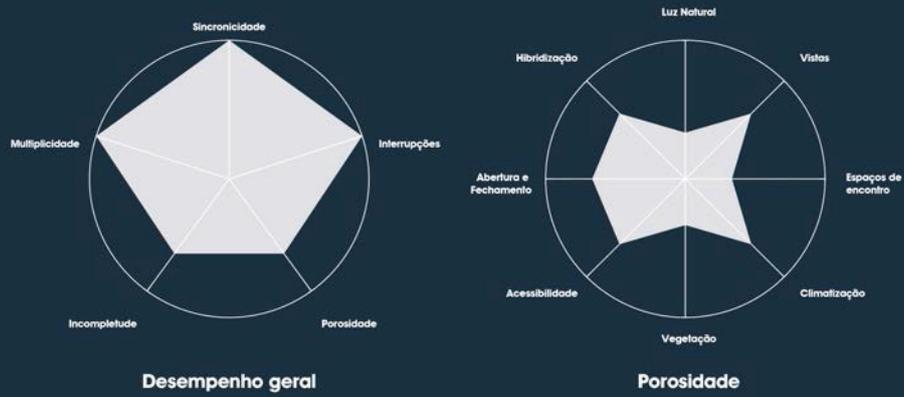


Figura 88 - Desempenho da Transição Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

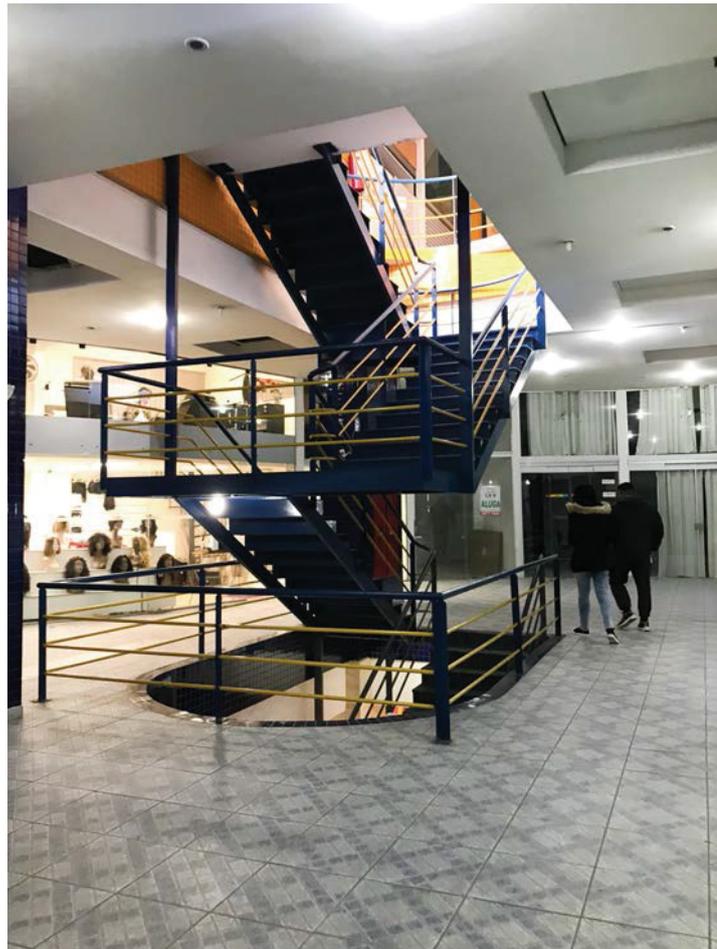


Figura 89 - Capital Shopping Centro - Recursos de circulação Fonte: do Autor (2020)

4.2.14 Mercado Municipal de Curitiba – Edifício quadra incrementado com cobertura conciliadora e múltiplos acessos

O edifício do Mercado Municipal de Curitiba se estabelece na quadra conformada pelas ruas da Paz, General Carneiro e Avenidas Sete de Setembro e Presidente Afonso Camargo. Essencialmente, o edifício é formado por séries de ampliações e estas não seguem um partido claro de estratégia projetual entre si, mas adequam os fluxos dependendo da necessidade.

Se utilizando de analogia, essa configuração transforma o mercado municipal em uma espécie de labirinto com múltiplos acessos ao redor da quadra (Figura 91). Se for possível reconhecer uma tipologia geral de operação projetual, o mercado inteiro pode ser entendido como uma transição coberta que promove a integração dos espaços de encontro e espaços comerciais dentro da edificação.

Também não é possível perceber no conjunto uma relação de ordem clara na localização dos recursos de acesso aos diferentes níveis da edificação, entretanto, o nível de acesso à Av. Sete de Setembro lida com melhor precisão a necessidade de espaços de encontro e áreas de mesas para alimentação, enquanto o nível inferior possui maior contato com as outras ruas adjacentes (Figura 92).

Especialmente na Rua General carneiro, o edifício se relaciona com a atmosfera pública através de aberturas de esquadrias de ferro com a possibilidade de permitir trocas visuais entre interior e exterior e ao mesmo tempo formar uma marquise quando aberta.

As aberturas para a rua da Paz se dividem entre os dois principais níveis da construção, pelo mercado de orgânicos (uma das últimas ampliações e anexações ao mercado), por um estacionamento privativo e pelo nível de cota mais elevada próximo à esquina com a Av. Sete de Setembro.

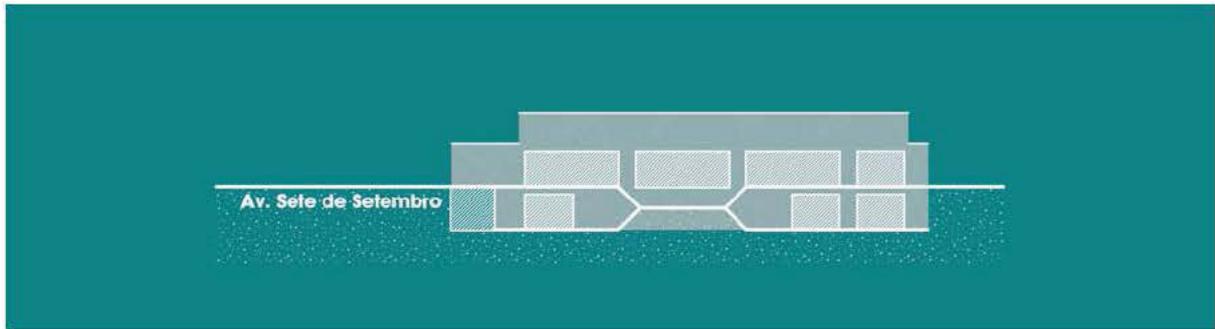


Figura 90 - Mercado Municipal de Curitiba - Tipo e a de produção de edifício quadra incrementado com cobertura concadora e múltiplos acessos. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

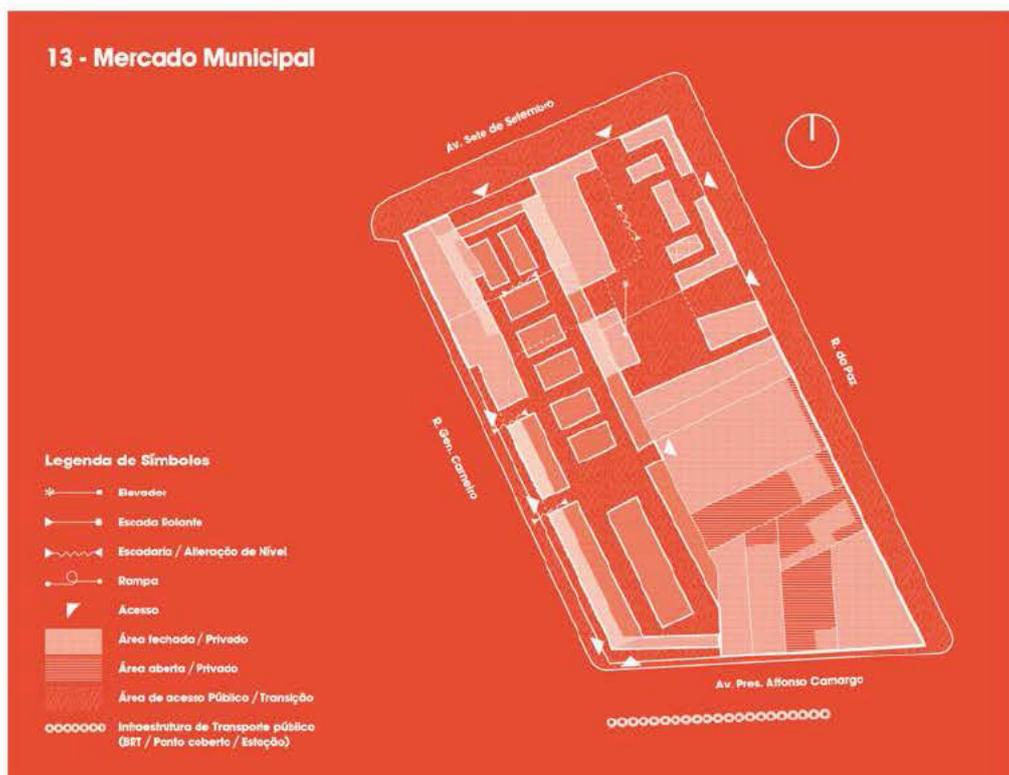


Figura 91 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Mercado Municipal de Curitiba. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

13 - Mercado Municipal

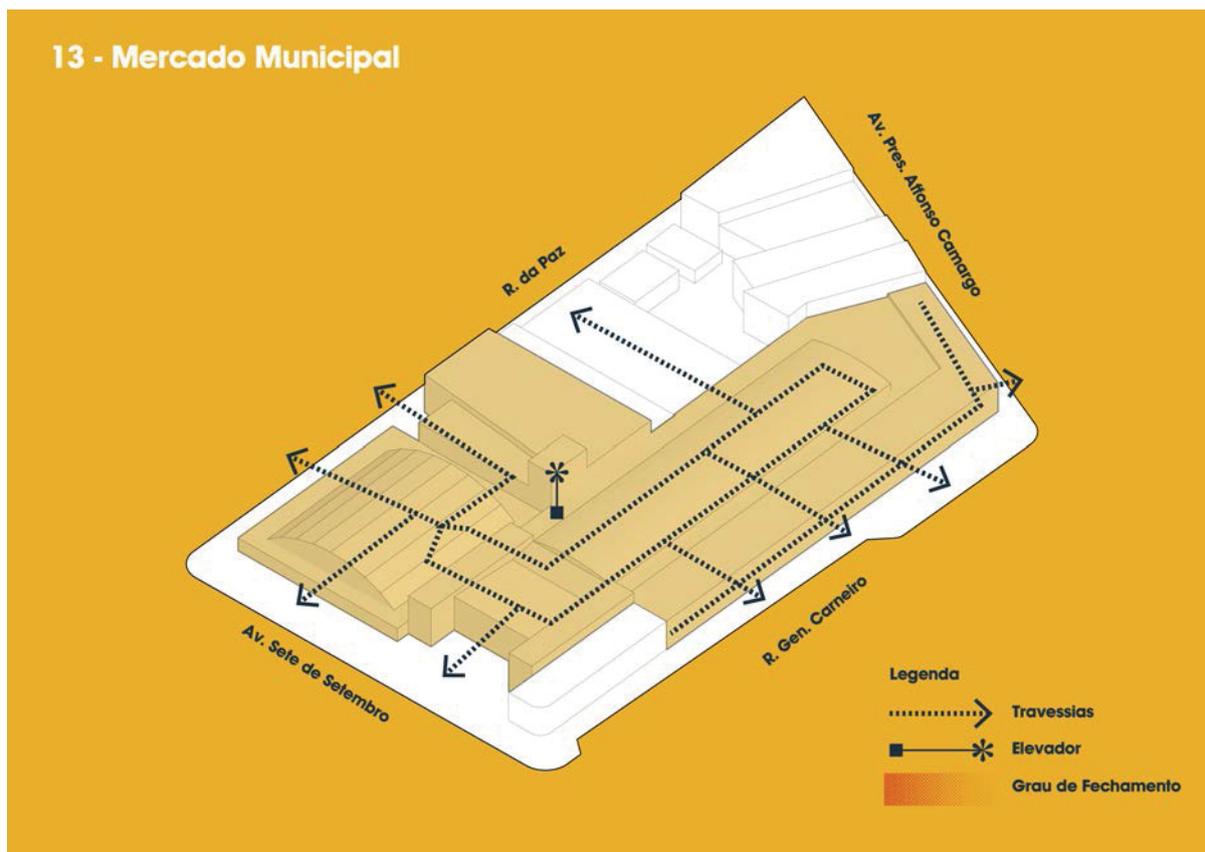


Figura 92 - Diagrama axonométrico - Mercado Municipal. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Mercados são essencialmente espaços extremamente sincrônicos e sem extrema multiplicidade, pela concentração de usos similares entre si. A construção também possui um desempenho de transição com várias interrupções e contato com a rua, embora essa qualidade se faça mais presente nas aberturas para a R. General Carneiro. Outra qualidade inerente do Mercado Municipal é a incompletude, traduzida no espaço pelas constantes adaptações e ampliações do espaço.

O ambiente construído também se demonstra extremamente poroso, manifestando todas as qualidades da porosidade, com exceção da existência de vegetação.

13 - Mercado Municipal

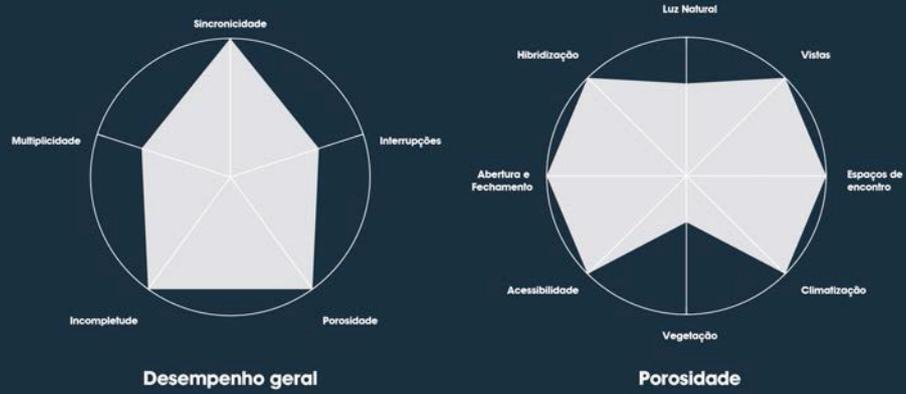


Figura 93 - Desempenho da transição - Mercado municipal - Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

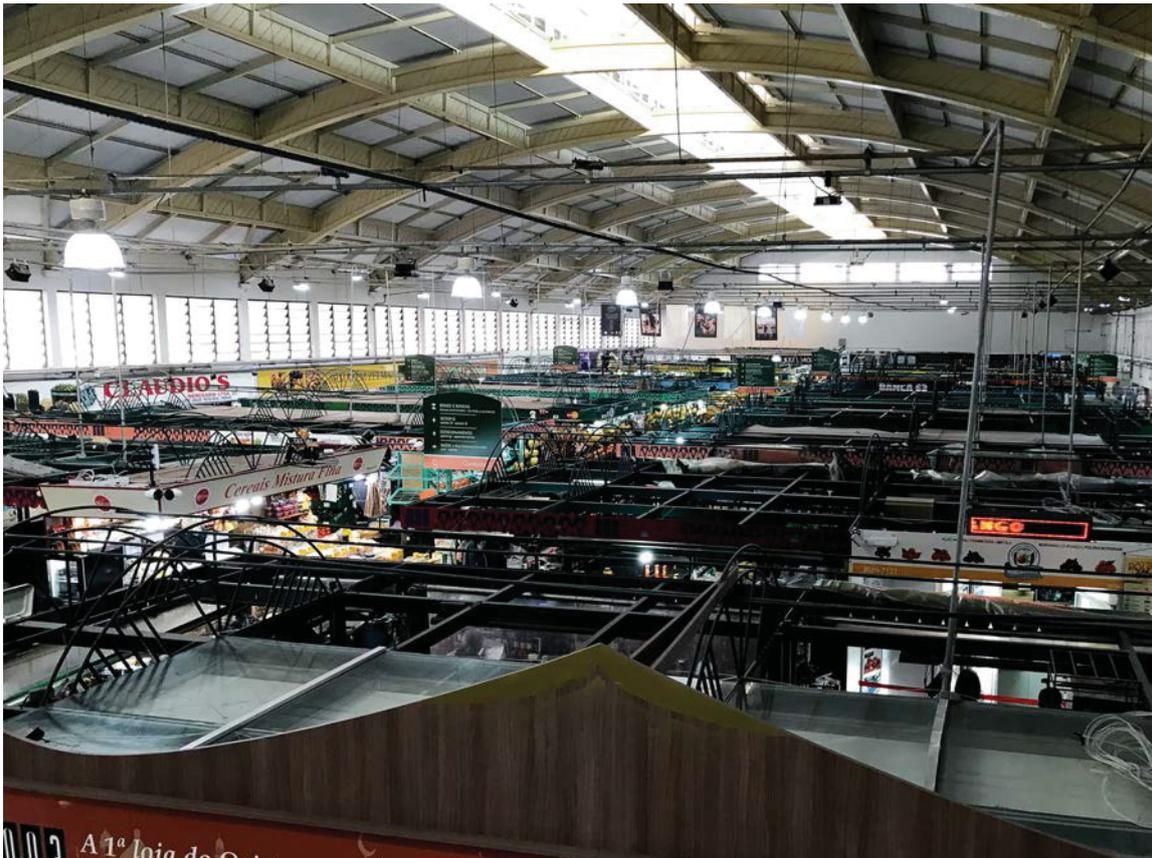


Figura 94 - Mercado Municipal - Vistas internas - Fonte: do Autor (2020)

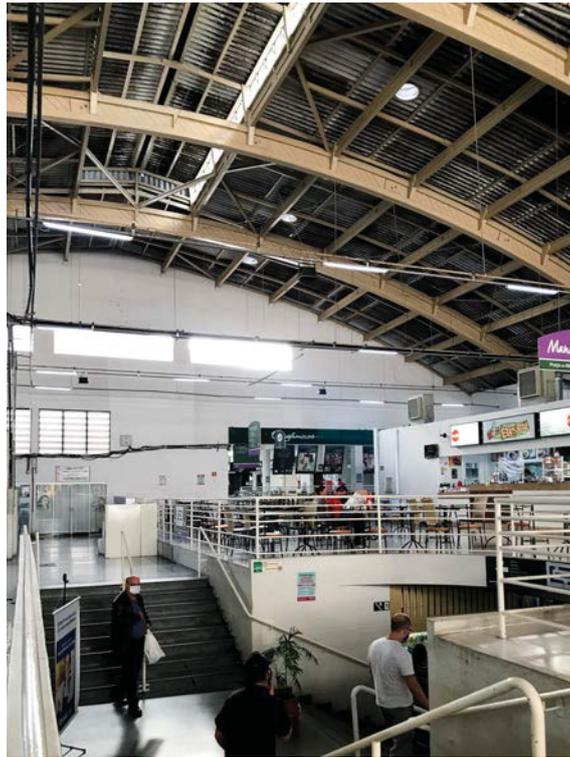


Figura 95 - Recursos de conexões de níveis no Mercado Municipal - Fonte: do Autor (2020)

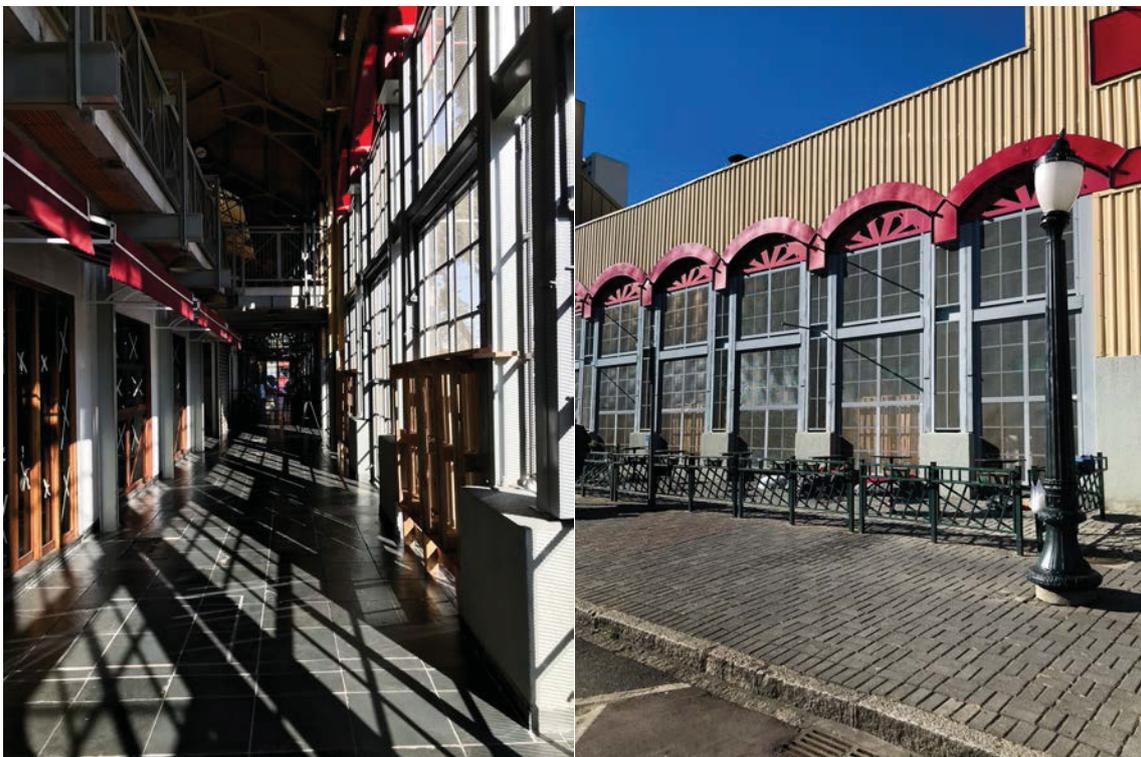


Figura 96 - Mercado Municipal - Relações entre interno e externo - Fonte: do Autor (2020)

4.2.15 Reitoria da Universidade Federal do Paraná – Arranjo de edifícios soltos com térreo livre.

A reitoria da Universidade Federal do Paraná é um conjunto de edifícios espalhados na quadra conformada pelas ruas Amintas de Barros, General Carneiro, Dr. Faivre e XV de Novembro. O complexo é formado pelos blocos didáticos D. Pedro I e II, a Reitoria e o Teatro, sendo os três primeiros conformadores de uma praça rebaixada ao nível da R. XV de Novembro que articula os acessos aos blocos didáticos e laterais do edifício da Reitoria, que por sua vez se liga ao auditório no térreo e por passarela superior.

A distribuição espacial dos volumes construídos permite a livre circulação pela quadra, estratégia de projeto caracterizada da arquitetura modernista brasileira da metade do Século XX, principalmente influenciada pela construção de Brasília e pela própria atuação de arquitetos brasileiros da época.

A conformação da praça atua como hall de chegada ao complexo abrigada pela monumentalidade dos edifícios, mas fornecendo um espaço de conexão com o espaço público e comunidade acadêmica (Figura 97).

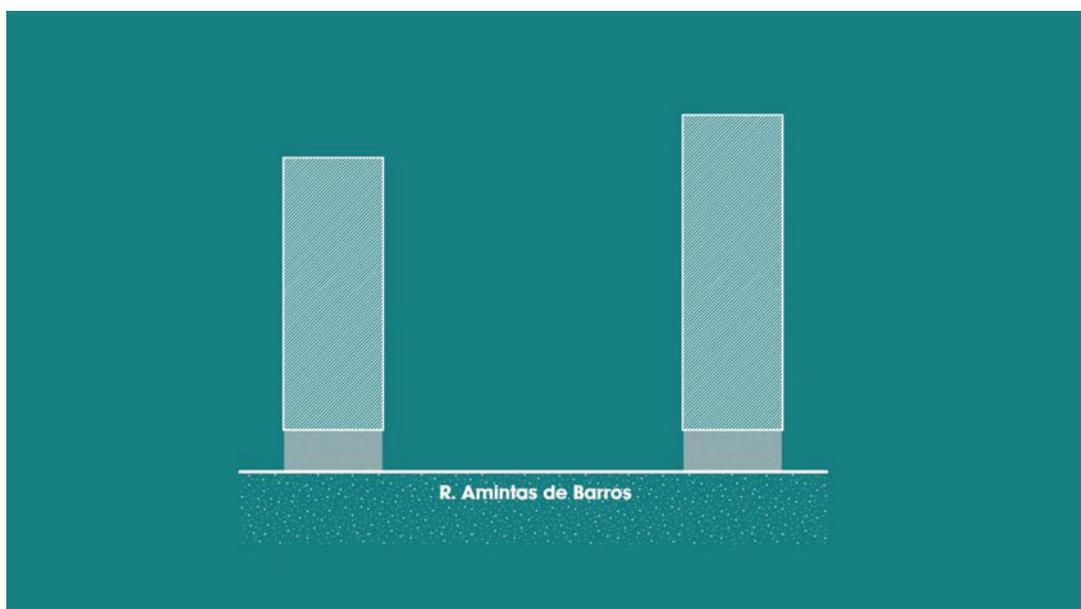


Figura 97 - Reitoria UFPR - Tipologia de produção em arranjo de edifícios soltos com térreo livre. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 98 - Sobreposição de atmosferas e recursos - Reitoria UFPR. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

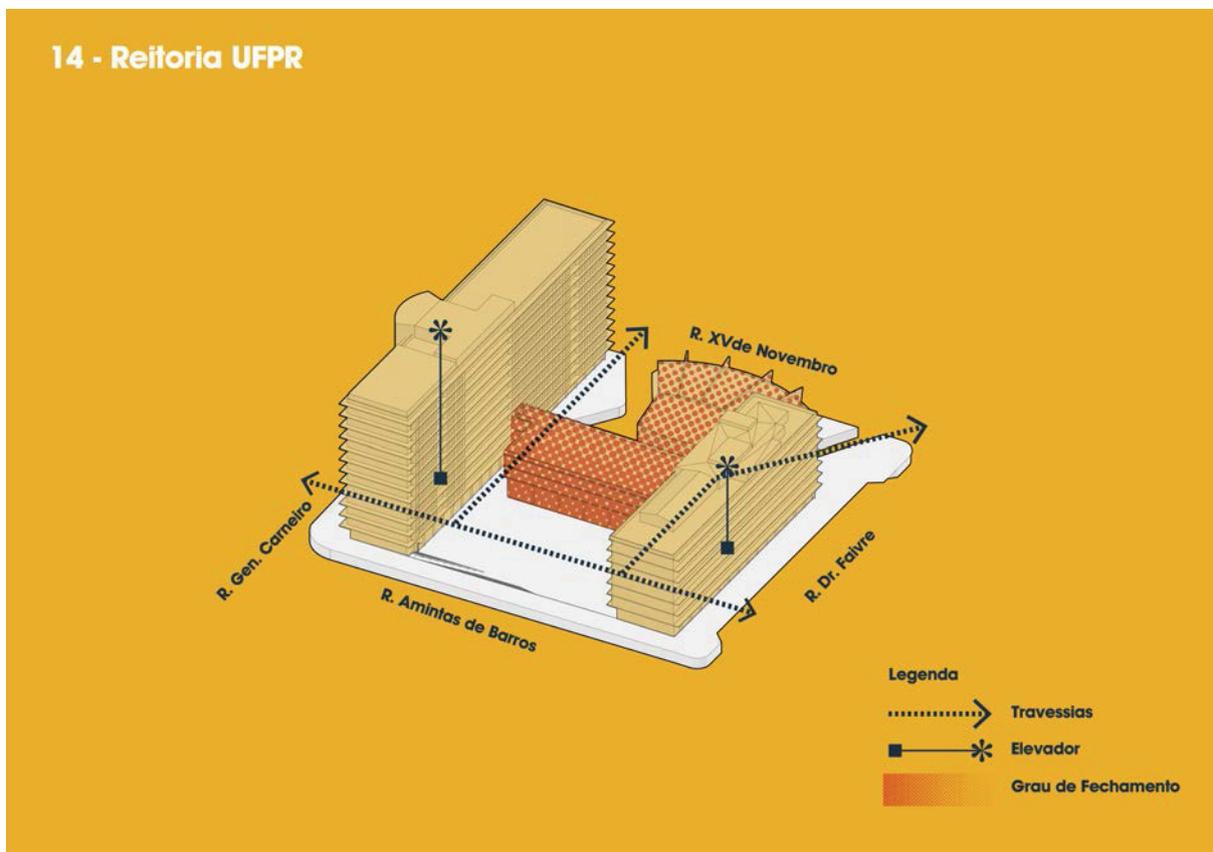


Figura 99 - Diagrama axonométrico - Reitoria UFPR Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

O espaço de transição da Reitoria não se qualifica pela sincronicidade e multiplicidade do espaço de transição, mas pela interrupção causada pelo espaço aberto da praça e disposição espacial dos edifícios no percurso na quadra, pela travessia oportunizada pelos espaços entre os edifícios e flexibilidade do espaço proposto como incompletude.

A transição manifesta todas as qualidades da porosidade, principalmente pela relação de abertura e fechamento, acessibilidade aos edifícios, integração com a luz natural, vistas proporcionadas dentro e fora dos edifícios e pelo espaço de encontro proporcionado pelo pátio.

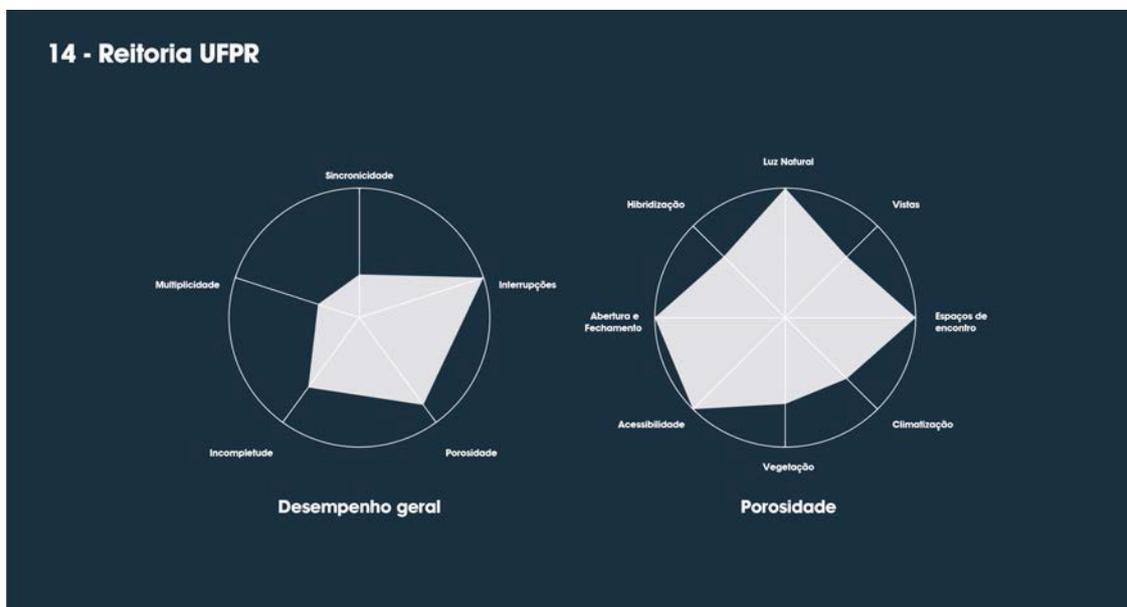


Figura 100 - Desempenho da transição - Reitoria UFPR Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)



Figura 101 - Reitoria da Universidade Federal do Paraná Fonte: do Autor (2020)



Figura 102 - Pátio da Reitoria UFPR Fonte: do Autor (2020)

4.3 ORGANIZAÇÃO PRELIMINAR

As qualidades foram comparadas no recorte conforme tais padrões eram percebidos enquanto estratégia de projeto, as notas referentes aos padrões de utilização encontram-se na Tabela 7 e as qualidades de porosidade, na Tabela 8.

A organização dos resultados em gráficos possibilita a análise da amostragem como um todo e permite a rápida relação visual para embasar a discussão projetual, assim como fornecer suporte para estratégias de projeto para a transição e possibilidades de operar em arquitetura com os espaços de transição.

Qualidades da Transição	Sincronismo	Interrupções	Porosidade	Incompletude	Multiplicidade
Shopping Crystal	3	2	20	2	2
Hotel Pestana	1	1	15	1	1
Shopping Omar	3	1	10	2	2
<i>Universe Life Square</i>	1	1	20	1	1
Ed. Everest e R. 24h	2	2	15	2	2
Praça Rui Barbosa	3	3	30	2	3
<u>Central Park Gallery</u>	1	2	10	2	2
Galeria Tijuca	2	2	10	2	2
Galeria Júlio Moreira - TUC	1	1	10	1	3
Shopping Itália	2	1	10	2	2
Terminal do Guadalupe	3	2	25	3	3
Capital Shopping Centro	3	3	20	2	3
Mercado Municipal	3	2	30	3	2
Reitoria UFPR	1	3	25	2	1

Tabela 7 - Qualidades da transição e notas para cada caso selecionado. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

A Figura 103 demonstra lado a lado a relação entre os gráficos de desempenho dos espaços de transição para cada um dos casos selecionados no percurso pelo eixo da Rua XV de Novembro. Vale ressaltar que a ideia de se ranquear a transição baseada em seu desempenho nas qualidades propostas não é o objetivo deste trabalho, nem mesmo a proposição de uma tipologia ideal de transição para o centro da metrópole.

Qualidades de Porosidade	Luz Natural	Vistas	Espaço de encontro	Climatização	Vegetação	Acessibilidade	Abertura e Fechamento	Hibridização
Shopping Crystal	2	2	2	2	1	2	2	2
Hotel Pestana	3	1	2	1	2	1	2	1
Shopping Omar	1	1	1	2	1	2	1	1
Universe Life Square	3	2	2	1	2	1	2	1
Everest + 24 H	2	1	2	1	1	2	2	1
Praça Rui Barbosa	3	2	3	3	3	3	2	3
Central Park Gallery	1	1	1	1	1	1	1	1
Galeria Tijuca	1	1	2	1	1	2	1	2
Galeria Júlio Moreira - TUC	1	1	1	1	1	1	1	1
Shopping Itália	1	1	2	1	1	1	2	1
Terminal do Guadalupe	3	2	2	3	1	2	3	3
Capital Shopping Centro	1	2	1	2	1	2	2	2
Mercado Municipal	2	3	3	3	1	3	3	3
Reitoria UFPR	3	2	3	2	2	3	3	2

Taba 8 - Qualidades e notas de Porosidade Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

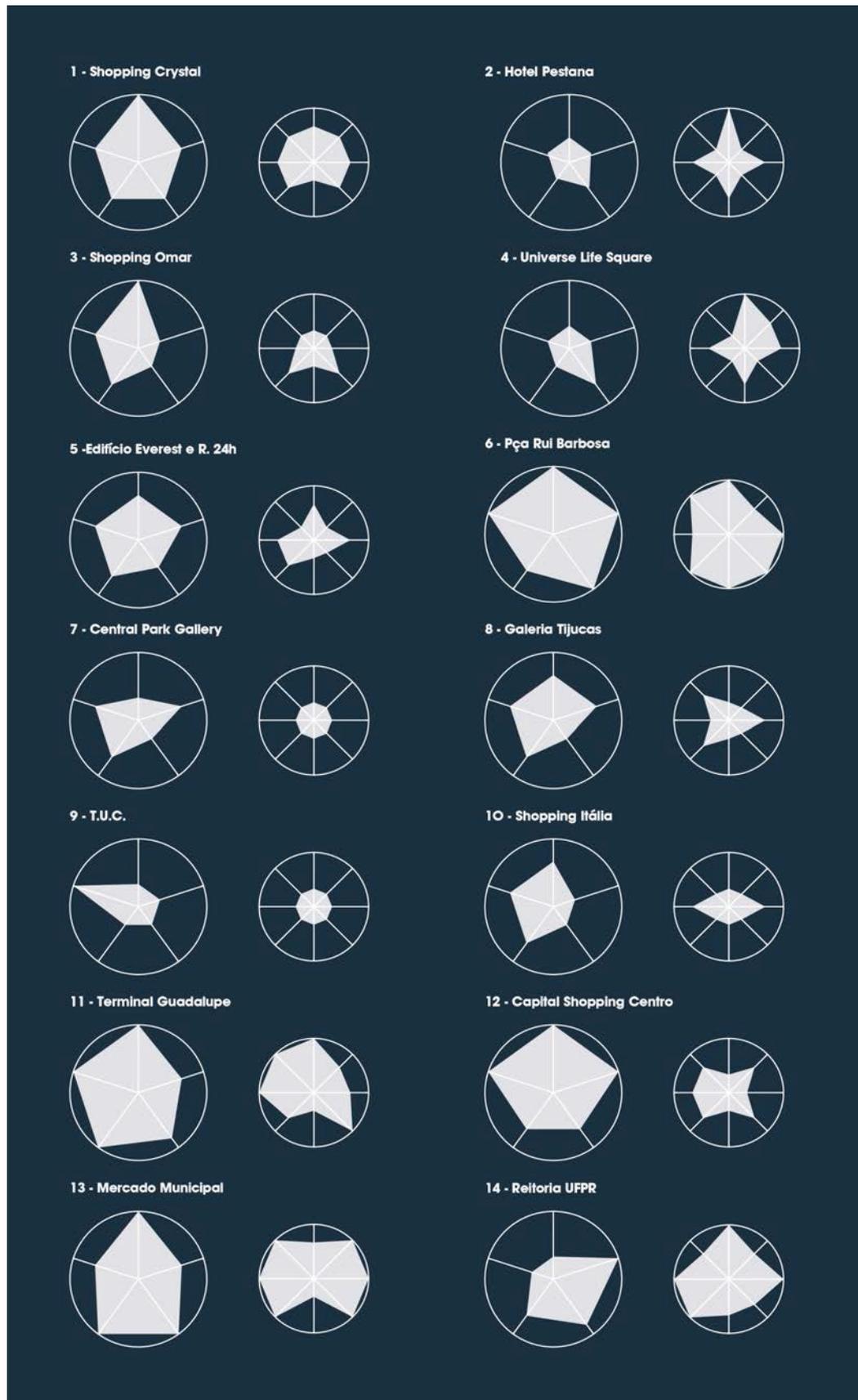


Figura 103 - Gráficos de desempenho dos casos selecionados. Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

4.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As cinco qualidades se demonstram inconstantes em recorrência nos casos, mas em geral, algumas relações são possíveis de se estabelecer. Os espaços de transição nesse sentido atuam de forma a lidar, através destas cinco dimensões, no que Bucci (2010) classifica como espaço alienação e dissolução. Para este, os edifícios se tornam alienantes ao “sugar a vida urbana” para dentro de seus limites e torres, ao mesmo tempo que os níveis do chão dissolvem a vida nestes edifícios ao contexto urbano, um efeito materializado em construções das verticalidades e horizontalidades de Santos (1997).

A alienação aparece em espaços menos sincrônicos, como uma forma de se estabelecer uma atmosfera de segurança, ou fronteiras mais fechadas, no sentido de Sennett (2018). É o que ocorre com os casos do Hotel Pestana e *Universe Life Square*. Por outro lado, os casos da *Central Park Gallery*, T.U.C. e Reitoria da UFPR, também se caracterizam por serem construções sem tanto sincronismo que compensam esta qualidade com Interrupções e Incrementações, Multiplicidade e Porosidade, respectivamente, transformando-se em atmosferas mais dissolúveis, de fronteiras mais abertas.

É pertinente também citar novamente Sennett (2018) com a diferenciação da ideia de cidade e de cidade construída, *city* e *ville*. A ideia de separação do espaço público com o espaço privado como estratégia de segurança privada através de muros ou, nos casos do Hotel Pestana e *Universe Life Square*, por meio de abertura do espaço de vigilância ou separação em níveis é uma maneira como o “medo dos outros” atua na concepção do ambiente construído.

Em paralelo, alguns espaços extremamente sincrônicos, tendem a manifestar as outras qualidades de igual maneira ou muito próximas, como os casos do Shopping Crystal, Shopping Omar, Praça Rui Barbosa, Terminal do Guadalupe, Capital Shopping Centro e Mercado Municipal. A sincronidade destes lugares atua em conformidade com a dissolução, sendo apenas os dois primeiros casos com aparente menor porosidade, provavelmente como uma estratégia destes lugares possuírem vocação no comércio e no formato do shopping ou galeria privada, talvez também como uma estratégia de quase alienação. Esta noção confronta-se com o

desempenho do Mercado municipal neste sentido, um espaço de comércio público quase labiríntico que se permite integrar com inúmeros pontos de acesso na cidade. Nestes, a atmosfera alienante de conforto (ou tédio, como elaboradas por Schmid, 2018) confronta-se com as de perigo ou aventura, como no caso do Mercado Municipal. Dessa forma, percebe-se como o espaço de transição atua na configuração de uma noção da atmosfera do lugar.

No caso das dimensões de incompletude, percebo que os casos cuja recepção às adaptações ou incrementos também atuam na percepção das atmosferas através do tempo. Os lugares com maior grau de incompletude permitem a “descoberta”, uma atmosfera de aventura ou perigo, sejam estes ambientes alienantes ou dissolúveis. O que se percebe em maior dimensão nos casos do Mercado Municipal e terminal Guadalupe, com menores efeitos percebidos nos casos do Shopping Crystal, Shopping Omar, Ed. Everest e R. 24h, Praça Rui Barbosa, *Central Park Gallery*, Galeria Tijucas, Shopping Itália, Capital Shopping Centro e Reitoria da UFPR.

A multiplicidade dos casos estudados se relaciona com a capacidade de abrigar interações ou usos inesperados e híbridos, essa classificação se demonstrou especialmente presente nos casos da Praça Rui Barbosa, T.U.C., Terminal do Guadalupe e Capital Shopping Centro.

Dentro destes, destaca-se o último, por se tratar de um espaço essencialmente privado, mas com a capacidade de se adaptar e aceitar a hibridização programática. Os outros três casos relacionam a multiplicidade com a existência de infraestrutura de transporte ou circulação, o que configura ao espaço a capacidade de ser, de fato, um dispositivo urbano, relacionando-se com a cidade como se fosse uma peça eletrônica num sistema aberto para apoio à existência de outras atmosferas, hora alienante, hora dissolvente.

Essa dimensão também se relaciona com as interrupções. Mais precisamente no caso da Praça Rui Barbosa, a existência de multiplicidade no espaço permite um campo fértil para as interrupções, sejam estas pontuações no espaço ou utilização de fachadas ativas. Neste caso em específico, a relação da praça afeta até mesmo a conformação dos lotes vizinhos por meio de galerias, vitrines e ocupações do espaço

público de maneiras não usuais (vendedores clandestinos, serviços de publicidade ou bancas móveis de alimentação, por exemplo).

Entretanto, dentro das cinco qualidades levantadas, a porosidade se demonstra mais simples para se caracterizar devido à possibilidade de se derivar em outras oito qualidades. Nessas, a possibilidade de se encarar o ambiente construído pelos seus aspectos físicos encontra um campo fértil para os levantamentos. Os aspectos de Climatização, Iluminação, Abertura e Fechamento podem se valer da abordagem de estudos no campo do conforto ambiental mais tradicionalmente ministrados e pesquisados em escolas de arquitetura e engenharia. Contudo, ao se adicionar as qualidades de Vistas, Espaços de Encontro, Vegetação e Hibridização, considera-se também os aspectos da dissolução dos edifícios, a vida social propriamente dita. Dentro desta noção, os espaços mais porosos da Praça Rui Barbosa e Mercado Municipal permitem uma transição que se molda aos encontros entre usuários e possuem tratamentos específicos para incentivar essa atividade. Os casos da Reitoria da UFPR e Terminal do Guadalupe também adotam uma postura semelhante.

De maneira ampla, analisando os casos, percebem-se estratégias similares ou recorrentes em alguns lugares, que servem como atitudes possíveis com a eficaz estratégia projetual em relação ao contexto de inserção. Estas possibilidades retornam ao objetivo do trabalho em identificar estratégias de projeto que dialogam e conformam atmosferas públicas e privadas através do ambiente construído do espaço de transição. Estas possibilidades se relacionam com o que se entende como projeto do chão: maneiras de se configurar acessos, ambientes até mesmo programa para se conectar com o chão público.

As possibilidades identificadas são ações permitidas pelas estratégias de projeto, comuns a alguns casos estudados e mais presente em outros. Estas estratégias identificadas podem ser agrupadas em quatro ações, as de: 1) Recuar; 2) Atravessar; 3) Nivelar e Transpor; 4) Conciliar. Os casos que apresentam e se relacionam com tais ações são exemplificados na Tabela 9.

Construção x Possibilidades	Recuar	Atravessar	Nivelar e transpor	Conciliar
Shopping Crystal	X	X	X	
Hotel Pestana	X	X		
Shopping Omar		X	X	
<i>Universe Life Square</i>	X		X	
Ed. Everest e R. 24h	X	X	X	X
Praça Rui Barbosa		X	X	X
<i>Central Park Gallery</i>		X		
Galeria Tijuca		X		X
Galeria Júlio Moreira - TUC		X	X	X
Shopping Itália			X	X
Terminal do Guadalupe		X		X
Capital Shopping Centro		X	X	X
Mercado Municipal	X	X	X	X
Reitoria UFPR	X	X	X	X

Taba a 9 - Poss b dades de atuação dos espaços se ec onados Fonte: E aborado pe o Autor (2020)

A ação de recuar o espaço construído para gerar espaços de transição permite a criação de espaços abertos em locais que não possuem amplitude visual e carecem de espaços públicos. Na região central esta possibilidade se demonstra particularmente interessante para promover maior faixa de respiro entre os edifícios e complexidade entre os lotes que podem se aproveitar de mútuos recuos para criar espaços sincrônicos, com interrupções e porosidade.

Atravessar é uma constante na maioria dos casos selecionados, com exceção de dois casos. Esta ação permite a criação de novas conexões entre atmosferas e atividades dentro das quadras, depende da morfologia do terreno e das próprias condições urbanas para configurar um espaço realmente ambivalente, um articulador de atmosferas.

Nivelar e transpor se refere à possibilidade de a transição se oferecer como recurso de circulação para facilitar a tentativa de vencer os desníveis naturais ou artificiais da cidade, ao passo que tira proveito desta intenção para criar espaços adjacentes.

Conciliar envolve a capacidade do espaço de transição de servir como articulador dos arranjos espaciais entre diversidade de atmosferas e usos. A cobertura conciliadora de infraestruturas espalhadas, a praça aberta que concilia a relação entre atmosferas privadas, a passagem em desnível que oferece utilização híbrida ou a galeria comercial que organiza acessos e fluxos em um edifício.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas etapas são percorridas entre o processo de concepção de um edifício, sua obra construída e a relação que os usuários estabelecem durante o seu uso cotidiano. Neste trabalho, o enfoque de estudo envolveu o exercício da análise pelas qualidades de uso e produção definidas na fundamentação teórica e intenção de amparar a prática de arquitetura, ao contrário de se determinar um ideal de transição.

Ao passo que a relação entre as atmosferas é negligenciada no campo de estudos do ambiente construído, a reflexão acerca de como se projetam e se arranjam os edifícios no espaço coletivo se faz necessária enquanto abordagem periférica na área, ainda mais a partir do estudo de edificações banalizadas ou não canonizadas na prática acadêmica de arquitetura e urbanismo.

O estudo deste trabalho se concentrou em aspectos da estratégia projetual e arranjos espaciais das edificações e cidade buscando, através de diagramas, uma abordagem desvinculada dos aspectos estéticos clássicos e tecnológicos do projeto de arquitetura. Os quatorze casos estudados fornecem exemplos singulares do aspecto das transições nas construções abordadas também possibilidades de se atuar na arquitetura dos grandes centros urbanos. Por esta razão, optou-se também pela seleção ignorando a relevância arquitetônica como critério principal, justamente para permitir o acesso a construções negligenciadas pelos aspectos estéticos clássicos que poderiam ajudar a definir as possibilidades de estratégias de projeto.

Parte da motivação para geração de possibilidades e de um método de avaliação do desempenho das transições parte da ideia de utilizar estas estratégias como formas geradoras de partido para a produção arquitetônica em Curitiba, dessa forma, estipular tipologias ou morfologias precisas para o espaço de transição não é o objeto de estudo desta pesquisa, mas enxerga-se como uma possibilidade de aplicação prática no exercício da arquitetura.

5.1 REFLEXÕES SOBRE O PROBLEMA DE PESQUISA

Observando-se as diferentes maneiras de se imaginar o espaço de transição através dos 14 exemplos analisados e seu desempenho delimitado, é possível

perceber como sua atmosfera é responsável por conferir as diferenças e qualidades específicas aos lugares.

Embora a atmosfera seja composta de fatores intangíveis ao projeto de arquitetura (usuários, fatores externos), o fator projetual do artefato é responsável por encorajar ou restringir as diversas qualidades elencadas no espaço de transição. Esta relação permite entender que os lugares podem, através de estratégias de abordagem de projeto, gerar novas dinâmicas urbanas e vitalidade nas cidades contemporâneas.

Mais além, as possibilidades elencadas de projetos (Tabela 9), são atitudes projetuais recorrentes nos lugares estudados e permitem estabelecer uma relação de causalidade entre a forma construída e a construção da atmosfera nos espaços. Entretanto o enfoque da pesquisa foi a identificação destas possibilidades de projeto, os efeitos destas ações projetuais na construção da atmosfera dependem de uma avaliação da experiência do usuário nestes lugares e outros espaços. Para tanto, a necessidade se faz necessário o aumento significativo da quantidade de artefatos de análise para estabelecer com maior precisão a relação entre os efeitos das ações projetuais elencadas com a percepção do usuário.

5.2 REFLEXÕES ACERCA DO OBJETIVO DE PESQUISA

Como objetivo geral da pesquisa, pretendeu-se **identificar estratégias de projeto que dialogam e conformam atmosferas públicas e privadas através do ambiente construído do espaço de transição.**

Com isso em foco, estabeleceu-se a necessidade de identificar singularidades dos espaços de transição em Curitiba e, visando reduzir a unidade básica de seleção de casos, reduziu-se a unidade de seleção destas singularidades a um percurso ao redor da Rua XV de Novembro, no centro da cidade. Os casos selecionados permitem a identificação de estratégias aplicadas em um ambiente urbano já consolidado e retrato de diferentes atmosferas, mesmo que agrupadas na escala do Centro.

Dessa forma, é possível entender que o objetivo geral é atingido, a partir da análise da realidade construída consolidada. Entretanto é possível ampliar o campo de coleta de dados para o restante da cidade e traçar um panorama para entender se

as possibilidades identificadas são replicáveis em contextos urbanos não consolidados. Esse possível desdobramento da pesquisa permite entender que o método pode auxiliar no desenvolvimento de parâmetros urbanos para incentivo a projetos que dialogam e conformam melhor as atmosferas entre público-privado.

Em síntese, os objetivos aqui residiram em construir uma metodologia de análise do ambiente construído e de entendimento das atmosferas urbanas, mas a ampliação da pesquisa pode garantir embasamento para contextos urbanos menos consolidados desenvolverem políticas públicas para a ocupação destas áreas.

Considerando então estas reflexões sobre o problema e objetivos de pesquisa, para próximos trabalhos enxergo duas possibilidades de desdobramento: 1) A dimensão construída e 2) A dimensão da experiência do usuário.

Para a dimensão construída, de maneira ampla, cabe investigar como a produção de espaços de transição que considerem as possibilidades elencadas afetam o processo de concepção das novas edificações na legislação vigente e propor modelos de normatização para estes espaços, visando parametrizar as ferramentas para elaboração de leis e decretos para o espaço de transição nos centros urbanos.

Com o enfoque na experiência do usuário, propõe-se como continuação e sugestão para futuros trabalhos uma avaliação da experiência dos usuários desses espaços de transição, tanto usuários internos, proprietários, trabalhadores, moradores e clientes como transeuntes.

Também se sabe que a limitação do trabalho em selecionar quatorze casos de estudo não oferece uma leitura precisa da maneira como os edifícios tratam as relações entre as atmosferas de transição em Curitiba. Nesse sentido é possível ainda investigar a tratativa das transições em um recorte mais amplo, visando traçar um panorama geral da transição na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBEN, L. Quality of experience. Defining the criteria for effective interaction design. *Interactions*, nº 3, Vol. 3, p.11-15. Junho, 1996.

ALBUQUERQUE, Aline F. A questão habitacional em Curitiba: o enigma da “cidade-modelo”. 157 p. FAU-USP, São Paulo, 2007.

ALEXANDER, Christopher. SILVERSTEIN, Sara I. M. JACOBSON, Max. FIKSDAHL-KING, Ingrid. ANGEL, Shlomo. Nova Iorque: Oxford University Press, 1977.

ALLEN, Stan. Condições de Campo, 1999, apud SYKES, A. K. O campo ampliado da Arquitetura. São Paulo, Cosac Naify. 2013.

BACHELARD, Gaston. A poética do Espaço. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

BALSINI, André Reis. Espaços de Transição: Entre Arquitetura e a cidade. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

BARNABÉ, Paulo Marcos Mottos. A luz natural como diretriz de projeto. *Arquitextos*, São Paulo, ano 07, n. 084.01, Vitruvius, maio 2007 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.084/244>>.

BUCCI, Angelo. São Paulo, razões de arquitetura. Da dissolução aos edifícios e de como atravessar paredes. Coleção RG bolso, volume 6. São Paulo, Romano Guerra, 2010.

CASO, Olindo & CAVALLO, Roberto. Hybrid Buildings Celebrate the Collective Realm: Design Research at the TU Delft. International EAAE Conference-Workshop-Exhibition Educating the Future: Architectural Education in the International Perspective 21-23 March 2013, IKU, Istanbul

CONGRESSO PARA UM NOVO URBANISMO. Carta do Novo Urbanismo, 1996, apud SYKES, A. K. O campo ampliado da Arquitetura. São Paulo, Cosac Naify. 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1991.

DEARO, Guilherme. Curitiba Supera São Paulo em ranking e é cidade mais inteligente do Brasil. Exame, São Paulo, 5 de Setembro de 2018. Disponível em <<https://exame.abril.com.br/brasil/curitiba-supera-sao-paulo-em-ranking-e-e-cidade-mais-inteligente-do-brasil/>>. Acesso em 28 de Novembro de 2018.

DENATRAN – Departamento Nacional de Trânsito. Frota de Veículos – 2019, 12 de Fevereiro de 2019. Disponível em <<https://www.denatran.gov.br/estatistica/639-frota-2019>>. Acesso em Março de 2019.

DEWEY, J. Art as Experience. Nova Iorque: TachetPerigee, 2005.

DIEGO, Thomas. Au Brésil, Curitiba, l'ex-ville modèle d'Amérique latine, peine à se réinventer. Le Monde. Paris, 27 de Março de 2014. Disponível em <<http://mondeacplanete.blog.lemonde.fr/2014/03/27/au-bresil-curitiba-lex-ville-modele-damerique-latine-peine-a-se-reinventer/>>. Acesso em Abril de 2019.

DJAMEL, Kara. Entre-2 : l'espace transitionnel de l'enveloppe architecturale, in Séminaire Master 2: Problématique de l'enveloppe architecturale entre plasticité et technicité. Charcosset, Gérard (resp.), ENSA Paris Val de Seine, Paris, 2006-2007. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/000021034b81fbbd2b961>> Acessado em Abril de 2020. Apud. BALSINI, André Reis. Espaços de Transição: Entre Arquitetura e a cidade. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

ELEMENTAL. 4 Incremental Housing Projects. 2016. Disponível em <<http://www.elementalchile.cl/en/>> . Acesso em Março de 2020.

FRAYLING, C. Research in Art and Design. Royal College of Art. Research Papers. Volume 1, Number 1, 1993/4 apud. SANTOS, Agnaldo dos. Seleção do Método de Pesquisa. Guia para pós-graduandos em design e áreas afins. Curitiba, Insight. 2018.

FORLIZZI, J.; BARTABEE, K. Understanding experience in interactive systems. DIS2004, p.261-267, 2004.

FOUCAULT, Michel. O Corpo utópico, as Heterotopias. 1ª Ed. São Paulo: M-1 Edições: 2013.

GLAESER, Edward. *Triumph of the city: How our greatest invention make us richer, Smarter, Greener, Healthier, and Happier*. Basingstoke: Macmillan Publishers, 2011.

GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo, Perspectiva, 2013.

GERHARDT, Tatiana E. SILVEIRA, Denise T. *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre, UFRGS. 2009.

GORELIK, Adrián. *Arquitetura e Capitalismo: Os usos de Nova York*. apud KOOLHAAS, Rem. *Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes: 2000.

HEIDEGGER, M. *Construir, Habitar, Pensar*. 1954, Disponível em <http://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf>. Acesso em 23 de Março de 2018.

IBGE – Instituto brasileiro de geografia e estatística. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em Março de 2019.

INTERACTION DESIGN FOUNDATION. *The basics of user experience*. Interaction design foundation, 2018.

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. *Pesquisa Origem Destino Grande Curitiba*, 2016. Disponível em <<http://www.ippuc.org.br/mostrarpagina.php?pagina=536&idioma=1&liar=n%E3o>>. Acesso em Março de 2019.

ISOZAKI, Arata. *Japan-ness in Architecture*. 1ª Ed. Cambridge: The MIT Press, 2011.

KISTMANN, V. B. *Interdisciplinaridade: questões quanto à pesquisa e à inovação em design*. *Estudos em Design*, nº 3, Vol. 22, p-81-99. 2014.

KOOLHAAS, Rem. *Junkspace*, in *Três textos sobre a Cidade*, São Paulo, GGili. 2014.

KOOLHAAS, Rem. Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

KOOLHAAS, Rem e MAU, Bruce. S, M, L, XL: Small, Medium, Large, Extra-Large. Nova York: The Monacelli Press, 1995.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos da metodologia Científica. São Paulo, Atlas. 2010.

LAUANDE, Francisco. Oscar Niemeyer: erudição e sensibilidade. Projetos, São Paulo, ano 13, n. 147.02, Vitruvius, mar. 2013 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/13.147/4668>>.

LIMITE. Dicionário Online de Português, Abril de 2019. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/limite/>>. Acesso em Abril de 2019.

MARGOLIN, V. Getting to know the user. Design Studies, nº3, Vol. 18, p. 227-236. Julho, 1997.

MAAS, Winy. SVERDLOV, Alexander. WAUGH, Emily. THE WHY FACTORY: Visionary Cities. 1ª Ed. Delft: NAI Publishers, 2009.

MAAS, Winy. RAVON, Adrien. SALIJ, Tihamér. SVERDLOV, Alexander. MOLENDAA, Ania, WAART, Arend van. THE WHY FACTORY: Porocity. 1ª Ed. Delft: NAI Publishers, 2018.

MOREIRA, Daniela. São Paulo é a metrópole com mais moradores de favelas do Brasil, segundo o IBGE. Exame. São Paulo, 21 de Dezembro de 2011. Disponível em < <https://exame.abril.com.br/brasil/sao-paulo-e-metropole-com-mais-moradores-de-favelas-do-brasil-segundo-o-ibge/> > . Acesso em 28 de Novembro de 2018.

NAHAS, Maria Inês Pedrosa. Qualidade de Vida Urbana: Abordagens, indicadores e experiências internacionais. 1ª Ed. Belo Horizonte: Com Arte, 2015.

NESBITT, K. Uma nova agenda para a arquitetura. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

NETTO, Vinicius M. VARGAS, Julio C. SABOYA, Renato T. (Buscando) Os efeitos sociais da morfologia arquitetônica. Urbe – Revista brasileira de Gestão Urbana, v. 4, n. 2, p. 261-282, Jul / Dez. 2012.

NITSCHKE, Gunter. MA: Place, Space, Void. Kyoto Journal, 16 de Maio de 2018. Disponível em < <https://kyotojournal.org/culture-arts/ma-place-space-void/>>. Acesso em Março de 2019.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O Fenômeno do Lugar, 1976; apud. NESBITT, Kate. Uma Nova agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica 1965-1995. 2ª Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NORBERG-SHULZ, C. O Pensamento de Heidegger sobre Arquitetura. In: NESBITT, K. Uma nova agenda para a arquitetura. São Paulo: Cosac & Naify, 2008, p. 461-473.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. World Urbanization Prospects 2018. Disponível em < <https://population.un.org/wup/>>. Acesso em Março de 2019.

PALLASMAA, J. Los Ojos de la Piel. 1ª Ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.

PALLASMAA, J. Space, Place and Atmosphere. Emotion and peripheral perception in architectural experience. Lebenswelt, nº 4.1, p. 230-245. 2014.

PALLASMAA, J. Architecture as Experience. In: Driehaus Foundation Youtube Channel, 2017. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=HyJbWdQ_hvA>

PALLASMAA, J. Habitar. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017.

PALLASMAA, Juhani. Essências. São Paulo, Gustavo Gili. 2018.

PLANETIZEN. The 100 most influential Urbanists. Disponível em < <https://www.planetizen.com/features/95189-100-most-influential-urbanists>>. Acesso em Março de 2018.

REISER, Jesse & UEMOTO, Nanako. Introdução ao Atlas of Novel Tectonics, 2006, apud SYKES, A. K. O campo ampliado da Arquitetura. São Paulo, Cosac Naify. 2013.

SANTOS, Agnaldo dos. Seleção do método de pesquisa: Guia para pós-graduandos em Design e áreas afins. 1ª Ed. Curitiba: Insight, 2018.

SANTOS, Milton. A natureza do Espaço. São Paulo, Hucitec. 1997.

SCHMID, Aloísio Leoni. Conforto como atmosfera. Uma exploração da literatura sobre base da psicologia ambiental e da fenomenologia. *Arquitextos*, São Paulo, ano 18, n. 214.00, Vitruvius, mar. 2018 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.214/6930>>.

SCULLY JR., Vincent. *Arquitetura Moderna. A arquitetura da democracia*. Coleção Face Norte, volume 01. São Paulo SP Brasil, Cosac Naify, 2002.

SENNETT, Richard. *Construir e Habitar: Ética para uma cidade aberta*. 1ª Ed. Rio de Janeiro, Editora Record, 2018.

SPECK, Jeff. *Cidade Caminhável*. São Paulo, Perspectiva, 2016.

SIMON, Herbert A. *The Sciences of the Artificial*, MIT Press, Cambridge, MA, 1969.

ZAMIÁTIN, Yevgeny. *Nós*. 1ª Ed. São Paulo: Aleph, 2017.

ZUMTHOR, P. *Atmosferas*. 1ª Ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.

WRIGHT, P.; MCCARTHY, J; MEEKISON, L. Making Sense of Experience. In: BLYTHE, M. A.; OVERBEEKE, K.; MONK, A. F. ; WRIGHT, P. C. *Funology*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004, p. 43-54.

YIN, R. K. *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. 4ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.